

FABRÍCIO LUÍS DUARTE

TUDO QUE É OLÍMPICO DESMANCHA NO AR: os Jogos Pan-Americanos Rio
2007

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito à obtenção do título de
mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociologia.

Orientador: prof. Dr. Edilson José
Graciolli

Uberlândia

2012

FABRÍCIO LUÍS DUARTE

TUDO QUE É OLÍMPICO DESMANCHA NO AR: os Jogos Pan-Americanos Rio
2007

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito à obtenção do título de
mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociologia.

Uberlândia, 23 de fevereiro de 2012

Banca Examinadora

Prof. Dr. Edilson José Graciolli (Orientador – UFU)

Prof. Dr. João Marcos Alem (UFU)

Prof. Dr. Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco (EACH/USP - Leste)

Prof. Dr. Leonardo Barbosa e Silva (Suplente – UFU)

Prof. Dra. Valquíria Padilha (Suplente – FEA/USP – Ribeirão Preto)

Aos meus pais, Maria e Sebastião,
razão deste trabalho, pelo estímulo.
À minha querida companheira
Carol, pelo carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, Maria e Sebastião, que me acompanham com esmero ao longo da vida.

À Carol, fonte inesgotável de amor e carinho, pela compreensão no correr dos anos.

Ao Edilson, mestre idôneo, que assumiu a tarefa de orientar este trabalho sem qualquer objeção.

Aos membros da banca examinadora, João e Reinaldo, que aceitaram gentilmente ler e comentar este trabalho.

Ao Leonardo, pelos comentários valiosos desferidos no exame de qualificação.

Aos demais professores, colegas do mestrado e amigos que contribuíram, cada um à sua maneira, para as reflexões presentes.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, cujos recursos foram cruciais sobretudo à aquisição de livros.

“Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se consolidarem. Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar”

Karl Marx

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mapa do Plano Diretor do Pan Rio 2007.....	19
FOTO 1 -	48
FOTO 2 -	49
FIGURA 2 - Logomarca da Força de Trabalho Rio 2007.....	56
FOTO 3 -	96

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Despesas planejadas e realizadas no Pan-americano, por parceiro.....	88
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COB –	Comitê Olímpico Brasileiro
COI –	Comitê Olímpico Internacional
CO-RIO –	Comitê Organizador Rio 2007
FIFA –	Federação Internacional de Futebol Associado
ODEPA –	Organização Desportiva Pan-Americana
PAN –	Jogos Pan-Americanos
TCU –	Tribunal de Contas da União

SUMÁRIO

RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	12
CERIMÔNIA DE ABERTURA.....	13-15
1. OS JOGOS PAN-AMERICANOS RIO 2007 OU TUDO QUE É OLÍMPICO DESMANCHA NO AR	16
1.1. Notas sobre a “cena olímpica”.....	16-21
1.2. Breve antecedente histórico: o Pan de São Paulo (1963).....	21-22
1.3. O pleito-mercadoria: por trás dos processos de escolha das cidades-sede de megaeventos, presentes e luxo.....	22-25
1.4. Maracanã, o “templo do descartável”: a destruição inovadora.....	25-28
1.5. Vila Pan-Americana, a vila do desperdício: um espaço privatizado, no local inadequado, adequado ao capital.....	28-34
1.6. Um “Engenhão” de problemas.....	34-36
1.7. Produção e “consumo” de mercadorias esportivas tangíveis: os primórdios e a lógica atual.....	36-40
1.8. Rio, <i>habitat</i> de “elefantes brancos”: elevadas taxas de ociosidade no Parque Aquático Maria Lenk e no velódromo.....	40-43
1.9. O abandono do transporte “público” no Pan Rio 2007: a “sociedade dos automóveis”.....	43-44
1.10. Rio de Janeiro: uma cidade (temporariamente) “segura”.....	44
1.11. A mercadoria esporte-(tele)espetáculo: a produção “imaterial”.....	44-53
1.12. A geração de novos postos de trabalho: uma grande premissa (e “legado”) dos megaeventos esportivos.....	53-55
2. ESPORTE, OLIMPISMO E HEGEMONIA. O COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, O COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO E O COMITÊ ORGANIZADOR RIO 2007 COMO APARELHOS “PRIVADOS” DE HEGEMONIA NOS JOGOS NEOLIBERAIS.....	56
2.1. Olimpismo e voluntariado: <i>panis et circenses</i> ou Pan com migalhas de pão?..	56-79
2.2. <i>Fair play</i> ou “golpe baixo”?.....	79-80
2.3. Direção cultural (e econômica) ou tudo que é Pan-Americano transforma-se	

em mercadoria.....	80-87
2.4. Pan Rio 2007 e “sociedade política”: retirada de direitos e “saltos públicos sem barreiras” no financiamento do desperdício.....	87-91
2.5. “Cauêzadas” na “Cidade Maravilhosa”: representações em disputa e a construção do imaginário da criança no livro infantil <i>Cauê e o Rio: uma aventura nos Jogos Pan-americanos Rio 2007</i>	91-94
2.6. Material ideológico.....	94-98
3. PERSPECTIVAS CRÍTICAS AO ESTUDO DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL: RIO EM BUSCA DA DISTINÇÃO, ESTRANHAMENTO NO ESPORTE DE ALTA PERFORMANCE, O ESPORTE COMO TRABALHO E CONSUMO PRODUTIVOS, E MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO	99
3.1. Um espectro ronda os megaeventos no Brasil, o espectro da crítica marxista: Rio em busca da distinção.....	99-101
3.2. A supressão do estranhamento na práxis do atleta de alta performance como condição irrevogável à humanização efetiva do esporte e à emancipação humana.....	101-114
3.3. Digressão teórica: o esporte como trabalho e consumo produtivos.....	114-116
3.4. Considerações teórico-metodológicas finais: materialismo <i>histórico-dialético</i>	116-118
CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO.....	119-121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS.....	122-131

RESUMO

O objetivo desta dissertação consiste em entender a produção dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 no contexto do capitalismo “avançado”. A discussão é pautada em uma revisão da literatura, assim como em uma pesquisa documental, que abrange notícias de jornais, revistas, sites e documentos oficiais acerca desse megaevento esportivo. Evidencia-se que os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, criados a partir de amplos recursos financeiros estatais, foram marcados por uma produção perdulária, em que a taxa de utilização decrescente assume a posição de domínio, principalmente no que tange aos equipamentos esportivos. Nesse campo, o Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007 são compreendidos como aparelhos hegemônicos, como “organismos” da “sociedade civil” responsáveis por direção política, moral, cultural e ideológica: tais instituições atuam estimulando o trabalho voluntário, disseminando o esporte transformado em mercadoria, bem como promovendo a cultura do esporte de alta performance. Por fim, algumas questões são levantadas para futuras pesquisas, especialmente um debate sobre o estranhamento no esporte de alta performance, cuja supressão é condição irrevogável à humanização efetiva do esporte.

Palavras-Chave: Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Crítica da Economia Política. Hegemonia. Esporte de Alta Performance. Estranhamento.

ABSTRACT

The objective of this dissertation consists in understand the production of the Pan American Games Rio 2007 in the context of "advanced" capitalism. The discussion is guided by a literature review, as well as documentary research, which includes news from newspapers, magazines, websites and official documents about this mega sports events. It is evident that the Pan American Games Rio 2007, created through extensive state financial resources, were marked by a wasteful production in which the decreasing utilization rate assumes the dominant position, especially in relation to sports equipment. In this field, the International Olympic Committee, the Brazilian Olympic Committee and Rio 2007 Organizing Committee are understood as hegemonic apparatus, as "organisms" of "civil society" responsible for political, moral, cultural and ideological leadership: those institutions work stimulating volunteering , spreading the sport transformed into a commodity, as well as promoting the sports culture of high performance. Finally, some questions are raised for future researches, especially a debate about the estrangement in the sport of high performance, whose suppression is irrevocable condition to effective humanization of the sport.

Keywords: Pan American Games Rio 2007. Critique of Political Economy. Hegemony. High Performance Sport. Estrangement.

CERIMÔNIA DE ABERTURA

Antes de iniciar o presente “espetáculo”, cabe advertir que esta pesquisa sobre os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 esbarrou em inúmeras dificuldades, desde o seu nascimento. No Brasil, há uma escassez de livros, de teses e de trabalhos de grande fôlego, sob uma perspectiva crítica, acerca dos megaeventos esportivos e dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Os grupos de pesquisa que englobam a temática dos megaeventos esportivos só recentemente começam a surgir, em função de o Brasil ser o país sede da Copa do Mundo de futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de verão de 2016. Tudo isso reflete na carência de material empírico para uma pesquisa mais vigorosa. Ademais, a curta distância temporal entre a realização dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e a presente investigação coloca problemas de ordem empírica, porque muitos dos resultados desse megaevento só recentemente adquirem contornos mais nítidos.

Esta forma de conhecimento científico é relativa, condicionada, determinada historicamente e bastante limitada. Nesse contexto, uma conclusão definitiva da realidade concreta dos Jogos Pan-Americanos é realmente improvável. Entretanto, isso não significa que a presente inteligência deixe de buscar a superação de alguns limites dos saberes existentes sobre os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e, em geral, sobre os megaeventos esportivos no mundo contemporâneo.

Ciente de tais limites, e não se olvidando da essência do marxismo, de sua alma viva, este trabalho propõe-se a realizar uma análise concreta dos XV Jogos Pan-Americanos e III Jogos Parapan-Americanos (ou simplesmente Jogos Pan-Americanos Rio 2007), os quais foram sediados na cidade do Rio de Janeiro, em 2007, ano de realização da “cena olímpica”. A perscrutação visa localizar a origem dos problemas, operando por meio de um mergulho na realidade essencial, não se deixando enganar por superficialidades.

Devido à importância de situar os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 no quadro dos megaeventos esportivos internacionais, alusões a experiências de mesmo traço fazem-se presentes no decorrer desta dissertação. Ademais, algumas observações tecidas carecem de concreção, o que não as torna dispensáveis, já que no fim que se tem em vista está incluso o fornecimento de subsídios à inteligência não só dos Jogos Pan-

Americanos em tratamento nesta ocasião, como também de outras competições análogas. Afirmar que parte das observações ainda carece de concreção não implica *a priori* em ausência de concreção.

Apreender o estado dos Jogos Pan-Americanos, a partir da análise pormenorizada da recente edição de 2007, possibilita uma percepção acerca do estágio atual de desenvolvimento do capitalismo, ao menos em algumas de suas contemporâneas formas de ser. Logo, o esforço de lapidar cientificamente os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, um dos maiores e mais importantes megaeventos esportivos do mundo na atualidade, não é de forma alguma irrelevante às Ciências Sociais.

No que tange à empiria, esta pesquisa abrange tanto uma revisão da literatura, como uma pesquisa documental, referente aos “dados” de “primeira mão” (que na realidade são colhidos), isto é, àqueles que não passaram pelo esforço de lapidação científica. Materiais extraídos de jornais, de revistas e da internet, além de documentos oficiais provenientes do Estado, os quais estão sempre envoltos em relações de poder, ancoram-se em vigilância teórico-metodológica: eles constituem apenas um ponto de partida da investigação, e não o resultado final do fazer científico.

O primeiro capítulo desta intelecção evidencia a produção perdulária voltada para o desperdício nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, no quadro do capitalismo “avançado” ou dito “tardio”. Das munições e armas compradas para a segurança do Pan à favela Arroio Pavuna, do Maracanã à favela Canal do Cortado, do velódromo aos direitos sociais elementares, do Estádio João Havelange, o “Engenhão”, aos projetos de ampliação do metrô da cidade do Rio de Janeiro, do Parque Aquático Maria Lenk aos “overlays”, da Vila Pan-Americana aos novos postos de trabalhos temporários criados em função desse megaevento poliesportivo, em síntese, tudo que é olímpico desmancha no ar.

No segundo capítulo, o Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007 são compreendidos como aparelhos “privados” de hegemonia em atuação nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, os quais são responsáveis por direção política, moral, cultural e ideológica. Esses “organismos” ou aparelhos hegemônicos, além de elaborarem e difundirem concepções sociais de mundo atreladas à “cultura do voluntariado” (que se confunde com o olimpismo, uma das formas sob as quais aparece o neoliberalismo na atualidade), agem como potentes

lutadores no “ringue” cultural, nocauteando os espaços públicos e defendendo o esporte de alta performance, imediatamente transformado em mercadoria e altamente comercializável.

Esta dissertação, que leva o título de *Tudo que é olímpico desmancha no ar: os Jogos Pan-Americanos Rio 2007*, tem como fulcro o materialismo histórico-dialético. Não obstante parecer representar interesses universais, o bem comum, reunindo as vontades de toda a “nação”, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 não pairam no ar.¹ Esse megaevento não está alheio aos interesses e conflitos de classe: a gênese e a explicação para esse espetáculo são encontradas nas contradições imanentes à sociedade dividida em classes. A proposição sustentada no presente trabalho é a de que os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 não fogem às tendências mais gerais da lógica de valorização do capital vigentes nas últimas décadas, da taxa de utilização decrescente, das políticas neoliberais de retirada de direitos e de privatizações, no quadro do capitalismo “avançado” ou “tardio”.

¹ Marx (2011), em *O 18 de brumário*, afirma que o Estado não “paira no ar”, querendo dizer, com essa expressão, que o fenômeno Estado não está alheio aos interesses e conflitos de classe, devendo ser reportado à “estrutura” econômica do modo de produção capitalista. Portanto, com o uso de tal expressão, a presente intelecção visa remeter os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 ao terreno da materialidade concreta, donde deve ser buscada sua gênese e explicação.

1. OS JOGOS PAN-AMERICANOS RIO 2007 OU TUDO QUE É OLÍMPICO DESMANCHA NO AR

1.1. Notas sobre a “cena olímpica”

Os Jogos Pan-Americanos, ou simplesmente Pan, são um megaevento poliesportivo inspirado nos Jogos Olímpicos e em seus ideais de confraternização. O Pan tem alcance continental, restringe-se às Américas, e sua organização cabe à Organização Desportiva Pan-Americana, a proprietária dos Jogos e de sua marca, que abrange 42 Comitês Olímpicos Nacionais. Como ocorre com a Copa do Mundo de futebol e com os Jogos Olímpicos de verão e de inverno, os Jogos Pan-Americanos são realizados em intervalos de quatro anos, sob a égide ideológica da união e da amizade entre os “povos” das Américas.

O final do século XIX, exatamente o ano de 1896, assinala o renascimento dos Jogos Olímpicos, em Atenas, e, concomitantemente, o nascimento das Olimpíadas Modernas, idealizadas por Pierre de Coubertin – mais conhecido por seu título nobiliárquico, qual seja, o de Barão de Coubertin. Mas foi somente no congresso de abertura da Olimpíada de 1924, realizada em Paris, na França, que representantes de Cuba, Guatemala e México propuseram a criação de jogos regionais para os países da América Central. Em 1926, as competições programadas ocorreram e foram denominadas Jogos Centro-Americanos.

Durante a Olimpíada de 1932, em Los Angeles, representantes das delegações latino-americanas propuseram um grande evento poliesportivo, que envolvesse, além da América Central, as Américas do Norte e do Sul. A primeira experiência, de 1937, envolvendo 8 países, e competições de atletismo, boxe e luta Greco-romana, obteve êxito, o que contribuiu para que em 1940, em Buenos Aires, fosse realizada a primeira reunião do Congresso Desportivo Pan-americano, na qual foi deliberado que a capital argentina sediaria a primeira edição do Pan.

Em decorrência da II Guerra Mundial, o Pan de 1942, que seria a primeira edição do evento, não foi concretizado. Posteriormente, em 1948, após o fim da Guerra, houve novamente reunião do Congresso, e nela foi decidido que o Pan ocorreria em 1951, no mesmo local definido pelos partícipes na primeira reunião, isto é, na capital argentina, Buenos Aires. Dessa vez, as competições ocorreram conforme o planejado,

na cidade e no ano definidos pelo Congresso, marcando definitivamente a 1ª edição do Pan. Essa competição reuniu 2513 atletas, oriundos de 21 países, distribuídos em 18 esportes. Na ocasião, a anfitriã Argentina foi a maior vencedora, conquistando 150 medalhas: 68 de ouro, 44 de prata e 38 de bronze. Desde então, os Jogos Pan-Americanos cresceram vertiginosamente e hoje o evento figura entre as principais competições esportivas do calendário mundial.²

Da sua penúltima edição, os XV Jogos Pan-Americanos, realizados entre 13 e 29 de julho de 2007, no Brasil, cuja sede foi a cidade do Rio de Janeiro, participaram 5633 atletas, provenientes de 42 países, competindo em 34 esportes e 47 modalidades esportivas, durante dezesseis dias de competição.³ Como se depreende, o número de atletas participantes mais que dobrou desde a primeira edição. A organização desse evento coube ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Organizador dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007, o CO-RIO. No caso dos III Jogos Parapan-Americanos, realizados de 12 a 19 de agosto, estiveram envolvidos 1300 atletas, oriundos de 25 países, concorrendo em 10 modalidades esportivas. Tamanha grandeza faz os Jogos Pan-Americanos figurarem hoje entre os principais megaespetáculos esportivos realizados em todo o mundo, realidade que justifica sua escolha para a presente investigação.

Nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, os EUA trataram de reafirmar sua supremacia na “cena olímpica”. Mesmo sem contar com a presença de seus principais personagens esportivos, os norte-americanos ganharam 237 medalhas, sendo 97 de ouro, 88 de prata e 52 de bronze. Foram seguidos por Cuba, que conquistou 59 medalhas de ouro, 35 de prata e 41 de bronze. O Brasil ficou em terceiro lugar no número de medalhas de ouro e em segundo no total: foram 54 medalhas de ouro, 40 de prata e 67 de bronze. Na sequência, de acordo com o quadro de medalhas (considerando apenas os que obtiveram mais de 10 medalhas de ouro), vieram: Canadá, México, Colômbia e Argentina.

² Para saber mais sobre a história dos Jogos Pan-Americanos, é importante o livro de Cunha (2007), intitulado *Heróis da América: história completa dos jogos Pan-americanos*, que serviu como base a todo esse resgate histórico das “cenas olímpicas”.

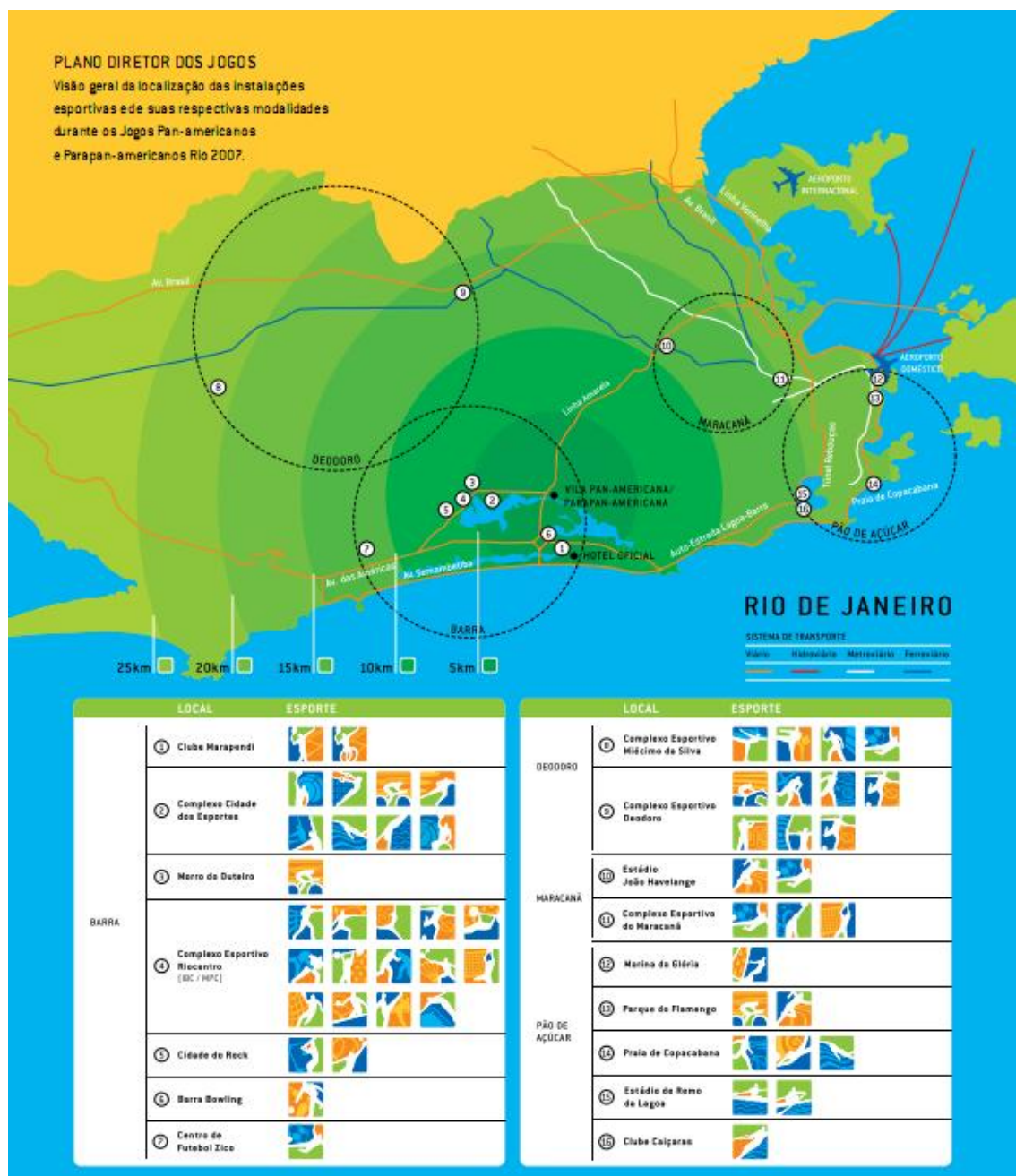
³ É importante discriminar o esporte, das modalidades esportivas. A título de exemplo, o atletismo, que, no caso, é o esporte, representa o conjunto mais amplo das modalidades esportivas de corrida, de arremessos e lançamentos, assim como de saltos.

O nadador brasileiro Thiago Pereira foi um dos personagens principais da trama dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Não só quebrou quatro recordes, como também ganhou o maior número de medalhas desse espetáculo, contabilizando 6 medalhas de ouro, 1 de prata e 1 de bronze. Com isso, ele se tornou o maior vencedor em uma edição dos Jogos Pan-Americanos. No total, incluindo os recordes desse nadador, a Organização Desportiva Pan-Americana homologou 60 novos recordes Pan-Americanos. A natação foi o esporte que mais obteve novos recordes no Pan, 22 ao todo.

Para dar sequência à “cena olímpica” (metáfora que, na verdade, traduz um conjunto mais amplo de cenas esportivas), uma vasta estrutura esportiva e não-esportiva foi necessária. As instalações necessárias à realização do grande teatro provieram tanto do aproveitamento e reforma de espaços e equipamentos já existentes como da construção de novos.

Entre as instalações não-esportivas utilizadas no espetáculo estão: a Vila Pan-Americana, o Hotel Windsor, o Aeroporto Internacional Tom Jobim e o Aeroporto Doméstico Santos Dumont, o Centro Internacional de Transmissão de Rádio e TV (IBC), o Centro Principal de Operações (MOC), o Centro de Operações Tecnológicas (TOC), o Centro de Credenciamento e Distribuição de Uniformes (UAC), a Garagem Central de Transportes e o Armazém Central dos Jogos.

Esse megaespetáculo poliesportivo foi dividido em 4 grandes áreas pela cidade do Rio de Janeiro, situadas próximas à Vila Pan-Americana. Eis o mapa do Plano Diretor do Pan, que oferece uma visão geral da localização das instalações do Jogos Pan-Americanos Rio 2007:



Na região da Barra estão situados o Complexo Cidade dos Esportes (Arena Olímpica do Rio, Parque Aquático Maria Lenk, Velódromo), o Complexo Riocentro (Pavilhões 2, 3A, 3B, 4A e 4B), o Clube Marapendi, o Morro do Outeiro, a Cidade do Rock, o Barra Bowling e o Centro de Futebol Zico. Na região Deodoro encontram-se o Complexo Esportivo Deodoro (Centro Nacional de Hipismo, Círculo Militar de Deodoro, o Centro de Tiro com Arco, o Centro Nacional de Tiro Esportivo, o Centro de

Hóquei sobre Grama) e o Complexo Esportivo Miécimo da Silva. Na região do Maracanã fazem-se presentes o Estádio João Havelange, o Complexo Esportivo do Maracanã (Estádio do Maracanã, Ginásio do Maracanãzinho e Parque Aquático Júlio Delamare). E na região Pão de Açúcar estão a Arena de Copacabana, a Arena Posto 6, o Parque do Flamengo, o Estádio de Remo da Lagoa, o Clube Caiçaras e a Marina da Glória.

Para os ensaios dos atletas de alta performance foram utilizadas inúmeras outras instalações: desde campos, ginásios, salas, pistas em asfalto e em terra, até quadras cobertas e piscinas, localizados próximos aos (e nos) locais das competições dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

A situação dos atletas de diferentes países competindo em inúmeras modalidades esportivas, a “cena olímpica” esboçada acima, quando é examinada mais de perto, desaparece com essa aparência superficial e enganosa, que dissimula os interesses de classe e naturaliza as desigualdades sociais.

Nesse sentido, as seguintes lucubrações de Bourdieu sobre os Jogos Olímpicos são profícuas também para compreender os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e quaisquer outros megaeventos esportivos:

O referencial aparente é a manifestação “real”, isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto de atletas vindos de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais universalistas, e um ritual, com forte coloração nacional, senão nacionalista, desfile por equipes nacionais, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição é internacional) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade (BOURDIEU, 1997, p. 123, grifos do autor).

Então, a “cena olímpica” é realizada sob ideais universalistas, e pan-americanistas no caso do Pan, com as atividades diretamente visíveis dos atletas mascarando as ações de uma infinidade de outros agentes:

(...) no jogo esportivo, o campeão, corredor de cem metros ou atleta do declato, é apenas o sujeito aparente de um espetáculo que é produzido de certa maneira duas vezes: uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo o cerimonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos (BOURDIEU, 1997, p. 127).

No caso dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, a “cena olímpica”, realizada sob o signo da união e da paz entre os “povos” das américas, oculta ainda toda uma cadeia de produção perdulária, que vai desde os equipamentos esportivos produzidos sob péssimas condições de trabalho na periferia do sistema capitalista, à produção descartável deliberadamente voltada para o desperdício, na qual imensos recursos “públicos”, de trabalho e de vida humanos são utilizados (desperdiçados) na construção e reforma de espaços privatizados com baixíssima taxa de utilização (além da compra de mercadorias inutilizadas). Além disso, a “cena olímpica” do Pan Rio 2007 esconde também tentativas de remoção (e remoções efetivas) de favelas, fenômeno intimamente relacionado com a especulação imobiliária e com a lógica de valorização do capital, além de um histórico de resistências de alguns grupos sociais a determinados projetos relacionados com esse megaevento esportivo. Assim, o (tele)espectador pode ter a ilusão de ver os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 em sua verdade efetiva, ao assistir às competições esportivas.⁴

1.2. Breve antecedente histórico: o Pan de São Paulo (1963)

Os primeiros Jogos Pan-Americanos realizados no Brasil ocorreram na capital paulista, em 1963, entre os dias 20 de abril e 5 de maio. Considerando a escala da

⁴ Marx (2011), em *O 18 de brumário*, “distingue” (entre aspas, pois, na verdade, há uma relação de correspondência, de articulação) a “cena política” (a realidade “aparente”) dos interesses das classes e frações de classes sociais (a realidade essencial ou profunda). Longe de querer atingir a profundidade das análises marxianas, uma metáfora semelhante é interessante por mostrar que por trás da “cena olímpica” (um véu cuja função consiste em ocultar a realidade profunda), subjazem interesses de classe. A “cena olímpica” é uma realidade “aparente”, enganosa e superficial, construída sob a égide ideológica do olimpismo, e por isso deve ser desmistificada.

história humana, é possível dizer que, embora seja curto o espaço de tempo existente entre esse evento, em São Paulo, e os Jogos Pan-Americanos de 2007, na cidade do Rio de Janeiro, pouco mais de quatro décadas, o primeiro parece pertencer à “pré-história” do capitalismo.

Para o Pan de São Paulo, o quarto da história na sequência cronológica, as instalações pré-existentes foram adaptadas e/ou modernizadas, de modo que não foi necessário construir nenhum novo equipamento esportivo. Cada apartamento da Vila Pan-Americana, que após os Jogos passou a servir de alojamento estudantil para o campus da Universidade de São Paulo (USP), acomodava até sete atletas, em camas emprestadas pelo Exército Brasileiro. As moças, cerca de 15 amontoadas em cada apartamento, lavavam suas próprias roupas e não tinham onde pendurá-las. Na Vila, os atletas pagaram diárias de seis dólares, que, corrigidos, correspondem a aproximadamente 50 dólares atualmente. Além do mais, nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, de 1963, todas as despesas de deslocamento e estadia no Brasil foram pagas pelas próprias delegações estrangeiras, razão pela qual alguns países não compareceram ao evento, e outros enviaram somente seus melhores atletas. A Argentina, um dos países mais ricos do continente à época, ofereceu ao Brasil carne como parte do pagamento das despesas de sua delegação.⁵

1.3. O pleito-mercadoria: por trás dos processos de escolha das cidades-sede de megaeventos, presentes e luxo

Ao contrário do que ocorreu no Pan de São Paulo, em 1963, nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 todas as despesas de deslocamento e hospedagem no Brasil foram pagas com recursos “públicos” pelo país sede. Os membros os Comitê Olímpicos Nacionais e da Organização Desportiva Pan-Americana ficaram hospedados em hotéis de luxo, com vistas para o mar, na região da Barra da Tijuca: Othon S.A., Windsor Barra Hotel (5 estrelas) e Hotel Royalty Barra Ltda. (4 estrelas) – o preço de cada diária foi de 600 reais, com pensão completa. Na Vila Pan-Americana, as despesas com hospedagem dos atletas de todas as delegações, que incluía serviços de hotelaria, foi de

⁵ Para saber mais sobre os Jogos Pan-Americanos de 1963, realizados em São Paulo, consultar o artigo *Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos*, de Mascarenhas (2009).

1137 reais por dia: no total, foram 141190 diárias, ou seja, envolveram um montante de mais de 160 milhões de reais.⁶

O pagamento da hospedagem completa dos membros dos Comitê Olímpicos Nacionais e da Organização Desportiva Pan-Americana, assim como dos atletas de todas as delegações, foi uma das condições favoráveis à “eleição” – que, na verdade efetiva, é uma aquisição, pois os votos são convertidos em moedas de troca – da cidade do Rio de Janeiro como cidade-sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007. Nesse sentido, o Brasil deve ser realmente chamado de país anfitrião, referente àquele que paga de fato todas as despesas.

Isso não é incomum no processo de definição das cidades-sede dos megaeventos esportivos, pelo menos desde a década de 1980. Quando se trata da realização de megaeventos esportivos pelo mundo, todas as relações sociais, incluindo os votos dos membros dos membros dos Comitês (da ODEPA, no caso dos Jogos Pan-Americanos, e do COI, no que se refere aos Jogos Olímpicos) que definem as cidades-sede, tendem à mercadoria.

Por ocasião da disputa pelos Jogos Olímpicos de inverno de 2002, um escândalo veio à tona em novembro de 1998: o comitê da candidatura de Salt Lake City teria pago despesas de educação e de moradia da filha de um membro do Comitê Olímpico Internacional. Após esse escândalo, a cada dia surgiram novas denúncias de favores aos membros do COI. Nos meses seguintes, viagens luxuosas ou férias caras, tratamentos médicos gratuitos, empregos ou contratos de consultoria, e até mesmo pagamentos em dinheiro efetuados diretamente para membros do COI (e para as suas famílias) foram relatados. Da mesma forma, espalharam-se notícias sobre pagamentos impróprios e presentes nas cidades de Atlanta, Sidney e Nagano.⁷

Muitas das acusações proferidas foram comprovadas em investigações: um relatório emitido pelo conselho de ética do comitê de Salt Lake City apontou a existência de inúmeros pagamentos aos membros do COI (e suas famílias), a fim de influenciar na seleção da sede dos Jogos de 2002. No caso mais notório, o Comitê da candidatura de Salt Lake City pagou viagens e tratamentos médicos para Ganga (um dos membros do COI), sua esposa e sua sogra. Mais de 17000 dólares foram pagos

⁶ Relatório do TCU. Disponível em: <www.tcu.gov.br>. Acesso em: 20 jul. 2009.

⁷ Informações extraídas do livro *Olympic Dreams: the impact of mega-events on local politics*, de Burbank, Andranovich e Heying (2001).

diretamente a essa família pelo Comitê de Salt Lake City. As despesas totais ultrapassaram 250000 dólares.⁸

O caso de Ganga não foi o único, visto que a filha de outro membro do COI, René Essomba, recebeu 108000 dólares do Comitê Organizador de Salt Lake City para aluguel, mensalidades e outras despesas enquanto ela assistia aulas na American University, em Washington. Alguns membros do Comitê Olímpico Internacional receberam pagamentos diretamente em dinheiro para propósitos não-documentados ou férias luxuosas, cujos incluíam Las Vegas, Disneylândia, além de uma viagem para a flórida para assistir ao Super Bowl de 1995. No total, o comitê da candidatura de Salt Lake City gastou mais de um milhão de dólares com presentes e assistências para atrair membros do COI.⁹

Salt Lake City não foi um caso isolado ou uma anomalia, visto que integrou um complexo sistema de relações entre os comitês das candidaturas nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália, e de ligações entre os membros dos comitês das candidaturas e o COI. Os rumores que circulam pelo menos desde a década de 1980 são comprovados como reais, pois existem padrões claros no *modus operandi* dos comitês das candidaturas, que inclui: o oferecimento de acomodações luxuosas, entretenimento, presentes e serviços aos membros do COI (assim como para as suas respectivas famílias); a contratação de lobistas profissionais para encurtar a distância entre os comitês das candidaturas e os membros individuais do COI; bolsas de estudo para atletas oriundos de países “em desenvolvimento”; assistência financeira, ensino superior e emprego na cidade-sede para parentes dos membros do COI. É evidente que alguns membros dos COI e seus parentes receberam extensos benefícios dos comitês de candidaturas em todo o mundo. Assim sendo, um comitê de candidatura não colocaria em risco suas chances deixando de entreter e de presentear os membros do COI de acordo com seus costumes, ou recusando seus pedidos de favores. O resultado da maior parte das investigações realizadas demonstrou que muitas das ações dos comitês das candidaturas são imprudentes, antiéticas e ilegais (LENSKYJ, 2000).

O Comitê Olímpico Internacional é uma associação de mais de 100 indivíduos da elite que tradicionalmente têm o poder para determinar quais as cidades-sede dos

⁸ Relatório do TCU (2009).

⁹ Idem.

Jogos Olímpicos – os atletas não têm poder nem direito ao voto no COI.¹⁰ A seleção das sedes é um processo que requer o interesse de Comitês Olímpicos Nacionais e o suporte dos governos nacionais das cidades candidatas. Até o momento de escolha da cidade-sede, o processo envolve uma intensa atividade de lobby direcionada aos membros do COI, a qual é levada a cabo pelas cidades candidatas e pelos governos locais. O processo de seleção das cidades-sede são muito criticados por serem secretos, abertos à influência política, ao suborno e à corrupção. Os membros do COI viajam pelo mundo e esperam ter suas despesas com viagens e com acomodações pagas: eles são recebidos como quase diplomatas pelo mundo, e aguardam um alto nível de hospitalidade da parte das cidades-sede, incluindo a cultura de serem sempre presenteados: é criada uma “cultura do luxo” entre as cidades candidatas e os membros do Comitê Olímpico Internacional (ROCHE, 2000).

1.4. Maracanã, o “templo do descartável”: a destruição inovadora

O Estádio Mário Filho, ou Maracanã, localizado no bairro de mesmo nome, foi construído para a Copa do Mundo de futebol de 1950. Durante muito tempo foi o maior estádio do mundo, e ainda é uma das instalações mais importantes do Brasil. Certamente, foi muito importante na construção do imaginário social e da identidade nacional. Em 1946, o Brasil foi confirmado como sede da Copa do Mundo de futebol de 1950: logo o Maracanã começou a ser construído, em 1948, sendo inaugurado em 16 de junho de 1950. A sua edificação envolveu cinco empresas construtoras e cerca de 11 mil operários, trabalhando em três turnos (MELO, 2007).

Nas reformas que envolveram o Complexo Esportivo do Maracanã para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 foram gastos quase 100 milhões de reais de recursos “públicos” provenientes da União. Os projetos envolveram ainda recursos do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Essas obras dizem respeito à aquisição e montagem de escadas rolantes, aos sistema de ar-condicionado e exaustão mecânica, aos assentos de arquibancadas, às placas termoacústicas, aos placares eletrônicos, ao fechamento lateral

¹⁰ Os membros do Comitê Olímpico Internacional são chamados por Simson e Jennings (1992) de “Os senhores dos Anéis”, expressão que se refere não somente aos símbolos dos cinco anéis entrelaçados e à origem aristocrática do COI: é também uma alusão à arrogância e à decadência desses membros.

do Maracanãzinho e à obra do Maracanã. No total, foram consumidos 250 milhões de reais de recursos “públicos”.¹¹

Condenado à efemeridade, à obsolescência programada, o Maracanã, que foi inteiramente reformado para o Pan Rio 2007, hoje pode ser denominado “templo do descartável”, tendo em vista que se encontra novamente em obras para receber a Copa do Mundo de futebol de 2014.¹² Com custos estimados hoje em mais de 1 bilhão de reais, o orçamento dessa reforma mais recente desmancha no ar a cada dia. É bastante criticável o direcionamento de amplos recursos “públicos” às constantes reformas desse espaço, que é privatizado, e cuja utilização não tem um sentido de comunidade (e sim o sentido do lucro, do esporte que toma a forma da mercadoria), para receber apenas alguns jogos da Copa das Confederações, em 2013, e da Copa do Mundo de futebol, no ano de 2014. Berman auxilia a compreender o que ocorre com o “templo do descartável” nos últimos anos:

(...) tudo o que a sociedade burguesa constrói é construído para ser deitado abaixo. <<Tudo o que é sólido>> – das roupas sobre os nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que trabalham com as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e empresas que os exploram, às vilas e cidades, regiões inteiras e até mesmo as nações que as envolvem – tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de poder ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo poder continuar, sem parar, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas. O *pathos* de todos os monumentos burgueses é que, na verdade, a sua força e solidez material não contam para nada e carecem de qualquer peso; é que se desmoronam como frágeis canas sacrificadas pelas próprias forças do desenvolvimento capitalista que celebram. Mesmo as mais belas e impressionantes construções burguesas e as suas obras públicas são descartáveis, capitalizadas para rápida depreciação e concebidas para se tornarem obsoletas; assim, estão mais próximas, na sua função social, de tendas e acampamentos do que das <<pirâmides egípcias, dos aquedutos romanos, das catedrais góticas>> (BERMAN, p. 111, grifos do autor).

No caso do “templo do descartável”, do Maracanã, o Estado perdulário lança mão da prática “produtiva” e criativa de destruir um estádio “novo”, completamente

¹¹ Relatório do TCU (2009).

¹² Levando-se em conta o retrospecto, e o intervalo de cerca de dois anos entre a Copa do Mundo de futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, existe a possibilidade de o “templo do descartável” ser novamente reformado para os Jogos Olímpicos de 2016.

reformado para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, através do direcionamento de exorbitantes recursos “públicos”, após um uso muito reduzido, a fim de substituí-lo por algo mais moderno e mais “avançado”, que atenda às necessidades da FIFA e dos padrões internacionais para a Copa do Mundo de futebol de 2014. Nesta “sociedade do espetáculo”, que necessita inequivocamente da mercadoria para sobreviver e, concomitantemente, de sua rápida aniquilação, a destruição consiste em um instrumento fundamental e privilegiado da produção. Sob o olhar de Baudrillard,

(...) a ordem da produção não sobrevive a não ser ao preço de semelhante extermínio, de perpétuo <<suicídio>> calculado do parque dos objectos, e que tal operação se baseia na <<sabotagem>> tecnológica ou no desuso organizado sob o signo da moda (BAUDRILLARD, p. 42, grifos do autor).

Desse modo, o potencial das forças produtivas é arrancado do trabalhador e destinado à produção deliberada do desperdício, tanto humano, de trabalho e de vida, como “natural”, isto é, do “meio ambiente”, da “natureza”, o que é fruto da separação dos produtores dos meios e dos materiais de suas atividades produtivas, do caracol de sua concha.¹³

Adorno e Horkheimer (1985), em *Dialética do esclarecimento* (texto publicado no ano de 1947), prognosticando com exatidão um mundo em que a mercadoria tende à onipresença e à onipotência, procuram explicitar a dialética da razão, ou seja, a contradição existente entre produção e destruição. Para esses pensadores, as sociedades capitalistas permanecem irracionais, a despeito de toda racionalização e de todos os avanços científico-tecnológicos: o que existe na verdade efetiva é um movimento catastrófico e destrutivo oculto nas noções de esclarecimento e de progresso.

Mais de quatro décadas após os Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963, é possível afirmar que o panorama alterou vultosamente, sendo possível colocar a taxa de utilização decrescente, no rol das modalidades mais praticadas nos Jogos Pan-

¹³ A expressão “o caracol e a sua concha”, extraída de Marx (2006), foi consagrada com Antunes (2005): a metáfora procura explicitar a articulação/desarticulação entre o trabalhador, o caracol, e a sua concha, os meios de produção. Na economia mercantil-capitalista, o caracol, o produtor, encontra-se apartado dos meios de produção, de sua concha.

Americanos Rio 2007.¹⁴ Quando desveladas as determinações subjacentes ao Pan Rio 2007, torna-se claro o êxito da produção deliberada do desperdício, já que esse megaevento poliesportivo não foge às tendências mais gerais do capitalismo “avançado”.

Benjamin, em suas teses “Sobre o Conceito da História”, especificamente na tese de número sete, argumenta: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (BENJAMIN, 1994, p. 225). Assim, as pirâmides do Egito foram construídas pelos escravos hebreus, e o Arco do Triunfo, em Paris, é uma magnífico monumento em homenagem à barbárie guerreira (LÖWY, 2009). No caso do Maracanã, o “templo do descartável”, esse “monumento de cultura” é, concomitantemente, um documento de subsunção do trabalho ao capital, um documento do desperdício de recursos “públicos”, de trabalho e de vida humanos despendidos em favor do esporte privatizado transformado em mercadoria, em prol da valorização do capital.

1.5. Vila Pan-Americana, a vila do desperdício: um espaço privatizado, no local inadequado, adequado ao capital

Somente na construção da infraestrutura da Vila Pan-Americana para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, foram gastos 52 milhões de reais de recursos “públicos” provenientes da União: referem-se à construção das Vias 3, 5, 6 e Canal, à implantação de Unidade de Tratamento do Canal do Arroio Fundo (idealizado de modo que as águas do canal, no trecho em que atravessa a Vila, parecessem limpas e inodoras, segundo o Tribunal de Contas da União), à melhoria da Avenida Ayrton Senna (duplicação de trecho específico, execução de passeios, implantação de redes de drenagem de águas pluviais e de iluminação pública, construção da ponte sobre o rio Arroio Fundo e passarela em frente à Vila), e ao reassentamento de moradores próximos ao Canal do Anil.¹⁵

¹⁴ A lei tendencial da taxa de utilização decrescente é perscrutada por Mészáros (2002), e a expressão capitalismo “avançado”, utilizada constantemente neste trabalho, pertence a esse mesmo autor, a qual visa caracterizar a lógica perdulária mais recente da produção capitalista.

¹⁵ Relatório do TCU (2009).

A Unidade de Tratamento do Arroio Fundo foi a única obra planejada para término após o Pan Rio 2007. Haveria uma primeira fase de melhoramento de odor e turbidez, com elementos provisórios de tratamento. Após essa fase de implantação provisória, a obra continuaria em andamento. Porém a Prefeitura não comprovou regular utilização dos recursos e, por conseguinte, as obras foram suspensas: a Unidade de Tratamento do Arroio Fundo foi inaugurada em dezembro de 2010. As obras de melhoramento da Avenida Ayrton Senna sequer chegaram a ser iniciadas até o término do Pan. A remoção de habitações consideradas “irregulares” no entorno da área da Vila (na comunidade do Canal do Anil) foi orçada em três milhões de reais. Segundo o Tribunal de Contas da União, por ocasião do processo de demolição, as casas foram ocupadas por novos moradores sob a proteção da Associação de Moradores e de alguns movimentos sociais.¹⁶

De acordo com Lenskyj (2008), os Jogos Olímpicos e outros eventos esportivos ameaçam os direitos básicos e a liberdade dos residentes nas cidades-sede, com impactos sérios nas pessoas de baixa renda e sem casas. A asserção é igualmente válida aos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. A política de remoção de habitações no entorno da Vila Pan-Americana está diretamente relacionada com a especulação imobiliária, na qual o valor de uso, isto é, a moradia, é radicalmente subordinado à valorização do capital.

Sob o pretexto do Pan, duas favelas relacionadas com a construção da Vila e do Complexo do Autódromo foram removidas, Arroio Pavuna e Canal do Cortado, e duas resistiram, Vila Autódromo e Canal do Anil. Nesse contexto, à luz das pesquisas de Benedicto (2008), a remoção de 67 famílias de Arroio Pavuna caracteriza a participação das empreiteiras e de especuladores imobiliários na região da Barra da Tijuca, porque as famílias teriam sido indenizadas com cheques administrativos de empresas particulares, a maioria deles oriundos da construtora Carvalho Hosken, uma das maiores doadoras da campanha de César Maia.

As obras e remoções mencionadas acima caminham indubitavelmente no sentido não só de valorizar a marca Jogos Pan-Americanos, mas também a Vila Pan-Americana, e sobretudo a imagem da cidade do Rio de Janeiro. A Vila Pan-Americana visa fornecer uma imagem “espetacular” (“aparente”, mas não ilusória) e expurgada da

¹⁶ Para saber mais sobre o caso das resistências no Canal do Anil, consultar Benedicto (2008).

cidade, um *locus* onírico, livre dos odores e da pobreza que cortam de lado a lado a cidade do Rio de Janeiro. Essa imagem da Vila Pan-Americana, que forma uma “ilha de segurança e beleza”, é capaz projetar uma imagem espetacular da cidade, tanto através dos atletas e visitantes, como por meio dos *mass media*. As Vilas Olímpicas, assim como a Vila Pan-Americana, recriam um mundo em miniatura, buscam fornecer uma imagem espetacular, “aparente” ou expurgada da cidade, uma imagem sem deformações, sem deficiências, e sem os excessos do espaço urbano real (MUÑOZ, 2006).

Diga-se de passagem, é importante esclarecer que vozes destoaram de políticas e de projetos realizados por ocasião dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, o que corrobora as teses segundo as quais a dominação nunca é absoluta. Nesta dissertação, o emprego da palavra “tudo”, utilizada na expressão “tudo que é olímpico desmancha no ar”, comporta não o sentido de que a totalidade das coisas desmancha no ar.¹⁷ A intenção consiste em reforçar o essencial, o que é importante, ou o que de fato conta, isto é, os resultados do Pan Rio 2007 convergem fundamentalmente com os interesses do capital. A categoria fetichizada que visa entender o Estado meramente como um comitê executivo dos interesses da burguesia, que acaba reificando a realidade, é refutada, já que o que define o Estado, enquanto formação política em constante devir, é, na realidade efetiva das coisas, a condensação da correlação de forças existente, perceptível na interrupção da demolição das moradias pelo Estado após a realização de protestos.

Sabe-se que a imagem da cidade conseguida por meio da organização de um espaço urbano “espetacular” ou “aparente” é um mecanismo interessante para atrair capital móvel e pessoas de todos os tipos, em um período de intensa competição interurbana e de empreendedorismo urbano, no qual o neoliberalismo tornou-se um dos quadros principais de experiência na qual o desenvolvimento urbano é compreendido (HALL, 2006).

¹⁷ Pode-se inserir, no que tange ao duradouro, a construção da identidade nacional através da realização do Pan Rio 2007. Esporte e megaeventos esportivos são elementos (de hegemonia, nos termos gramscianos) cruciais no processo sócio-histórico de construção da identidade nacional. Ao mesmo tempo, um megaevento esportivo pode ser um *locus* para a manifestação de sentimentos e identidades coletivas de contestação social: novamente, é importante consultar a dissertação de Benedicto (2008), que versa sobre várias formas de resistência existentes em função do Pan Rio 2007.

Na construção da privatizada Vila Pan-Americana foram gastos 189 milhões de reais de recursos “públicos”, financiados pela Caixa Econômica Federal, através do Fundo de Amparo ao Trabalhador. Esse projeto envolveu a criação de 1480 unidades habitacionais, divididas em 17 prédios. Só a título de locação da Vila por dez meses, ou seja, para a utilização dos apartamentos durante os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, a União gastou mais 25 milhões de reais. Ademais, a Vila ficou fechada sem uso por quase um ano, após abrigar os atletas de alta performance que participaram das competições.¹⁸ Os apartamentos da Vila Pan-Americana foram construídos de forma flexível, de modo a abranger alguns graus da hierarquia do consumo, possibilitando a venda dos apartamentos de forma rápida: em um dia mais de 90% dos apartamentos foram vendidos.

A imagem “aparente” ou “espetacular” do condomínio da Vila Pan-Americana apresentada aos compradores dos apartamentos está atrelada à praticidade, à segurança e ao lazer. O condomínio formaria uma “ilha de prazer e lazer” e, além disso, estaria em um local onde “você tem tudo por perto”. A Vila foi projetada para ter salão de festas, fitness center, salão de jogos, business center, sauna, piscinas, churrasqueira, mesas para piquenique, pista de cooper, bosque e lago com ilha, vagas de garagem, sistema de segurança e estacionamento para visitantes. A praticidade do condomínio seria medida pelo acesso fácil, devido à proximidade, a shopping centers, universidades, fast-foods e hospitais. Caso essa proximidade exista, do modo como a publicidade apresentou, a construção da Vila Pan-Americana na região da Barra atua fornecendo consumidores para as empresas localizadas na região. Devido aos inúmeros problemas apresentados até hoje, estima-se que a taxa de ocupação dos imóveis desse condomínio esteja em torno de apenas 50% atualmente.¹⁹

Ao encontro disso, de acordo com Baudrillard:

A montra, o anúncio publicitário, a firma produtora e a *marca*, que desempenha aqui um papel essencial, impõem uma visão coerente, colectiva, de uma espécie de totalidade quase indissociável, de cadeia que deixa aparecer como série organizada de objectos simples e se

¹⁸ MENCHEN, D; RANGEL, S. Quase um ano após o Pan, Vila é cidade-fantasma. Folha de São Paulo, São Paulo, 05 jun. 2008. Caderno Esporte.

¹⁹ MOURA, P. Em estado de abandono, apartamentos da Vila do Pan serão leiloados. Blog do Juca Kfoury, 02 fev. 2011. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2011/02/o-legado-do-pan-2007/>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

manifesta como encadeamento de significantes, na medida em que se significam um ao outro como um superobjecto mais complexo e arrastando o consumidor para uma série de motivações mais complexas (BAUDRILLARD, p. 2007, p. 17, grifos do autor).

Na “sociedade de consumo”, as mercadorias são produzidas como signos e símbolos. Isso significa que o consumidor adquire não somente uma mercadoria ou um valor de uso qualquer, ele consome também uma simbologia incrustada, uma ideologia, uma concepção social de mundo, ele compra prestígio social, *status*, determinados estilos de vida e modos de viver. O comprador de uma mercadoria não quer adquirir somente um valor de uso, ele quer um valor de uso que também tenha um valor de signo.

A Vila Pan-Americana dos Jogos Rio 2007 revela uma das contradições fundamentais do capitalismo, a existente entre forças produtivas e relações de produção. Compreende-se, a partir da análise desse caso, a dimensão positiva do capital, isto é, a superação de limites através do desenvolvimento das forças produtivas, que inclui o rompimento de barreiras naturais na construção de grandes edificações (o que poderia ajudar a suprir as necessidades de moradia de milhares de trabalhadores, a reduzir o *deficit* habitacional da cidade do Rio de Janeiro), e, ao mesmo tempo, a sua essência negativa, que concerne à produção assentada na lógica do capital, ou seja, nas relações de produção capitalistas, em que muitos dos apartamentos construídos permanecem inutilizados.

O potencial das forças produtivas atingiu nas últimas décadas formidável patamar, sendo capaz de quebrar inúmeras barreiras naturais, como, por exemplo, construir grandes edifícios sobre terrenos instáveis, desviando tendencialmente as barreiras naturais. Nesse sentido, a “vila do desperdício” foi edificada próximo à Lagoa de Jacarepaguá, num terreno predominantemente turfoso e com características de elevada umidade subterrânea. Para construí-la, foi necessária a construção de fundações de cerca de 50 metros. Dadas as condições naturais, o local era mais adequado à construção de parques (MASCARENHAS, 2009).

Na Vila Pan-Americana, além dos estrados descartáveis das camas, que quebravam a todo momento durante a estadia dos atletas, atualmente tudo parece

desmanchar no ar.²⁰ Nos locais em que não há fundações, como na pista de ciclismo, crateras e buracos aparecem constantemente no solo do condomínio. Ademais, deslizamentos de terra já provocaram também a queda de grades.²¹

De acordo com Benedicto (2008), a falta de sinalização no entorno da Vila Pan-Americana, durante a sua construção, ocasionou um acidente fatal com um dos operários da obra. Diante da ausência de infraestrutura, os operários organizaram greves reivindicando melhores condições de trabalho.

As Vilas Olímpicas das duas últimas décadas do século XX evidenciam um grupo heterogêneo de projetos: a experiência do urbanismo socialista de Moscou, em 1980; os planos de regeneração de Seul (1988) e de Barcelona (1992), que contrastam com os planos de natureza efêmera de Vilas Olímpicas em campus universitários em Los Angeles (1984) e Atlanta (1996). A título de comparação, o projeto da Vila Pan-Americana Rio 2007 difere substancialmente da experiência dos Jogos Olímpicos de Los Angeles de 1984 (em que foi mínima a interferência estatal, de injeção de recursos “públicos”), cujo modelo adotado teve um impacto urbano mínimo: nenhuma Vila Olímpica foi construída e os atletas ficaram hospedados em três *campus* universitários. Em Atlanta (1996), o formato minimalista de Los Angeles foi reproduzido: as instalações do Instituto de Tecnologia da Geórgia foram usadas como Vila Olímpica (MUÑOZ, 2006). No caso de Sidney e de Barcelona, as acomodações construídas foram destinadas ao “setor” privado (TOOHEY; VEAL, 2007).

Para os Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003), a Vila Pan-Americana foi construída em La Caleta, bairro situado em um município vizinho, a cidade balneária de Boca Chica. O principal motivo para a construção da Vila nesse local foi o potencial de comercialização dos imóveis após o evento, devido à proximidade da famosa praia de Boca Chica e à inserção no vetor leste de expansão nobre da região metropolitana de Santo Domingo. Um aspecto central da política urbana dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, que consolidou um modelo excludente e segregador, foi a concentração espacial de investimentos em áreas socialmente privilegiadas, exatamente na zona leste. Nesse evento, foram gastos 240 milhões de

²⁰ FERRARI, L. Cama quebra na Vila e faz atletas dormirem no chão. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 jul. de 2007. Caderno Esporte.

²¹ PORTAL TERRA. Crateras no solo assustam moradores da Vila do Pan no Rio. 16 nov. 2009. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4103314-EI8139,00-Crateras+no+solo+assustam+moradores+da+Vila+do+Pan+no+Rio.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

dólares no total, oito vezes o previsto inicialmente, o que ocasionou o endividamento do país junto ao FMI. A quadra poliesportiva construída teve um resultado mais comunitário, porque passou a ser utilizada por escolas após a realização desses Jogos Pan-Americanos.²²

1.6. Um “Engenhão” de problemas

O Estádio João Havelange (ou “Engenhão”, mais tarde apelidado também de “Vazão”, por estar sendo pouco frequentado pelos torcedores do Botafogo), um estádio multiuso construído para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, que consumiu em torno de R\$ 380 milhões de recursos “públicos” (esta pesquisa não conseguiu informações precisas sobre esses valores: outras fontes falam em 400 e 430 milhões de reais), provenientes do governo municipal da cidade do Rio de Janeiro, apresenta problemas desde a época de sua construção. Documentos do Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro corroboram inúmeras falhas, algumas delas corrigidas após reclamação do órgão.²³

Deve-se levar em conta que a construção de grandes estádios como o “Engenhão” é bastante problemática do ponto de vista comunitário, visto que tais espaços são abertos poucas vezes por semana ao “lazer” dos espectadores e à prática do esporte privatizados, transformados em valores de troca, isto é, em mercadorias. Além das baixas médias de espectadores existentes nos dias de jogos do Campeonato Brasileiro de futebol, desde a construção do Estádio João Havelange até os dias mais recentes, é importante deixar claro que raríssimas vezes ocorreram competições de atletismo nesse local. São realizados ocasionalmente alguns shows de cantores ou grupos musicais nesse estádio.

Nesse sentido, as lucubrações de Marx são fundamentais ao entendimento da mercadoria. Para ele:

²² Conferir o artigo de Mascarenhas (2008), *Globalização e governo urbano nos megaeventos olímpicos: os jogos panamericanos de Santo Domingo-2003*.

²³ Os documentos de auditoria realizada pelo Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro (2009) comprovam casos de improbidade, e que discutem os problemas não só no Estádio João Havelange, mas também nas instalações da Arena Multiuso, do Parque Aquático Maria Lenk e do Velódromo Municipal.

(...) embora calçados sejam úteis à marcha da sociedade e nosso capitalista seja um decidido progressista, não fabrica sapatos por paixão aos sapatos. Na produção de mercadorias, nosso capitalista não é movido por puro amor aos valores-de-uso. Produz valores-de-uso apenas por serem e enquanto forem substrato material, detentores de valor-de-troca. Tem dois objetivos. Primeiro, quer produzir um valor-de-uso que tenha um valor-de-troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e força de trabalho, pelos quais antecipou seu bom dinheiro no mercado. Além de um valor-de-uso, quer produzir mercadoria; além de valor-de-uso, valor, e não só valor, mas também valor excedente (mais-valia) (MARX, 2006, p. 220).

Isso quer dizer que a mercadoria é constituída pela unidade dialética entre valor de uso e valor, ela é o processo da contradição entre seu conteúdo, o valor de uso, e sua forma sócio-histórica, isto é, o valor, que, na aparência, é valor de troca. No capitalismo, a mercadoria enquanto valor de uso somente é produzida porque cria não só valor, mas também valor excedente, mais-valia. Em outras palavras, a produção de um valor de uso está radicalmente subordinada à valorização do valor na economia capitalista. Desse modo, de um extremo ao outro, a mercadoria pode estar em constante uso, jamais ser utilizada, ou ser produzida para a imediata destruição, atendendo perfeitamente, de todas essas formas, aos interesses expansionistas da lógica de valorização do capital.

Diga-se apenas de passagem (a título de elucidar como a criação de um valor de uso está subjugada à valorização do capital), que Engels, ao descobrir que as casas em Manchester eram feitas para durar apenas 40 anos, ficou espantado, não imaginando que isso viria a ser a prática dominante do capitalismo vindouro.²⁴ Em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Engels afirma:

Com efeito, estima-se que as casas operárias são habitáveis, em média, por apenas quarenta anos – o que causa estranheza quando vemos as belas paredes das casas novas, que parecem prometer uma duração secular; mas é assim mesmo: a avareza que preside a

²⁴ A redução da durabilidade, do “ciclo de vida útil” das mercadorias, tal como é o caso das casas, consiste em um mecanismo bastante sutil empregada pelo capital para retirar direitos dos trabalhadores e, por conseguinte, para expandir seus lucros.

construção, a ausência sistemática de reparos, a frequência com que permanecem desabitadas, a incessante alternância dos locatários e, também, a depredação (em geral, vigas de madeira são arrancadas para garantir o fogo) realizada por eles (a maioria, irlandeses) nos últimos dez anos de habitabilidade fazem com que essas casas, ao fim de quarenta anos, estejam em ruínas (ENGELS, 2008, p. 100).

Retornando à problemática principal deste subitem, faz-se mister relatar que a construção do Estádio João Havelange ocasionou a perda da quadra da Escola Técnica Estadual Silva Freire, cujo espaço deu lugar a um dos acessos desse estádio (BENEDICTO, 2008).

Além do mais, de acordo com o Botafogo, time que tem a concessão para uso do “Engenhão”, cujos muros caíram por duas vezes só em 2007, existem problemas estruturais nesse estádio. Segundo O Globo, em ofício enviado à prefeitura do Rio de Janeiro, o time carioca lista 30 defeitos de infraestrutura e manutenção. São apontados problemas de infiltração que atingem as casas das máquinas dos elevadores. Existem falhas no projeto, como a ausência de refrigeração própria na sala onde estão os equipamentos que acionam os geradores em caso de falta de energia. Os sensores dos telões e dos placares eletrônicos podem derreter devido ao excesso de calor, detectores de fumaça e a drenagem do setor sul não funcionam e, além do mais, algumas câmeras de segurança sequer chegaram a ser instaladas.²⁵

O “Engenhão” é um “monumento de cultura” que, concomitantemente, é um documento da barbárie do sistema opressivo de dominação capitalista, de trabalho precarizado, de incontestável superexploração do trabalho, além de ser um documento do desperdício vigente na produção capitalista contemporânea. Esse documento de barbárie social, no qual morreu um operário, que trabalhava em sua construção, resultado de uma queda, foi palco de uma greve em 2007, na qual os trabalhadores exigiam melhores condições de trabalho. Com essa segunda morte, percebe-se que o progresso exitoso do grande sistema econômico capitalista é acompanhado de pequenas tragédias individuais.

1.7. Produção e “consumo” de mercadorias esportivas tangíveis: os primórdios e a lógica atual

²⁵ Ofício do Botafogo lista 30 problemas de estrutura do Engenhão. Disponível no site *globo.com* (2010).

De acordo com a Folha, 546 dias após os Jogos, parte dos 251 mil itens adquiridos para as competições na cidade do Rio de Janeiro, sofriam com disputas ou dormiam em depósitos à espera de catalogação ou pedido de uso. Houve materiais que sequer foram utilizados nos Jogos e que simplesmente ficaram guardados.²⁶ Segundo o TCU, alguns equipamentos esportivos chegaram quando o evento já havia começado, e outros sequer foram utilizados.²⁷ Para que os interesses do capital sejam atendidos, não importa que os equipamentos sejam utilizados pelos atletas de alta performance nas competições, pois é suficiente que eles saiam dos portões das fábricas direto para os porões da taxa de utilização decrescente no capitalismo “avançado”.²⁸ Para esse caso, a utilização da acepção “consumir”, no sentido de gastar até o fim, isto é, de fazer sumir, parece bastante problemática.²⁹

No caso dos “overlays”, correspondentes à infraestrutura de suporte técnico temporário, como a locação de equipamentos utilizados na construção de instalações esportivas e não esportivas e da Vila Pan-Americana, a relação é absurdamente lucrativa. Entre esses equipamentos estão: arquibancadas com assentos, tendas, cercas metálicas, divisórias, forros, elementos de sinalização visual, instalações elétricas, móveis e eletrodomésticos. Os gastos “públicos” com os “overlays” foram de cerca de 70 milhões de reais. Em vez de reformar e de adquirir equipamentos, o que não deixa de ser problemático, tendo em vista que a taxa decrescente de utilização predomina, e de montar estruturas definitivas (desde que não provoquem danos ambientais) para a prática “pública” do esporte (do esportista, em oposição à prática privada do espectador, pagador de ingressos), o Estado aluga equipamentos que são devolvidos às empresas tão logo acabe o evento.³⁰

A prática de exercícios físicos em espaços “públicos” também não está isenta de problemas e de contradições, porquanto pode significar muitas vezes a mera reprodução da força de trabalho, ainda que o fenômeno esporte não se resuma a isso.

²⁶ ALVES, G.; CIPRIANO, C.; OHATA, E. Herança do Pan divide governo e COB. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 set. 2009. Caderno Esporte.

²⁷ Relatório do TCU (2009).

²⁸ Os termos capitalismo “avançado”, “sociedade do espetáculo”, “sociedade de consumo”, e capitalismo “tardio” são utilizados nesta dissertação com um mesmo sentido, buscando retratar a lógica mais recente do capitalismo contemporâneo, ao menos em algumas de suas formas de ser.

²⁹ Esses equipamentos eram realmente necessários às competições do Pan Rio 2007? Ao que tudo indica, a competição funcionou perfeitamente sem eles. São questões passíveis ainda de averiguação em um próximo projeto.

³⁰ Mais lucrativos ainda foram os serviços superfaturados da Vila Pan-Americana, os quais são comprovados por relatório do TCU (2009).

Deve-se ter em mente que as formas de resistência são reais e persistem no esporte: o fenômeno social esporte não é somente um *locus* de reprodução cultural, visto que existem pressões indicando sentidos alternativos.

A produção e a distribuição de mercadorias esportivas, que envolve hoje calçados, uniformes, bolas, bastões, raquetes, luvas, equipamentos de proteção e uma infinidade de outros artigos, foram rudimentares e mal organizadas até as últimas três décadas do século XIX. Atletas e esportistas confeccionavam seus próprios uniformes e equipamentos ou usavam equipamentos e roupas fornecidos por casas de artesanato, mercadores (importadores) ou artesãos que produziam bens esportivos como atividade secundária. Entretanto, as condições alteraram-se rapidamente após os anos 1870 com as novas condições econômicas, sociais e culturais, que criaram um mercado padronizado de produção de bens e equipamentos esportivos. O aumento da participação nos esportes, a profissionalização dos esportes, as inovações tecnológicas que tornaram a produção em larga escala viável, e o crescimento de uma classe urbana de espectadores para eventos esportivos, combinaram-se para dar sustentação à indústria de bens e mercadorias esportivos. Os empresários observaram um potencial para lucros no fornecimento e abastecimento da demanda para equipamentos e bens esportivos (SAGE, 2003).

Após a Segunda Guerra Mundial, o esporte comercial tornou-se uma indústria florescente em todo o mundo, e a indústria de mercadorias esportivas experienciou um crescimento rápido e sustentado. Nos anos 1990, as principais corporações produtoras de mercadorias esportivas na indústria eram componentes de conglomerados corporativos envolvidos em uma variedade de empreendimentos comerciais. Ao adentrar o século XXI, vê-se um número pequeno de corporações transnacionais controlando a maior porção da indústria de mercadorias esportivas (SAGE, 2004).

Atualmente, as indústrias de mercadorias esportivas percorrem o mundo em busca de força de trabalho barata e de locais em que as regulamentações de segurança e ambiental são fracas. Com a recolocação das indústrias em países da periferia do capitalismo, as grandes corporações transnacionais acabam pagando aos trabalhadores da periferia (que trabalham em longas jornadas de trabalho, sob péssimas e inseguras condições) apenas uma fração do que pagavam aos trabalhadores de países desenvolvidos. Na periferia do sistema, essas corporações transnacionais são capazes de

poluir a água, o ar e o solo, e são autorizadas a despejar produtos químicos tóxicos, pesticidas proibidos e drogas cujos usos não são permitidos em países desenvolvidos. Além disso, são providos abatimentos de impostos em ambos os países (tanto “em casa”, isto é, nas sedes das corporações, como nos países estrangeiros). Enquanto as corporações fornecem emprego para muitos trabalhadores nos países periféricos e extraem grandes lucros com o sistema de exportações, sérios custos individuais, sociais e ambientais são envolvidos nesse sistema (SAGE, 2004).

Na última metade do século XIX a popularidade do esporte cresceu: as pessoas experimentaram a diversão, a excitação, a boa condição física e melhoraram a qualidade de vida, resultados em parte proporcionados pelo ato de assistir e praticar esporte. De outro lado, é irônico que muitos desses equipamentos e mercadorias, que fazem do esporte uma diversão, são produzidos sob condições nas quais trabalhadores são intensamente explorados e abusados. Então, os trabalhadores usam suas vidas trabalhando para suportar os prazeres das pessoas que estão envolvidas com o esporte (SAGE, 2004).

Esse é o fetiche das mercadorias esportivas: quer dizer que por trás da diversão vivida na prática cotidiana do esporte, por trás da diversão contida no ato de assistir ao esporte, e por trás das cortinas dos grandes teatros esportivos, existem milhares de trabalhadores em situação de superexploração e de abuso, trabalhando em longas jornadas, sob péssimas condições, nos países da periferia do capitalismo.

Mészáros (2002) é capaz de perceber os (des)caminhos da produção capitalista no quadro no capitalismo “avançado”, da chamada “sociedade dos descartáveis”, da lei tendencial da taxa de utilização decrescente, que afeta não somente os bens e as mercadorias socialmente produzidos, mas também os serviços, a força de trabalho e a maquinaria.³¹ Suas lucubrações são profícuas porquanto lançam luzes à compreensão da lógica mais recente da produção de mercadorias esportivas. Eis o que esse filósofo húngaro diz:

Portanto, em princípio, enquanto for verdade que o desenvolvimento da produção capitalista “exige que o círculo de consumo, no interior da circulação, se expanda como o fez previamente o círculo

³¹ A obsolescência afeta não somente o plano objetivo, mas também a dimensão da subjetividade, das consciências individuais, isto é, as pessoas passam a descartar prematuramente as mercadorias muito antes de esgotado o tempo de vida útil de tais bens.

produtivo”, um equivalente funcional preferível estará à disposição do capital na forma de aceleração da velocidade de circulação dentro do próprio círculo de consumo (aumentando o número de transações no círculo já existente), em vez de embarcar na aventura mais complicada e arriscada de alargar o próprio círculo (MÉSZÁROS, 2002, p. 680, grifos do autor).

Para Mészáros, o caminho da aceleração da velocidade de circulação de mercadorias dentro de um mesmo círculo de consumo, aumentando o número de transações em um círculo já existente, é muito adequado sob a ótica do capital: e essa lógica é igualmente válida para a produção de bens e mercadorias esportivas. Primeiramente, porque expandir um círculo de consumo traz consigo uma árdua tarefa econômica, qual seja, estabelecer uma malha comercial mais elaborada, que se estenda através de áreas inseguras e que não eram alcançadas anteriormente pelo capital. E, em segundo lugar, porque a operação de um círculo de consumo ampliado envolve a alteração do padrão de distribuição prevalecente, trazendo consigo complicações culturais, ideológicas e políticas (MÉSZÁROS, 2002).

1.8. Rio, *habitat* de “elefantes brancos”: elevadas taxas de ociosidade no Parque Aquático Maria Lenk e no velódromo

O Parque Aquático Maria Lenk³² (equipamento esportivo no qual foram gastos R\$ 60 milhões, construído a partir da destruição e mutilação de parte do Autódromo de Jacarepaguá) e o Velódromo (erguido com mais de dois milhões de reais de recursos da União, utilizados na aquisição e montagem das pistas de ciclismo e patinação, cujos módulos de pinho siberiano foram importados da Holanda), que receberam raríssimas competições até o presente momento, comprovando altas taxas de inatividade, também oferecem elementos para assegurar a validade da tese da taxa de utilização decrescente nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Chamados comumente de “elefantes brancos”, esses equipamentos esportivos criados para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 são mais úteis sob a ótica do capital do que aparentam ser aos olhos do “senso comum”.

³² UCHOAS, L. Foi um Rio que passou em nossas vidas. Brasil de Fato. 07 out. 2009. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/1501>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

Um exemplo de reorganização do capital, mas no sentido de aumentar a taxa de utilização de um equipamento para auferir maiores lucros, refere-se à criação de arenas multiuso, como a Arena do Pan, construída especialmente para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Hoje privatizado, sob o nome de HSBC Arena, o lugar vem recebendo desde competições esportivas até shows de cantores e de grupos musicais internacionais. Importa hoje a esses espaços o caráter de multifuncionalidade, forma menos arcaica, mais racionalizada e lucrativa ao capital do que os chamados “elefantes brancos”.³³

A estrutura do Parque Aquático Maria Lenk não atende aos padrões dos Jogos Olímpicos e deverá passar por reforma até 2016. Nesse mesmo sentido, por ser incapaz de atender às novas necessidades e aos padrões exigidos para a realização Jogos Olímpicos de 2016, o velódromo construído para o Pan Rio 2007 pode ser demolido e posteriormente reconstruído nos próximos anos. Outra opção, igualmente perdulária, levantada pelos ideólogos, é construir um novo velódromo em outro espaço do Autódromo de Jacarepaguá, o que eliminaria a necessidade de demolição do velódromo atual.

É importante compreender como a particularidade brasileira está inserida no conjunto da produção de megaeventos esportivos. Nesse sentido, os percalços dos megaeventos esportivos não são exceção no Brasil, nem são uma exclusividade dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, pois as experiências de espetáculos esportivos pelo mundo corroboram da mesma forma uma lógica de produção descartável voltada deliberadamente para o desperdício.

Em Sidney 2000, houve uma preocupação válida de que as instalações para o esporte de “elite” não seriam apropriadas para uso “público” em geral e de que os preços dos ingressos não seriam acessíveis. A previsão era de que o velódromo ficaria em desuso, e que a arena multiuso SuperDome seria um “elefante branco”. No caso do Stadium Australia, que foi aberto em 1999, os fãs de futebol ficaram indignados com o aumento de preços de ingressos (LENSKYJ, 2002).

³³ Neste momento, uma pergunta é pertinente: para qual instituição, Estado ou COB, são destinados os recursos provenientes do aluguel da HSBC Arena? A mesma indagação vale para o Estádio João Havelange. Se for reservado ao COB, esses equipamentos esportivos constituem fontes de renda para essa empresa.

A privatização de instalações olímpicas subsidiadas com recursos “públicos” é um problema sério. O velódromo olímpico de Sidney é gerenciado pelo Bankstown Sport Club, com o governo pagando todos os custos de manutenção. Similarmente, o espaço de pólo aquático Ryde Olympic é parte de um novo centro de lazer privatizado, que inclui três piscinas, um restaurante licenciado e um bar. Substituindo o antigo conselho de gerência e propriedade do centro de seis piscinas comunitárias, somente metade das novas instalações são de acesso ao público em geral, a outra metade é operada como um clube de lazer privado (LENSKYJ, 2002).

Nesse quadro, o caso do Campeonato Europeu de Futebol, UEFA Euro 2004, em Portugal, é emblemático. Foram produzidos belos e sofisticados estádios, que atendiam a todas as exigências de conforto e segurança. Todavia, após o evento restaram estádios com elevados custos de manutenção, e em algumas cidades não há mercado local para mantê-los funcionando. Os estádios de Braga, Leiria, Coimbra, Aveiro e Faro, em conjunto, geram um custo de 13 milhões de euros ao ano para os municípios.

Na cidade de Faro, de 35 mil habitantes, que não tem time importante, foi construído um estádio para 40 mil espectadores.³⁴ O estádio de Aveiro custa 4 milhões de euros por ano, montante que inclui despesas com manutenção e pagamento de juros: a cidade tem 70 mil habitantes e um estádio com 30 mil lugares, que nunca enche. A arena de Coimbra, que custou 60 milhões de euros para receber dois jogos da Euro 2004, está abandonada. Em Leiria, procura-se comprador para o estádio construído nesse local. E as arenas de Braga e Faro acumulam prejuízos milionários. Por isso, discute-se a demolição de alguns estádios construídos para a Euro 2004, que, com baixíssima taxa de utilização, acabam onerando o Estado. O professor da Universidade Técnica de Lisboa, Augusto Mateus, é um dos defensores da estratégia de demolição de estádios.³⁵

Na África do Sul, sede da Copa do Mundo de futebol de 2010, a proliferação de “elefantes brancos” não é diferente: está em pauta a demolição de alguns estádios

³⁴ Entrevista com o geógrafo Mascarenhas, publicada no site do GECUPOM. Disponível em: <<http://gecupomfutebolvital.blogspot.com/2011/07/entrevista-com-gilmar-mascarenhas-parte.html>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

³⁵ FERNANDEZ, M. “Estádios que não dão lucro devem ser demolidos”, diz ex-ministro português. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/765316-estadios-que-nao-dao-lucro-devem-ser-demolidos-diz-ex-ministro-portugues.shtml>>. Acesso em: 15 set. 2011.

com baixíssima taxa de utilização – fenômeno que se transforma em uma epidemia mundial. O estádio Green Point, na cidade do Cabo, é considerado um desperdício de infraestrutura. Além disso, alguns estádios antigos e menores, que tinham boas condições de uso, não são mais utilizados, porque jogos foram transferidos para novas arenas.³⁶

Como pode ser visto, a descartabilidade, no que tange aos megaeventos esportivos, parece ser um movimento transnacional e imperialista de caráter “democrático”, porque a produção destrutiva e perdulária, marcada pelo desperdício de trabalho e de vida humanos, destinados à criação de equipamentos com baixíssima taxa de utilização, não se restringe ao Brasil ou aos países localizados na periferia do sistema capitalista.

1.9. O abandono do transporte “público” no Pan Rio 2007: a “sociedade dos automóveis”

Um possível projeto de ampliação do metrô da cidade do Rio de Janeiro foi completamente abandonado pelos organizadores desse megaevento.³⁷ Isso não é fortuito, pois, no capitalismo, o abandono ou aniquilamento deliberado dos bens e serviços capazes de oferecer um potencial de utilização maior (como o transporte coletivo: os aviões, os ônibus, os metrôs, os trens e as barcas, importantes no caso da cidade do Rio de Janeiro, entre outros bens/serviços) ocorre em favor daqueles cujas taxas de utilização tendencialmente são muito menores, como os automóveis particulares, conduzidos, em significativa parte das vezes, por somente um indivíduo (MÉSZÁROS, 2002).

Além disso, as propostas de ampliação do transporte coletivo muitas vezes acabam servindo apenas de suporte ao escoamento de mercadorias (entre elas, a força de trabalho, a única capaz de gerar mais valor do que custa), ao desenvolvimento regular do comércio nas grandes cidades, que agonizam por causa dos automóveis e do “trânsito” desordenadamente ordenado, racionalmente irracional: racional porque o

³⁶ PRAÇA, A. Le Monde África do Sul: legado no bolso da FIFA e seus parceiros. Disponível em: <<http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=1041>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

³⁷ Segundo Benedicto (2008), a ampliação do metrô em função da realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 previa a construção da Linha 4, que ligaria a Zona Oeste à Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

entupimento do espaço urbano por veículos automotores individuais atende perfeitamente aos desígnios do capital; irracional devido às consequências sociais oriundas da predominância dessa forma de transporte. Em alguns casos, é complicado falar realmente em trânsito, pois esse termo pressupõe circulação e movimento, ou seja, o fluxo de veículos.

1.10. Rio de Janeiro: uma cidade (temporariamente) “segura”

Passíveis de discussão foram também os elevados gastos “públicos” com segurança no Pan Rio 2007, os quais atingiram o patamar de 560 milhões de reais. Nesse caso, é perceptível o favorecimento de um “complexo industrial-militar” e da indústria automobilística. Esses recursos foram destinados à implementação de inúmeros programas e à compra de diversos equipamentos, entre os quais: 1807 viaturas, armamentos, munições, fardamentos, itens de informática e comunicações, aparelhos de raios-x, endoscópios, detectores de agentes químicos, robôs para neutralização de explosivos, lanternas, detectores de metal, motocicletas, botas, granadas e aeronaves. Os automóveis, transformados em viaturas policiais, que outrora eram conceituados como “bens de consumo duráveis”, têm sua lógica regida pela “obsolescência programada”, ou seja, o ciclo de vida útil ou a durabilidade dessas mercadorias reduz-se drasticamente nas últimas décadas.

Cabe explicitar que esses grandes investimentos na implementação de programas e compra de itens de segurança atuam no sentido de buscar assegurar, além da integridade dos atletas, também a imagem perfeita do megaespetáculo e o seu andamento regular, assim como ajudar a construir a representação de uma cidade mais segura durante a realização das competições dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.³⁸

1.11. A mercadoria esporte-(tele)espetáculo: a produção “imaterial”

Após a Segunda Guerra Mundial, a intensificação do capitalismo corporativo baseado no consumo induzido pela propaganda crescente sofisticada acelerou a

³⁸ São importantes os trabalhos de Filho (2010) e de Benedicto (2008) para compreender, por exemplo, as ações policiais realizadas no Complexo do Alemão, às vésperas das competições do Pan Rio 2007, que resultaram na morte de 19 pessoas nesse conjunto de favelas.

infiltração das forças do mercado em quase todas as facetas da existência humana, incluindo o esporte. Novos valores infiltraram-se no esporte através de formas modernas de dominação, como a administração de empresas, as pesquisas de mercado e a publicidade. O esporte foi posteriormente efetiva e eficientemente reorganizado em consonância com os valores corporativos e com a lógica de maximização dos lucros. Inicialmente, nos Estados Unidos do pós-guerra, e depois nas economias da Europa Ocidental, Japão e Austrália: esse imperioso modelo corporativo acabou transformando o esporte em um grande negócio (ANDREWS, 2004).

Antes da chamada lógica cultural do capitalismo “tardio”, da “virada cultural”, a produção era dominada pela fabricação de bens materiais de consumo de massa, que exigia força de trabalho em larga escala, nas tradicionais instalações fabris, que utilizavam maquinaria industrial pesada. Durante a década de 1970, após quase um século de relativo crescimento, com o declínio das taxas de produção industrial e os efeitos inflacionários da crise global do petróleo, evidenciou-se o gradual desenrolar do capitalismo industrial. Nesse quadro de severidade, o desejo por reduzidos custos com força de trabalho, somado à atração das indústrias de comunicação de alta tecnologia, ocasionaram a realocação em larga escala da produção material de trabalho intensivo nos países periféricos da economia global, os quais estavam em processo de industrialização. Em contraste, nos países centrais, observou-se um florescente e multifacetado “setor” de serviços, e o relativo vazio de produção foi substituído por uma nova lógica centrada na indústria cultural (publicidade, marketing e mídia comercial), cuja ênfase em um modo de informação facilitou a “transição” econômica do material para o cultural, espelhado na mudança da produção para o consumo como a atividade primordial na economia capitalista contemporânea (resguardada, aqui, a pertinência da formulação marxiana segundo a qual produção-distribuição-circulação-consumo constituem um movimento global do capital, jamais composto por canais estanques).³⁹ A indústria de produção cultural em massa passou a atuar como principal mecanismo e fonte de acumulação de capital no chamado capitalismo “tardio” (ANDREWS, 2004).

³⁹ Por “transição” deve se entender não a substituição da produção “material” pela “imaterial”, mas sim que a cultura passa a ser o fator preponderante na acumulação de capital na atualidade, ao menos em alguns países centrais, como os EUA. O que existe na realidade efetiva, é uma articulação entre o econômico e o cultural, em um circuito de retroalimentação contínuo.

Saltam aos olhos elementos da indústria olímpica do efêmero nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Mas, em termos de fugacidade, as mercadorias tangíveis ou materiais elencadas acima ficam ainda muito distantes da mercadoria esporte-(tele)espetáculo, ligada à indústria do entretenimento e da informação.⁴⁰ Ao encontro disso, Jameson observou alhures mudanças sensíveis no capitalismo das últimas décadas do século XX, do capitalismo “tardio”. No chamado capitalismo “tardio”, o cultural e o econômico entraram em colapso, e fundidos passaram a dizer a mesma coisa: ou seja, o edifício, da metáfora marxiana, “ruiu” (o que não significa dizer que a metáfora deixou de ter validade explicativa) e a distinção entre “estrutura” e “superestrutura” foi eclipsada (JAMESON, 1991). Essa inter-relação existente entre o cultural e o econômico não é uma via de mão única, “mas uma contínua interação recíproca, um circuito de realimentação” (JAMESON, 1991, p. 18).

A expressão capitalismo “tardio”, tradução quase literal de “pós-modernismo” segundo Jameson, procura transmitir um “sentido de que as coisas são diferentes” (JAMESON, 1991, p. 25) nas últimas décadas do capitalismo, assim como atentar para mudanças significativas no “âmbito” da cultura e do cotidiano. A estrutura econômica, no “último” (ou mais recente) estágio do capitalismo, “gera sua superestrutura através de um novo tipo de dinâmica” (JAMESON, 1991, p. 25).

Nesse sentido, em alguns casos, o consumo da mercadoria esporte é instantâneo, ocorre tanto no local do megaevento (nas arenas, por exemplo, através da compra de ingressos) como através da televisão (da assinatura de canais e da compra de pacotes especiais de programação *pay-per-view*). Quando se trata da realização de megaeventos esportivos, geralmente são criados novos canais para cobertura exclusiva durante todo o período das competições: assim sendo, os signos também são produzidos como mercadorias, transformados em valores de troca.

Uma das teses de Debord, presentes em *A sociedade do espetáculo*, é igualmente válida neste momento, visto que um megaespetáculo esportivo é “o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 1997, p. 25, grifos do

⁴⁰ Aqui, torna-se claro como os interesses do capital, manifesto na publicidade, na veiculação de mercadorias e das marcas, no *marketing*, estão diretamente articulados com a “cena olímpica”: desse modo, a realidade profunda, isto é, os interesses do capital, têm uma relação de correspondência com a realidade “aparente” ou superficial.

autor).⁴¹ E o fato de o Brasil ser sede sucessivamente dos Jogos Pan-Americanos de 2007, da Copa do Mundo de Futebol (2014) e dos Jogos Olímpicos de 2016, em um intervalo menor que uma década, assegura indubitavelmente a validade da primeira tese escrita por Debord, que é uma paráfrase de um trecho escrito por Marx em *O capital*: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*” (DEBORD, 1997, p. 13, grifos do autor). O esporte, em meio a tais determinações, revela-se como fronteira que se aproxima do sonho capitalista de lucro máximo em tempo tendendo a zero.

Frequentemente, as programações normais das TVs são suspensas para a transmissão direta das competições. A qualquer momento são exibidos flashes ao vivo diretamente dos megaespetáculos. Nesse sentido, as modalidades esportivas mais veiculadas, que ganham mais espaço na programação, variam conforme a cultura de cada país. Em grande parte, o lucro das TVs depende da venda de pacotes de publicidade a outras corporações. Assim sendo, quanto maior a audiência de determinado esporte, variável de acordo com a cultura de cada país e região, maior o interesse publicitário das corporações nessa modalidade: as grandes corporações transnacionais procuram os elementos culturais regionais, no intuito de expandir seus tentáculos mercadológicos mundialmente, promovendo a disseminação de um sem número mercadorias.

Segundo o Observatório da Imprensa, as TVs Globo, Bandeirantes e Record faturaram juntas 620 milhões de reais com os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, através da venda de pacotes de publicidade a outras empresas.⁴² No Pan Rio 2007, as imagens originais foram geradas com recursos “públicos”, e as TVs pagaram somente pelo direito de transmissão das imagens das competições. Por sua vez, as TVs vendem cotas

⁴¹ Apesar de apresentar contribuições ao entendimento do esporte-(tele)espetáculo, as lucubrações de Debord (1997), em *A sociedade do espetáculo*, apresentam problemas. Diga-se de passagem, vale lembrar que Debord dá pouca ou quase nenhuma margem às resistências e às ações humanas, incorrendo em um tipo de análise fatalista, perdendo de vista a dimensão relacional dos esquemas de dominação: assim sendo, o espetáculo de Debord é parcialmente ele próprio uma “aparência”. Mais uma vez, é importante a dissertação de Benedicto (2008), para mostrar que a dominação nunca é absoluta, e que a inculcação de ideologias é heteróclita e bizarra: há, na realidade efetiva das coisas, uma circularidade das ideologias e do poder.

⁴² Consultar Ribeiro (2007).

de patrocínio a outras empresas e corporações, esperando com isso auferir maiores lucros.⁴³

Bourdieu adverte que a imagem televisiva dos espetáculos esportivos,

enquanto suporte de *spots* publicitários, torna-se um produto comercial que obedece à lógica do mercado e, portanto, deve ser concebido de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público mais amplo possível (BOURDIEU, 1997, p. 124).

Mas não só a imagem televisiva (além da internet) é suporte de *spots* publicitários. O espectador que compra ingressos (e, nesse sentido, o COB e o CO-RIO criam uma demanda para espectadores, caracterizando um consumo artificialmente induzido, através da oferta de novos divertimentos) para assistir às competições também encontra publicidade dos “patrocinadores oficiais” dos espetáculos nas arenas, estádios, parques aquáticos, bem como nos demais equipamentos esportivos. Além do mais, os próprios atletas-trabalhadores de alta performance transformam-se em *outdoors* ambulantes.



Foto 1. Fonte: Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos e III Jogos Parapan-americanos Rio 2007. p. 190. v. 2.

Logo abaixo, observa-se a exploração simbólica (fenômeno que ocorre igualmente no caso das televisões, da internet, e dos jornais e das revistas, os quais estampam nas capas os maiores triunfos dos atletas-trabalhadores de alta performance)

⁴³ Diga-se de passagem, que os gastos com publicidade realizados pelas empresas são repassados aos consumidores das mercadorias.

das vitórias pelos “patrocinadores oficiais”, cujas logomarcas são exibidas ao fundo na cerimônia de premiação dos atletas:



Foto 2. Fonte: Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos e III Jogos Parapan-americanos Rio 2007. p. 208. v. 1.

A comercialização dos direitos de imagem não se restringe às televisões, rádios e provedores de internet. Os licenciamentos são uma forma de negócio diretamente ligada à exploração da marca Pan Rio 2007, e dizem respeito a uma infinidade de mercadorias. São cobradas taxas de empresas que desejam tanto produzir como comercializar produtos com a marca Pan Rio 2007. Nesse quadro, o COB e o CO-RIO comercializam os direitos de imagem, lucrando sem produzir nada, uma hipótese que, devido à carência de informações e de transparência, fica difícil de ser confirmada. Quando se leva em conta o número elevado de espectadores ligados ao esporte, assim como a credibilidade e legitimidade de que goza o esporte nas sociedades contemporâneas, torna-se claro por que existe um grande interesse das grandes marcas e corporações na utilização e associação de suas imagens e produtos à imagem do esporte e dos megaeventos esportivos: o esporte é uma das vedetes do capitalismo contemporâneo, uma imagem ideal aos tentáculos do capital.

O fetichismo da imagem foi desvendado por Fontenelle (2002, p. 284): se no fetichismo da mercadoria, a perversão é dada pela transformação das relações humanas em relações entre as “coisas”, no fetichismo da imagem são as próprias “coisas”, as mercadorias, os produtos, “que se referem às marcas para ganhar identidade própria”. Em tal caso, não é suficiente comprar e utilizar uma camisa, tem que ser a camisa oficial dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Não basta usar um casaco, tem que ser o casaco do Pan Rio 2007. Não basta comprar um boneco, tem que ser o boneco de Cauê. Nesse contexto, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol, os dois maiores espetáculos da Terra, capazes de reunir bilhões de telespectadores em todo o mundo, estão entre as imagens e marcas mais cobiçadas pelas grandes corporações transnacionais.

Ao encontro disso, deve-se ter em mente que a “sociedade de consumo” não é uma sociedade pós-industrial, ela não deixa de ser “uma sociedade de produção, *uma ordem de produção*, por consequência, o lugar da estratégia econômica”: a “sociedade de consumo” significa “que nela se enreda *uma ordem do consumo*, que se manifesta como ordem da manipulação dos signos” (BAUDRILLARD, 2007, p. 23, grifos do autor).

É o fetiche da simbologia, das marcas, das imagens, que são socialmente construídas, devendo buscar sempre manter sua credibilidade e atratividade. Na “sociedade do espetáculo” contemporânea, as mercadorias, além de ter um valor de uso e um valor de troca, tem também um valor de signo ou de símbolo: colocadas em um campo de competições acirradas, as mercadorias necessitam aparecer ornadas de ideologias, de concepções sociais de mundo.

Nesse sentido, Debord pode acrescentar à discussão, ao discorrer sobre o *status* agregado às mercadorias:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última (DEBORD, 1997, p. 18, grifos do autor).

No capitalismo em suas formas de ser contemporâneas, não só o “ter” deve extrair o máximo do “parecer”, isto é, de prestígio social, mas, dialeticamente, o signo também deve extrair o máximo do “ter”. Isso significa que o consumo de mercadorias deve extrair o máximo de prestígio social, de *status*, assim como, reciprocamente, os signos e símbolos devem arrancar o máximo possível de consumo. Assim sendo, valor de uso e o valor de signo estão radicalmente subjugados à valorização do capital, subordinados ao valor.

Entre os “patrocinadores oficiais”⁴⁴ dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 estão inseridos os seguintes: Olympikus, Oi, Caixa, Sol, Petrobrás, Sadia. Os parceiros: Golden Cross, Samsung, Ernst & Young, Correios, Johnson&Johnson, Tissot e Cedae. Desse modo, a “imaterialidade” e a “materialidade” combinam-se, com vistas à realização, entre parceiros, da mesma lógica, a da valorização do capital em suas várias frações.

Os licenciados envolvem um vasto grupo de empresas, entre elas: Grow (brinquedos), Olympikus (vestuário e acessórios), Casa da Palavra (livros), Correios (selo, caixa Sedex e agenda especial), Mormaii (pulseiras, capas para celular, chaveiros, estojos, porta CDs, porta latas, porta lixo, porta long neck, segurança, bicicletas, óculos de sol), Faber Castell (lápiz, giz de cera, canetas, lápis de cor, kits escolares, canetas metálicas, lapiseiras), Caixa Econômica Federal (título de capitalização, edição especial da Loteria Federal), Som Livre (CD oficial), Gatorade, Sadia (“Hot Pocket” e salsicha), entre várias outras.

Entre as emissoras detentoras de direitos de rádio e televisão estão: as nacionais (TV Globo, TV Record, TV Bandeirantes, Band Sports, ESPN Brasil, SportTV, CBN, Rádio Bandeirantes, Rádio BandNewsFM, Rádio Gaúcha, Rádio Globo, Rádio Guaíba, Rádio Itatiaia, Canal Capital) e as internacionais (Caribbean Media Corporation, Dubai Sports Channel, ESPN Deportes, Eurosport, Organización de Telecomunicaciones Iberoamericanas, RTVC/Senial Colombia, Telefônica/Terra, TeleSur e World Sports).⁴⁵

⁴⁴ A concepção segundo a qual essas empresas são os “patrocinadores oficiais” desse megaevento é um equívoco, pois, na realidade efetiva das coisas, foi o Estado capitalista brasileiro que arcou com todas as despesas necessárias à realização dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Tais corporações aqui mencionadas apenas compram os direitos de utilização da marca Pan Rio 2007.

⁴⁵ Por sua vez, as empresas aqui mencionadas compram os direitos de transmissão televisiva e radiofônica.

Os concessionários do Pan Rio 2007 foram os seguintes: Globo Marcas (Agente de Licenciamento), Dufry (concessionário de produtos oficiais), Bob's (concessionário de alimentação), Parceria Ilimitada (concessionário do PAN AM Club), Ticketronics (concessionário de bilheteria), e a Tutta L'ora (loja de conveniência dos Jogos).

A compra de informações sobre os megaespetáculo esportivos, que pode significar entretenimento, também ocorre no caso dos jornais e das revistas. Essas marcas buscam recriar de forma intensa suas imagens através de elementos da realidade do esporte durante o período de competições. Para perceber isso, basta atentar para as chamadas dos telejornais e para as capas de jornais e revistas, destinadas sobremaneira aos megaeventos esportivos. São ofertadas mais informações/mercadorias sobre os megaeventos, o que não é casual, levando-se em conta o grande número de consumidores potenciais e efetivos ligados ao esporte. Além do mais, cadernos especiais são elaborados nas revistas e nos jornais sobre os megaeventos esportivos. Ao mesmo tempo, a hegemonia é recriada, pois o esporte não é uma mercadoria qualquer, é uma mercadoria carregada de hegemonia, de direção política, moral, intelectual e ideológica.

As cerimônias de abertura e de encerramento produzidas nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, nas quais foram gastos 58 milhões de reais de recursos “públicos”, que contou com a participação de trabalhadores voluntários, e cujos ingressos custavam entre 100 e 250 reais, são também exemplos relevantes dessa indústria olímpico-esportiva do entretenimento, marcadamente transitória e fugaz. É importante explicitar que, para o capital, não importa qual o produto final, se é uma mercadoria tangível, concreta, ou se é uma mercadoria “imaterial”, uma imagem: interessa a forma como ela é produzida, é importante o modo de produção e de veiculação das mercadorias. Por isso faz-se correntemente o uso da expressão “modo de produção” capitalista.

Há de se fazer uma importante ressalva: não existe a chamada produção “imaterial” sem materialidade, isto é, sem a produção “material”, isso é um fato ontologicamente real. Existe, na realidade efetiva, uma dependência dialética entre essas duas, digamos, “esferas” da produção: material e imaterial. No caso do futebol, unicamente a título de exemplificação, não existe a produção de um (tele)espetáculo

futebolístico, de uma série de imagens, das chamadas mercadorias “imateriais”, sem a presença da materialidade, sem a produção material ou concreta, isto é, não existe a produção “imaterial” sem a presença de atletas, árbitros, torcedores, bolas, traves, estádios, uniformes, campos, entre diversos outros personagens e artigos corpóreos, tangíveis.

1.12. A geração de novos postos de trabalho: uma grande premissa (e “legado”) dos megaeventos esportivos

A geração de novos postos de trabalho foi decerto um das grandes premissas dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, muito aclamada e repetida freqüente e constantemente em muitos outros megaeventos esportivos. Obviamente, dados a respeito disso, isto é, que buscam corroborar tal premissa, estão presentes nos documentos oficiais. A título de exemplo, segundo portal da Prefeitura do Rio, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divulgou que a taxa de desemprego de 5,6%, vigente em julho de 2007 na cidade do Rio de Janeiro teria sido a menor do Brasil nesse período.⁴⁶

Um questão pertinente deve ser colocada neste momento. Por que esperar a realização de um megaevento para diminuir as taxas de desemprego? Gramsci é fundamental:

Deixa-se morrer de fome um homem até os cinqüenta anos; aos cinqüenta anos, passa-se a cuidar dele. Na vida individual, isto seria razão para uma reprovação violenta. Na vida estatal, surge como um “mérito” (GRAMSCI, 2007, p.324, grifos do autor).

Parafraseando Gramsci, pode-se dizer que as pessoas são deixadas sem trabalho durante anos pela ausência presente de iniciativa estatal – e a ideia de escassez de recursos é uma falácia, tendo em vista os gastos bilionários com o Pan. Anos depois, o Estado passa a empregá-las fomentando o comércio local. O que seria razão para uma grande reprovação, no caso a geração de empregos no caso dos Jogos Pan-Americanos

⁴⁶ PORTAL DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. SERIO – Secretaria Especial Copa 2014 e Rio 2016: Memória Esportiva. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/serio/exibeconteudo?article-id=105878>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

Rio 2007, acaba surgindo como mérito tanto do Estado como dos ideólogos desse megaevento poliesportivo.

Com a realização de um megaevento como o Pan Rio 2007, o Estado pode amenizar problemas sociais, como os referentes ao desemprego. Mas não se deve perder de vista que muitos dos novos postos de trabalho criados são informais, de caráter temporário e precarizados: além do bolsa-atleta, que não caracteriza qualquer vínculo empregatício, houve inclusive a utilização de trabalho de milhares de voluntários, temática mais aprofundada no segundo capítulo. Nesse sentido, refletindo sobre os Jogos Olímpicos de Sidney, explanação que pode contribuir à inteligência de outros megaeventos esportivos, Lenskyj (2002) evidencia que com exceção do “setor” de construção civil, a maior parte dos novos postos de trabalho criados é de caráter temporário, em serviços que exigem pouca qualificação, além, é claro, do grande número de voluntários utilizados.

A desestruturação do *Welfare State* trouxe como implicação a busca por alternativas de trabalho adversas e precárias. Nesse contexto, países como Brasil, México e Coréia, entre outros (que, a bem da verdade, viveram um arremedo de social-democracia, por meio do chamado projeto nacional-desenvolvimentista), após uma expansão do proletariado industrial, recentemente presenciam, além de uma crescente exclusão dos jovens pelo capital, “processos de desindustrialização e desproletarização, tendo como consequência a expansão do trabalho precarizado, parcial, temporário, terceirizado, informalizado etc.” (ANTUNUES, 2009, p.105). É essa a conjuntura vivida nos momentos de preparação e de realização dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

A distinção que se estabelece no presente trabalho entre o *Welfare State*, de um lado, e, de outro, o desenvolvimentismo (no caso do Brasil), diz respeito a que, no primeiro, além da articulação pelo Estado da acumulação capitalista, houve uma efetiva ampliação de direitos civis, políticos e sociais para os assalariados, ao passo que, no segundo, tal ampliação ou inexistiu, ou ficou em patamar muito aquém das experiências de Estado de bem-estar social.

Nas sociedades capitalistas, a própria oferta de trabalho é na verdade efetiva das coisas uma retirada de direitos, ou seja, é extração de mais-valia, de trabalho excedente. A questão-chave, à luz das reflexões de Marx (2010b), é que todas as ações

para melhoria dos problemas sociais só podem ser medidas paliativas, porque o Estado jamais pode eliminar os problemas sociais, para isso ele teria que colocar fim a si mesmo (TONET, 1995). E não se deve perder de vista que a lei tendencial da taxa de utilização decrescente abrange também a força de trabalho, pois a tendência histórica do capital é a redução, absoluta ou relativa, do capital variável. Dito de outro modo, o capital encontra nas máquinas, no capital constante, na mais-valia relativa, a forma mais adequada de sua existência (ROSDOLSKY, 2001).

Dentro da lógica de valorização do capital, a manutenção de taxas relevantes de desemprego é fundamental, visto que a formação de uma “superpopulação relativa”, de um “exército de reserva”, é fator de valorização do capital, constitui uma das condições de existência da produção capitalista e do desenvolvimento da riqueza: ou seja, o desemprego interfere no *quantum* de mais-valia apropriado pelo capital. Marx elucida essa questão:

se uma população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza no sistema capitalista, ela se torna, por sua vez, a alavanca da acumulação capitalista e, mesmo, condição de existência do modo de produção capitalista (MARX, 2006, p. 735).

O chamado “exército de reserva”, ou “exército industrial de reserva”, ou mais precisamente a existência de uma “superpopulação relativa”, resulta em um aumento da concorrência entre os trabalhadores e, por conseguinte, no rebaixamento do valor da força de trabalho. Portanto, a maior oferta de força de trabalho no mercado tem implicações positivas ao capital, resulta no aumento do *quantum* de mais-valia embolsado pelo capitalista. Desse modo, a realização de um megaespetáculo esportivo pode somente amenizar os problemas referentes ao desemprego, nunca exterminá-los. Marx deixa claro que:

a acumulação capitalista sempre produz, e na proporção de sua energia e de sua extensão, uma população trabalhadora supérflua relativamente, isto é, que ultrapassa as necessidades médias da expansão do capital, tornando-se, desse modo, excedente (MARX, 2006, p. 733).

2. ESPORTE, OLIMPISMO E HEGEMONIA. O COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, O COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO E O COMITÊ ORGANIZADOR RIO 2007 COMO APARELHOS “PRIVADOS” DE HEGEMONIA NOS JOGOS NEOLIBERAIS

2.1. Olimpismo e voluntariado: *panis et circenses* ou Pan com migalhas de pão?

A LOGOMARCA DA FORÇA DE TRABALHO



A marca Força RIO 2007 foi criteriosamente desenhada para representar a força de trabalho dos Jogos Pan-americanos RIO 2007 e os conceitos associados a ela. Essa força é fundamental para que os jogos aconteçam – e bem! Eles são a força motriz (daí o nome Força RIO2007), o coração do evento. E têm de trabalhar apaixonadamente, uma vez que são Voluntários. Outro conceito que norteou o trabalho foi a idéia de que o Programa de Voluntários é um exemplo de solidariedade, de união em torno de um objetivo comum.

Figura 2. Logomarca da Força de Trabalho Rio 2007. Fonte: Manual de Treinamento Força Rio 2007. p. 18.

O poder para planejar e concretizar os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 foi delegado ao Comitê Organizador Rio 2007, o CO-RIO. Consoante relatório publicado pelo Comitê Olímpico Brasileiro após a realização do evento, o CO-RIO foi constituído

como uma “entidade civil”, “sem fins lucrativos”, no formato de uma Sociedade de Propósito Específico (SPE). Com prazo determinado de funcionamento, essa “entidade civil” deteve os poderes para estabelecer os convênios entre as “esferas” governamentais e as “entidades” privadas. Na divisão das atribuições, coube aos poderes “públicos” a responsabilidade direta de executar todos os investimentos necessários à realização desse megaevento, inclusive a construção e reforma de instalações esportivas; de seu lado, o Comitê Organizador Rio 2007 ficou encarregado do fornecimento das especificações técnicas para realização das obras e contratação dos serviços.⁴⁷

Costuma-se referir a essas “entidades civis” ou organizações da “sociedade civil”, como o Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007 (além, é claro, da FIFA), como se elas estivessem situadas na “esfera” do que se chama vulgarmente de “terceiro setor”. De acordo com Montañó:

Tudo indica que o “terceiro setor” refere-se, em contraposição ao “primeiro” (Estado), e o “segundo” (mercado), de acordo com os autores, à *sociedade civil*. Para além do seccionamento do real, todos parecem coincidir nisto, apenas discordando quanto ao conceito de “sociedade civil” que empregam. O “terceiro setor” seria, para seus autores, o conjunto de organizações mais ou menos formais da “sociedade civil” (MONTAÑO, 2002, p. 182, grifos do autor).

Na acepção corriqueira e vulgar do conceito, o chamado “terceiro setor” costuma referir-se às “organizações e/ou ações da ‘sociedade civil’ (não-estatais e não-mercantis)” (MONTAÑO, 2002, p. 182). Se o referencial crítico da totalidade social é tomado em consideração, o conceito de “terceiro setor” torna-se inadequado à inteligência do real, isto é, à reprodução, pelo pensamento, do movimento realmente existente,⁴⁸ porque a realidade não é segmentada e fracionada em “primeiro”, “segundo”

⁴⁷ Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos e III Jogos Parapan-americanos Rio 2007, publicado pelo Comitê Olímpico Brasileiro.

⁴⁸ No materialismo histórico-dialético, o processo do pensamento não tem vida própria, não é um sujeito autônomo criador do real, as representações não são volatilizadas em determinações abstratas, fetichizadas. As abstrações (razoáveis) visam reproduzir o concreto por meio do pensamento, pois os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 estão determinados tanto na mentalidade como na realidade. Assim, as categorias não estão em conformidade abstrata com esquemas previamente elaborados, elas marcham,

e “terceiro” setores.⁴⁹ Essa fragmentação do social advém de artifícios positivistas, liberais, institucionalistas e estruturalistas. Para Montaña,

o que os autores chamam de “terceiro setor”, nem é terceiro, nem é setor – numa segmentação do social entre Estado, mercado e sociedade civil autônomos- nem refere às organizações desse setor – ONGs, instituições, fundações e outros (MONTAÑO, 2002, p 184).

Essas organizações da “sociedade civil”, do “terceiro setor”, não têm condições de autofinanciamento e, por conseguinte, a transferência de recursos públicos é essencial para um funcionamento mínimo dessas organizações. A transferência de fundos públicos que ocorre entre o Estado e a “sociedade civil” é chamada ideologicamente de “parceria”, “com o Estado supostamente contribuindo, financeira e legalmente, para propiciar a participação *da* sociedade civil” (MONTAÑO, 2002, p. 199, grifos do autor).

Sem estender a temática do “terceiro setor”, cabe apenas explicitar que a execução dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 por uma organização da “sociedade civil” (entendida aqui no sentido ordinário do termo), no caso o Comitê Organizador Rio 2007, ocorre em consonância com os objetivos da Reforma (Gerencial) do Estado promovida pelo ex-ministro Bresser-Pereira, à época do governo Fernando Henrique Cardoso. Essa reforma necessita ser compreendida como um projeto de reestruturação social, atrelado à reestruturação do capital das últimas décadas, e pautado nos princípios do neoliberalismo.

Após a Reforma (Gerencial) do Estado, funções e responsabilidades antes de competência (em geral) do Estado são transferidas para as organizações do chamado “terceiro setor”: organizações da “sociedade civil” e empresariais. Os defensores da Reforma do Estado tratam de reafirmar que a instituição estatal é burocrática, ineficiente, corrupta, rígida e em crise fiscal; em contrapartida, teríamos as organizações

exprimem formas de vida e existências concretas, buscam apreender o fluxo dialético das formações sociais.

⁴⁹ A perspectiva da totalidade social no materialismo histórico-dialético não pretende um estudo de toda a realidade, o que é impossível, porque a totalidade é infinita e inesgotável. A categoria da totalidade nesse método visa apreender a realidade como um todo orgânico, em que não se entende um elemento, uma “dimensão”, um aspecto da realidade, sem compreender sua relação com o conjunto. Registre-se, ainda, que o real não se resume à dimensão fenomênica (sendo esta parte do real), mas abrange os processos que determinam que o fenomênico seja daquela forma e apareça dessa ou daquela maneira.

do “terceiro setor”, teoricamente mais dinâmicas, democráticas, “populares” e flexíveis (MONTAÑO, 2002).

As políticas sociais universais e não-contratualistas que constituem o direito de cidadania são acusadas pelos ideólogos neoliberais de acarretarem o esvaziamento dos fundos públicos, gastos de forma insatisfatória em atividades burocratizadas e sem retorno. Na verdade, ao se direcionar a atenção para o Pan Rio 2007, percebe-se que os próprios organizadores (ligados ao chamado “terceiro setor”) desse megaevento são responsáveis pelo esvaziamento dos fundos públicos em função da produção deliberada do desperdício.

Em vez de atuarem como uma resposta à “questão social”, aos problemas econômico-sociais, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 responsabilizam-se pelo acirramento das desigualdades sociais, contrariando as teses que defendem um grande “legado social” oriundo desse megaevento. O que ocorre é uma descentralização destrutiva na organização desse megaevento, com investimentos perdulários marcados pelo desperdício focalizados em uma só cidade e, mais especificamente, em uma região, a zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se, na realidade, de uma modalidade olímpica e pan-americana de privatização dos recursos “públicos”, destinados ao desperdício.

As obras e serviços superfaturados e os contratos sem licitação, os atrasos e a injeção incessante de recursos “públicos” (com inflacionamento dos gastos principalmente às vésperas da competição), o favorecimento de parentes e de pessoas ligadas ao nome de Carlos Arthur Nuzman (que explicita quão tênue é a divisão entre os interesses público e privado), a falta de transparência na execução (comprovada inclusive pelo Tribunal de Contas da União) e de planejamento (sobretudo no que se refere ao orçamento do Pan), tudo isso coloca em dúvida a aclamada “eficácia” da “sociedade civil” e do chamado “terceiro setor” – problemas que voltarão à discussão no decorrer deste capítulo.

Em relação aos projetos para a realização do Pan Rio 2007, algumas perguntas ainda carentes de explicação fazem-se necessárias: houve realmente licitação para a contratação do CO-RIO? Por que o CO-RIO foi responsável por executar as ações do Pan e não outra instituição? Tendo em vista que o corpo diretivo do CO-RIO é um retrato fiel do quadro do COB, uma resposta plausível não é remota.

Nesse contexto de planejamento e realização dos Jogos, um dos objetivos (ou “missões”, nas palavras de seus ideólogos) criados pelo Comitê Olímpico Brasileiro e pelo Comitê Organizador Rio 2007 concerne à difusão dos valores fundamentais do olimpismo por meio do Pan Rio 2007, parte integrante do Movimento Olímpico em sua globalidade.

Sob autoridade suprema do Comitê Olímpico Internacional, o Movimento Olímpico envolve organizações (e entre elas estão o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007), atletas e outros indivíduos que “concordam” em ser guiados pela Carta Olímpica. Abrangendo todos os cinco continentes, e tendo como símbolo os cinco anéis entrelaçados, cada um simbolizando um continente, o objetivo do Movimento Olímpico “teoricamente” (porque na prática o resultado é outro) consiste em contribuir para a construção de um mundo melhor e mais pacífico, educando os jovens através do esporte praticado em consonância com o olimpismo e com os seus valores adjacentes.

É na Carta Olímpica elaborada pelo Comitê Olímpico Internacional que estão presentes os princípios fundamentais do olimpismo e as regras “aparentes” de organização e de funcionamento do Movimento Olímpico. Os sete pontos fundamentais do olimpismo definidos pelo Comitê Olímpico Internacional, os quais são apregoados pelo Movimento Olímpico, e que foram extraídos da Carta Olímpica, estão expostos a seguir:

- 1) O olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina num conjunto equilibrado as qualidades do corpo, da vontade e da mente. Misturando esporte com educação, o olimpismo procura criar um modo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educacional do bom exemplo, assim como no respeito a princípios éticos fundamentais e universais.
- 2) O objetivo do olimpismo é colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem, com vistas a promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana.
- 3) O Movimento Olímpico é a ação permanente, universal, organizada e consertada que se realiza sob a autoridade suprema do COI e de todos os indivíduos e entidades que são inspirados pelos valores do olimpismo. Ele cobre os cinco continentes e atinge seu pico com a reunião de atletas do mundo no grande festival dos Jogos Olímpicos. Seu símbolo são os cinco anéis entrelaçados.
- 4) A prática do esporte é um direito humano. Cada indivíduo deve ter a possibilidade de praticar esporte, sem

discriminação de qualquer natureza, nos moldes do espírito olímpico, que exige compreensão mútua com espírito de amizade, solidariedade e *fair play*. 5) Reconhecendo que o esporte ocorre no âmbito da sociedade, as organizações esportivas no Movimento Olímpico têm direitos e obrigações de autonomia, que incluem estabelecer e controlar livremente as regras do esporte, a determinação da estrutura e a governança de suas organizações, gozando do direito de eleições livres de qualquer influência externa e da responsabilidade de assegurar para que os princípios da boa governança sejam aplicados. 6) Qualquer forma de discriminação em relação a um país ou pessoa, por motivos de raça, religião, política, sexo ou quaisquer outras, é incompatível com a pertença ao Movimento Olímpico. 7) A pertença ao Movimento Olímpico exige o cumprimento da Carta Olímpica e o reconhecimento pelo COI.⁵⁰

De acordo com o Comitê Olímpico Brasileiro, por olimpismo deve-se entender uma filosofia de vida que defende a formação de uma “consciência pacifista, democrática, humanitária, cultural e ecológica por meio da prática esporte”.⁵¹ Disseminado mundialmente pelo Movimento Olímpico, o olimpismo é um instrumento para o desenvolvimento harmonioso do homem, na busca pela promoção de uma sociedade pacífica de acordo com a preservação da dignidade humana. O olimpismo é compreendido como o conjunto das ideias e valores que visam propagar a harmonia e a paz entre os “povos”, tornando possível a união de “pessoas de diferentes culturas, raças e classes”⁵² em torno de um objetivo comum”.⁵³

Nos dias que correm é improvável encontrar algum evento internacional de caráter olímpico que não conte com a utilização de trabalho voluntário – inserido no “âmbito” daquilo que se entende vulgarmente como “terceiro setor”. Ocorre que o Comitê Olímpico Internacional, pautado em uma política que busca resgatar os ideais e valores olímpicos, “credita ao voluntarismo a idealização dos principais valores do olimpismo, encontrando no voluntário o agente de transmissão desta filosofia”

⁵⁰ Tradução pessoal da *Olympic Charter* (Carta Olímpica), elaborada pelo Comitê Olímpico Internacional (2011).

⁵¹ Comitê Olímpico Brasileiro (2010).

⁵² Se o olimpismo pretende unir classes distintas, com antagonismos essenciais, harmonizando seus conflitos através de seu programa educativo, logo sua filosofia é avessa a um projeto de transformação radical (no sentido de ir à raiz dos problemas) e estrutural mais amplo que coloque fim às relações de produção capitalistas. O olimpismo, de caráter conservador, porque visa legitimar o *status quo*, é uma cultura que cria a passividade e o conformismo, incidindo sobre as consciências particulares dos indivíduos.

⁵³ Idem.

(TADINI, 2006, p. 29). Assim sendo, o olimpismo vestiu o véu do chamado “terceiro setor”, que inclui o fomento à cultura do voluntariado.

A despeito de Tadini (2006) mencionar que no caso dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 a difusão dos ideais olímpicos entre os voluntários, alicerce do projeto de Educação Olímpica, foi deixada de lado no momento das palestras (contrariando inclusive as discussões internacionais acerca da capacitação de voluntários em eventos esportivos), tais princípios encontram-se presentes em pelo menos um dos manuais direcionados à formação dos voluntários do Pan, ao qual a presente pesquisa teve acesso.

Para o Comitê Organizador Rio 2007, nada era mais natural que os ideais e os valores do olimpismo apregoados pela Carta Olímpica fossem disseminados em primeiro lugar entre os integrantes da “Força Rio 2007”, os “operários” voluntários dos Jogos. A “Força de Trabalho dos Jogos Rio 2007” criada pelo CO-RIO constituiu uma peça chave na realização do Pan Rio 2007. Tal “Força” compunha-se de dois grandes grupos que, segundo os idealizadores, formavam um verdadeiro “time”: 1500 funcionários do CO-RIO e 20 mil “colaboradores” (selecionados entre os cerca de 80 mil voluntários cadastrados), as “formiguinhas”, ou “voluntários”, a “Força-motriz do Rio 2007”.⁵⁴ Conforme relatório elaborado pelo Comitê Olímpico Brasileiro:

Mais de 20 mil pessoas doaram tempo, talento e trabalho para fazer acontecer os Jogos. Sem este contingente de pessoal, o evento seria inviável. Os voluntários foram a chave para a organização do Rio 2007, impregnando cada espaço do evento com uma energia diferenciada (...). O CO-RIO jamais cansará de agradecer por tanta gente ter atendido ao chamado e, por amor ao esporte, ao Rio e ao Brasil, ter doado tempo e talento a uma causa maior. Agradecer à generosidade e grandeza de cada um deles.⁵⁵

Em casos específicos, foram utilizados trabalhadores voluntários especializados:

Especialistas em idiomas serão designados para várias instalações, a fim de facilitar a comunicação entre os diferentes públicos, em virtude

⁵⁴ Esses termos são empregados pelos próprios ideólogos do programa de voluntariado do Pan.

⁵⁵ Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos e III Jogos Parapan-americanos Rio 2007, publicado pelo COB, p. 243.

de o Brasil ser o único país, dentre todos os participantes, a falar português. Esses serviços poderão ter uma grande demanda e, durante o treinamento específico na instalação, trataremos dos procedimentos para solicitar um tradutor. É possível que, na própria Equipe de Voluntários, aqueles com habilitação em idiomas estrangeiros sejam utilizados nessa função, devendo portar algum tipo de identificação no uniforme. Esteja consciente da existência desse serviço e da maneira correta de usá-lo.⁵⁶

Esta pesquisa teve acesso a um documento, o Manual de Treinamento Geral da Fase 1 dos voluntários do Pan Rio 2007, que se encontra disponível na internet. Com esse material é possível evidenciar as imbricações existentes entre os ideais olímpicos e a cultura do voluntariado, entre olimpismo e o projeto neoliberal de mundo. O documento integrou uma etapa preparatória, que tinha o intuito de fornecer informações para que o voluntário iniciasse sua familiarização para com a história dos Jogos Pan-Americanos, e entendesse as instituições envolvidas com o megaevento e as atividades dos “bastidores”. A seguir, serão trazidos à discussão excertos selecionados desse manual, a fim de evidenciar a difusão dos ideais e valores olímpicos entre os voluntários.

Esse manual de treinamento sugere inúmeros modos de agir aos voluntários, entre eles: proceder como “um amável anfitrião de convidados de todo o mundo”; apoiar “da mesma maneira todas as pessoas que solicitarem ajuda”; aplaudir e encorajar todos os competidores, não somente os do país sede; respeitar bandeiras, hinos e demonstrações de patriotismo de “todas as nações”; ser “um exemplo vivo do Espírito Panamericano e Parapanamericano”.⁵⁷

Faz-se importante, neste momento, evocar mais um trecho à explanação empírica:

Seja amistoso, auxilie e sorria sempre. Cada instante do seu serviço será valorizado e mais útil por uma atitude cordial. Mesmo em contatos rápidos e passageiros você pode sorrir e criar uma impressão positiva seja recebendo um ingresso, orientando o tráfego, auxiliando um espectador a encontrar um ônibus ou até fazendo uma entrega de um documento. Suas palavras são apenas parte da mensagem. Tenha certeza que o seu tom de voz seja agradável e amistoso e não

⁵⁶ Manual de treinamento, p. 50.

⁵⁷ Idem, p. 62.

apressado ou aborrecido (...). Aja como um hospedeiro amável e dê boas-vindas ao mundo. A oportunidade que temos, durante os Jogos, para demonstrar o espírito cordial e hospitaleiro do povo brasileiro não pode ser desperdiçada. Assim como tratamos as pessoas que se hospedam em nossas casa, devemos, em relação aos participantes dos Jogos: • Cuidar deles; • Criar um ambiente agradável; • Tratá-los com bondade; • Respeitar suas experiências; • Apreciar a sua companhia.⁵⁸

A formação dos voluntários conforme os princípios morais e éticos do olimpismo, que englobam a hospitalidade, o respeito, a boa receptividade e o acolhimento amigável (e todas as outras ideologias presentes no Manual de Treinamento), caso tenha resultado em ações práticas, opera no sentido de recriar a imagem da cidade do Rio de Janeiro, que se encontra em constante jogo. As representações que são favoráveis e positivas, marcadas pelo atributo da hospitalidade, são interessantes à cidade, a título de exemplo, no fomento ao turismo, pois, a metrópole, é ela, uma grande marca, um espaço de atração de capitais no cenário internacional. Não se deve perder de vista que as representações do mundo social construídas sempre são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. É isso que diz Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

A difusão da cultura do voluntariado levada a cabo pelo Comitê Olímpico Brasileiro e pelo Comitê Organizador Rio 2007 é construída sob a égide ideológica do legado social (conceito-fetice muito utilizado pelos ideólogos dos megaeventos), da doação, da filantropia, da solidariedade, da criação de novos postos de trabalho, da “capacitação de uma mão-de-obra qualificada em diferentes áreas”, ou seja, do

⁵⁸ Idem, p. 71.

crescimento profissional, “gerando benefícios imediatos e futuros, tanto para o esporte quanto para a sociedade”.⁵⁹

No vocabulário dos ideólogos do voluntariado, tanto no caso Pan Rio 2007 como em relação a outros megaeventos esportivos, estão presentes constantemente metáforas organicistas, que remetem ao positivismo. Os eventos esportivos aparecem como um corpo humano, com as inúmeras partes integradas atuando em um conjunto orgânico, para assegurar a vida do espetáculo. Nesse “sistema”, os voluntários são peças-chave para assegurar a “saúde” do espetáculo, eles são considerados o “coração” de qualquer megaevento esportivo – *vide* Logomarca apresentada no começo deste capítulo.

O programa de voluntariado do Pan Rio 2007 foi erguido também sob o sofisma da falta de recursos financeiros estatais. Há de se considerar que no Pan Rio 2007 foram gastos em torno de 3,5 bilhões de reais de recursos “públicos”, o que comprova a falácia desse estratagema. Ao encontro disso, Bracht (2005, p. 86) clarifica que, na realidade efetiva, atualmente as “organizações esportivas” (do “terceiro setor”) formam “um grande lobby econômico internacional, um verdadeiro governo internacional do esporte, que usa (e abusa) do poder (e do dinheiro) público”.

Cabe clarificar que os trabalhadores voluntários oriundos de outras cidades, que não da cidade do Rio de Janeiro, foram responsáveis por suas passagens até o Rio, assim como pela própria hospedagem. Em conjunto com os voluntários residentes na cidade-sede, receberam apenas transporte para trabalhar, alimentação durante o período em que estiveram trabalhando, somados ao uniforme e ao certificado de participação. Neste momento, a expressão latina *panis et circenses* torna-se bastante ultrapassada: adequando-a ao contexto da hegemonia neoliberal, mais correto é falar em “circo” com migalhas de pão.⁶⁰

Nesse sentido, perdas de conquistas históricas, de direitos trabalhistas básicos, são convertidas em conquistas de um tipo de atividade (supostamente, é claro) verdadeiramente solidária e filantrópica como, por exemplo, é o caso do trabalho

⁵⁹ Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos e III Jogos Parapan-americanos Rio 2007, publicado pelo COB, p. 242.

⁶⁰ A concepção de “circo” utilizada por este trabalho procura ressaltar a dialogicidade presente em qualquer forma de “dominação”, que é sempre relacional. Logo, não se refere àquela concepção de “circo” ahistórica e fetichizada, que deriva do conceito de falsa consciência, segundo a qual os indivíduos são totalmente manipulados e facilmente ludibriados pelos espetáculos esportivos. Como foi visto, no caso do Pan Rio 2007 há elementos indicando sentidos de resistência, explorados por Benedicto (2008).

voluntário. O Comitê Olímpico Brasileiro e Comitê Organizador Rio 2007 acabam transformando a coerção e a exploração imanentes ao trabalho voluntário em práticas de “liberdade”, de “amor ao esporte”, de “solidariedade”, de “caridade” e em “doação às causas maiores”.

O fomento à “servidão voluntária” produz efeitos úteis no sentido de exonerar o Estado, assim como de desresponsabilizar o capital de gastos considerados “supérfluos” com força de trabalho. Enquanto modalidade extremamente precarizada de trabalho, o trabalho voluntário necessita ser compreendido como meio de apropriação de uma parcela de toda a riqueza criada pelo trabalho humano, isto é, como um instrumento da classe dominante para apoderar-se de um *quantum* de “mais-valia” produzido pelo trabalhador. Finalmente o véu do olimpismo é retirado, revelando uma de suas facetas reais, qual seja, a de instrumento de exploração do homem pelo homem.⁶¹

Neste momento, é importante reafirmar a historicidade de todas as instituições, estruturas, leis, formações culturais e ideologias, assim como do olimpismo. Mesmo sem reconstruir os movimentos do olimpismo desde o seu nascimento, quando se analisa essa ideologia, como produto social, em sua historicidade contemporânea, é possível apreender que o Movimento Olímpico foi cingido pelo projeto neoliberal de sociedade. Não é razoável entender a ideologia do olimpismo sem reportá-la ao momento histórico pesquisado, isto é, desvinculando-a de aspectos socioeconômicos atuais e da luta de classes no período neoliberal. O olimpismo não escapa aos condicionantes sociais, ele não se move no espaço e no tempo de forma independente do movimento histórico concreto.

O que o presente capítulo pretende demonstrar é sobretudo que, à luz do pensamento de Gramsci, o Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007, incorporam-se ao conjunto dos aparelhos “privados” de hegemonia,⁶² por exercerem uma tarefa educativo-formativa e funções de

⁶¹ Marx (2010a), em *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, procurou clarificar que, ser radical, é buscar agarrar as coisas pela raiz: a raiz é o próprio homem.

⁶² O termo “aparelho”, extraído da categoria aparelho “privado” de hegemonia, não designa uma coisa mecânica, estática, inanimada, paralisada ou ahistórica, tendo em vista que a realidade não é imutável. A fecundidade dessa terminologia reside justamente na captação do movimento histórico do real. Um dos alicerces da dialética é o continuum devir, o fluxo da história, ou seja, não há nada fixo, eterno ou imutável: para Marx (2011, p. 54), o concreto é a “síntese de múltiplas determinações”. Gramsci, pautado nesse primado do real, e não em uma episteme mecanicista que concede primazia à teoria, percebeu a

direção. Fazem parte da “guerra de posição” imprimida pelo capital e pela classe dominante no quadro do neoliberalismo, atuam conquistando espaços e posições de direção/governo e ocupando “trincheiras” dentro da sociedade. Como aparelhos “privados” de hegemonia, o Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007 integram dialeticamente o “Estado ampliado”, pois, para Gramsci, “por Estado deve-se entender, além do aparelho de governo, também o aparelho “privado” de hegemonia ou sociedade civil” (GRAMSCI, 2007, p. 254-255). Esses aparelhos “privados” de hegemonia, os quais estão situados na “esfera” da “sociedade civil”,⁶³ são *locus* de direção política, moral, cultural e ideologia.

Sob a lente de Gramsci, é possível compreender o Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007 como centros ordenadores e difusores de ideologias, as quais emprestam o cimento à “sociedade civil”. Gramsci explana: “A realização de um aparelho hegemônico, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, é um fato do conhecimento, um fato filosófico” (GRAMSCI, 2006a, p. 320).

Ainda, de acordo com o filósofo sardo:

As idéias e as opiniões não “nascem” espontaneamente no cérebro de cada indivíduo: tiveram um centro de formação, de irradiação, de difusão, de persuasão, houve um grupo de homens ou até mesmo uma individualidade que as elaborou e apresentou na forma política da atualidade (GRAMSCI, 2007, p. 82).

Em carta enviada à Tatiana Schucht, sua cunhada, datada de 7 de setembro de 1931, Gramsci exhibe uma “fotografia de rara eficácia” (LIGUORI, 2007, p. 20) de sua descoberta teórica, que também auxilia a compreender o COI, o COB e o CO-RIO como aparelhos “privados” de hegemonia. Nela, o original conceito de “Estado ampliado”, com o qual Gramsci aprofunda e enriquece a teoria marxista do Estado, é demonstrado de forma sucinta:

complexificação de determinações importantes em sua época, traduzidas em seu conceito de “sociedade civil”, que integra o “Estado ampliado”.

⁶³ Aqui, a “sociedade civil”, que engloba o conjunto dos aparelhos “privados” de hegemonia à luz da terminologia de Gramsci, não se confunde com aquilo entendido ordinariamente como “terceiro setor”, discutido no começo deste capítulo.

Este estudo também leva a certas determinações do conceito de Estado, que, habitualmente, é entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo, para moldar a massa popular segundo o tipo de produção e a economia de um dado momento), e não como um equilíbrio da sociedade política com a sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre toda a sociedade nacional, exercida através das organizações ditas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas, etc.) (GRAMSCI, 2005, p. 84).

Não por acaso, Gramsci lança mão da expressão “ditas”, antecedendo “privadas”. Uma leitura atenta de tal ênfase permite inferir que os aparelhos hegemônicos, aparentemente “privados”, fazem parte plenamente do Estado, ou seja, os “organismos” da “sociedade civil” integram o “Estado ampliado” (LIGUORI, 2007). A mesma observação é válida para o uso do termo “vulgarmente”, o qual precede “privados”, extraído do trecho em que Gramsci faz alusão “ao conjunto de organismos designados vulgarmente como ‘privados’” (GRAMSCI, 2006b, p. 21).

Como se vê, a terminologia “privados” (ou, em outros casos, “privadas”) é empregada por Gramsci com as devidas aspas. Se os “organismos” da sociedade civil fossem “privados” *tout court*, abrir-se-ia uma leitura “culturalista”, “idealista” e “liberal” da obra desse autor. De outro lado, o pensamento dialógico do filósofo sardo, para o qual o conjunto dos “organismos” elaboradores do consenso não são paraestatais, porquanto estão articulados dialeticamente ao Estado, possibilita afirmar com exatidão a proposição de “uma leitura forte da morfologia do *poder* na sociedade contemporânea” (LIGUORI, 2007, p. 21, grifos do autor).

De acordo com Gramsci:

(...) podem-se fixar dois grandes “planos” superestruturais: o que pode ser chamado de “sociedade civil” (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como “privados”) e o da “sociedade política ou Estado”, planos que correspondem, respectivamente, à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico” (GRAMSCI, 2006b, p. 21).

No curso de seus trabalhos, Gramsci distingue precisamente “*dois momentos da articulação do campo estatal*”: o Estado em sentido estreito (unilateral), e o Estado

em sentido amplo, dito integral” (BUCI-GLUCKSMANN, 1980, p. 128, grifos do autor). Segundo Gramsci:

Entre a estrutura econômica e o Estado com a sua legislação e a sua coerção, está a sociedade civil, e esta deve ser radical e concretamente transformada não apenas na letra da lei e nos livros dos cientistas; o Estado é o instrumento para adequar a sociedade civil à estrutura econômica (GRAMSCI, 2006a, p. 324).

A “sociedade civil” concerne à intrincada rede de agentes, práticas e instituições de adesão voluntária, que permeiam a vida cotidiana, responsáveis por direção política, moral, cultural e ideológica, consagrada por Gramsci como hegemonia – como o exercício da função de “direção”/governo. Nela, encontram-se os mais diversos aparelhos “privados” de hegemonia, portando tarefas educativo-formativas: os partidos políticos, as igrejas, as televisões, os clubes esportivos, os sindicatos, as rádios, os jornais, as revistas, as escolas, a internet, e até mesmo as famílias. Em tais espaços, assim como é o caso do COI, do COB e do CO-RIO, visões e concepções de mundo (ou ideologias) são elaboradas, difundidas e disputadas.

O próprio Gramsci, referindo-se a um desses aparelhos hegemônicos, ressaltou: “Deve-se sublinhar a importância e o significado que têm os partidos políticos, no mundo moderno, na elaboração e difusão das concepções de mundo” (GRAMSCI, 2006a, p. 105). O seguinte trecho escrito por Gramsci enriquece a discussão:

(...) todo Estado é ético na medida em que uma de suas funções mais importantes é elevar a grande massa da população a um determinado nível cultural e moral, nível (ou tipo) que corresponde às necessidades de desenvolvimento das forças produtivas e, portanto, aos interesses das classes dominantes. A escola como função educativa positiva e os tribunais como função educativa repressiva e negativa são as atividades estatais mais importantes neste sentido: mas, na realidade, para este fim tende uma multiplicidade de outras iniciativas e atividades chamadas privadas, que forma o aparelho da hegemonia política e cultural das classes dominantes (GRAMSCI, 2007, p. 284).

Gramsci não presenciou a explosão dos *mass media* na segunda metade do século XX, e, por conseguinte, não conheceu a televisão. Os aparelhos “privados” de hegemonia existentes à época de sua vida eram basicamente a escola, um dos principais,

a imprensa e o rádio. De outro lado, a fecundidade das categorias engendradas por ele abre a possibilidade para se entender, além da televisão, uma vasta gama de outras instituições, iniciativas e atividades chamadas “privadas”, entre as quais é possível inserir atualmente a internet, novíssimo aparelho “privado” de hegemonia.

Etimologicamente, hegemonia deriva do grego *eghestai*, e quer dizer “conduzir”, “ser guia”, “ser líder”; e também do verbo *eghemoneuo*, que significa “ser guia”, “preceder”, “conduzir”, do qual deriva “estar à frente”, “comandar”, “ser o senhor”. No antigo grego, referia-se ao termo militar *eghemonia*, entendido como a direção suprema de um exército (GRUPPI, 1978, p. 1). A hegemonia é um decalque da palavra grega *egemonía*, cujo significado é “direção suprema”, que indica o poder absoluto conferido aos chefes dos exércitos, denominados *egemónes*, ou seja, condutores, guias (BELLIGNI, 2010, p. 579).

O “Estado” (*stricto sensu*) refere-se à “sociedade política”, confunde-se com o “Estado-coerção”, no qual a classe dominante “assegura ‘legalmente’ a disciplina dos grupos que não ‘consentem’, nem ativa nem passivamente” (GRAMSCI, 2006b, p. 21), exercendo “dominação” (“domínio”, ou “ditadura”) – expressões cujos sentidos acentuam a dimensão coercitiva da “sociedade política”. O “Estado”, em sentido estreito, identifica-se com o “Estado-governo”, com o aparelho coercitivo de classe, por possuir funções “coercitivas e econômicas” (BUCI-GLUCKSMANN, p. 128). No “âmbito” do “Estado” (*stricto sensu*) estão presentes, a título de exemplo, o exército, administração, a polícia e a burocracia.

O “Estado ampliado” é assim definido por Gramsci: “Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção” (GRAMSCI, 2007, p. 243). Se, nesse caso, a hegemonia é “encouraçada de coerção”, no trecho seguinte observa-se a coerção “encouraçada pela hegemonia” (BIANCHI, 2008, p. 187):

O exercício “normal” da hegemonia, no terreno tornado clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações –, os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados (GRAMSCI, 2007, p. 95).

“Sociedade civil” e “sociedade política” formam “o Estado (no significado integral: ditadura + hegemonia)” (GRAMSCI, 2007, p. 257). Mas essa não é uma relação algébrica de simples adição. “Sociedade civil” e “sociedade política” ou “hegemonia” e “ditadura” constituem nexos indissociáveis, visto que há superposição nas sociedades concretas. As duas “esferas” “superestruturais” confundem-se na realidade efetiva.

Cabe ressaltar que Gramsci insistiu na “identidade-distinção entre sociedade civil e sociedade política” (GRAMSCI, 2007, p. 282). Essa unidade-diferença existente entre “sociedade civil” e “sociedade política” deve ser entendida “dialeticamente (na dialética real e não só conceitual)” (GRAMSCI, 2006b, 230). Não se deve confundir a “distinção entre sociedade política e sociedade civil, que de distinção metodológica é transformada e apresentada como distinção orgânica”, pois “sociedade civil e Estado se identificam na realidade dos fatos” (GRAMSCI, 2007, p. 47). A divisão entre “sociedade civil” e “sociedade política” é puramente metodológica, e não orgânica, devendo a interpretação mais correta demonstrar a relação de “identità-distinzione” existente entre essas duas “esferas”.

O “Estado ampliado” possui, na obra de Gramsci, uma “dupla perspectiva”: os momentos da “ditadura” e da “hegemonia”, da força e do consenso, articulam-se de modo complexo e variado, não devendo ser reduzida a uma interpretação mesquinha ou banal. Não há, portanto, a substituição e anulação da força pelo consenso na conceituação gramsciana, nem a negligência do papel da “ditadura”. Para compreender isso, é fundamental resgatar a figura do centauro Quíron desenhado por Maquiavel, do qual Gramsci extrai a metáfora para clarificar a natureza dúplice de seu “Estado ampliado”.

Maquiavel, em *O príncipe*, além de ressaltar a necessidade de, “em períodos convenientes do ano, manter o povo ocupado com festas e espetáculos” (MAQUIAVEL, 2010, p. 125), destaca “duas matrizes de combate: uma, por meio das leis; outra, pelo uso da força” (MAQUIAVEL, 2010, p. 105). O príncipe, para Maquiavel, precisa saber valer-se tanto da “metade” homem, referente às leis, como da “metade” animal, caracterizada pelo uso da força. Diz ele:

Este ponto foi ensinado veladamente aos príncipes pelos escritores da Antiguidade, os quais escreveram como Aquiles e tantos outros

príncipes antigos foram deixados aos cuidados do centauro Quíron, que os manteve sob sua disciplina. Isso quer dizer que, tendo por preceptor um ser metade animal e metade homem, um príncipe deve saber usar de ambas as naturezas: e uma sem a outra não produz efeitos duradouros (MAQUIAVEL, 2010, p. 105).

Essa “dupla perspectiva” é desenvolvida na ação política e na vida estatal em vários graus, desde os mais elementares aos mais complexos, reduzidos abstrata e teoricamente a dois graus fundamentais, “correspondentes à natureza dúplice do Centauro maquiavélico, ferina e humana, da força e do consenso, da autoridade e da hegemonia” (GRAMSCI, 2007, p. 33). A “lei” (e, por conseguinte, a “legislação” e o “direito”), uma das matrizes de funcionamento do “Estado ampliado”, tem, no pensamento de Gramsci, um sentido mais abrangente que o convencional das regras prescritas em códigos jurídicos, pois diz respeito também às atividades que vigoram no “âmbito” da “sociedade civil”, compreendidas na fórmula do chamado “indiferente jurídico”. Para Gramsci, a “sociedade civil” atua sem “sanções” e sem “obrigações” taxativas como o “direito” (*stricto sensu*) e os tribunais punitivos, mas não deixa de exercer igualmente “uma pressão coletiva e de obter resultados objetivos de elaboração nos costumes, nos modos de pensar e de atuar, na moralidade, etc.” (GRAMSCI, 2007, p. 23-24).

Não existem evidências de que Gramsci tenha lido Durkheim – sabe-se apenas que Croce, um dos autores com quem Gramsci dialoga nos *Cadernos*, faz menção ao autor d’*As regras do método sociológico*. No entanto, de forma consciente ou não, o final do trecho acima (referente ao caderno 13) nos remete à obra do sociólogo francês. Para Gramsci, o Estado (“sociedade política” somada à “sociedade civil”) pode ser entendido como uma realidade *sui generis*, mais complexa que a simples soma das partes e dos indivíduos que o compõe, dotada de um poder de “coerção”, de “pressão coletiva”, que transcende e molda os indivíduos à sua imagem, o que não se dá perfeitamente.⁶⁴ Ou seja, o Estado, além de atuar por “sanções” (na “esfera” da “sociedade política”), elabora maneiras de agir, de pensar e de sentir na “esfera” da “sociedade civil”.

⁶⁴ Além disso, é preciso ter em vista que é o ser social é a síntese das muitas e diferentes forças atuantes na sociedade. O ser social é um processo, o processo de seus atos, e o reflexo das frações da “sociedade civil” das quais participa, do complexo de suas relações sociais.

Entretanto, há uma diferença substancial entre o sardo e o sociólogo francês, que consiste no papel ativo atribuído por Gramsci às vontades e ações humanas, oposta à interpretação fetichizada durkheimiana, que reifica a realidade social, segundo a qual os fatos sociais não são produtos de nossa vontade, “eles a determinam a partir do exterior; constituem como que moldes dentro dos quais somos obrigados a plasmar nossas ações” (DURKHEIM, 2002, p. 25). O filósofo sardo, distanciando-se radicalmente da orientação estrutural-funcionalista de Durkheim, considera as vontades humanas não como meros subprodutos da objetividade, já que existe sempre um jogo dialético na relação entre indivíduo e sociedade.

Poder-se-ia objetar, devido à atuação do COI, do COB e do CO-RIO como empresas privadas, que esses “organismos” não são aparelhos “privados” de hegemonia, porque a hegemonia restringe-se ao campo “superestrutural”. Ao se perscrutar a obra de Gramsci, é importante ter em mente que a função hegemônica de classe extrapola o campo exclusivamente “superestrutural”, pois as práticas ideológicas se fazem presentes desde o momento da produção econômica, no interior da fábrica. Faz-se mister alertar que, o próprio Gramsci, em *Americanismo e fordismo*, sublinhou que a hegemonia “nasce na fábrica” (GRAMSCI, 2001, p. 247). Ao encontro disso, afirmar que a função hegemônica faz-se presente também no “âmbito” da “sociedade política” não é, sem margens para dúvidas, igualmente uma contradição, pois o exercício da hegemonia, da direção/governo, ocorre também nas fábricas, indústrias e empresas.

O conceito gramsciano de hegemonia não deve ser confundido com pura “dominação” (entendida sob a ótica da unidimensionalidade, da heteronomia, que alija dos esquemas de dominação a dimensão relacional existente na realidade concreta), já que a “hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso” (GRAMSCI, 2007, p. 48).

A não compreensão de que a distinção entre “sociedade civil” e “sociedade política” efetuada por Gramsci tem caráter apenas “metódico”, e não “orgânico” (sendo as duas “esferas” separadas apenas para fins analíticos), implica na morte do centauro maquiavélico. O centauro não vive sem a sua metade animal, nem sem a sua metade humana, pois essas duas partes conservam uma unidade “orgânica” (BIANCHI, 2008).

Percebe-se que não é possível pensar em dicotomias, e nem em esquemas binários, quando se trata da realidade concreta.

O “Estado ampliado”, para além de um fetiche, é o reflexo e a condensação de relações sociais mais complexas e amplas, e não simplesmente uma coisa. Logo, as categorias “sociedade política” e “sociedade civil” não devem ser fetichizadas, reificando a realidade concreta: hegemonia e coerção, “sociedade civil” e “sociedade política”, acabam baralhando-se na realidade efetiva das coisas.

Noutro momento, Gramsci, em uma fórmula bastante sintetizadora, resume mais uma vez seu conceito de Estado: “Estado é todo o complexo de atividades práticas e teóricas com as quais a classe dirigente não só justifica e mantém seu domínio, mas consegue obter o consenso ativo dos governados” (GRAMSCI, 2007, p. 331).

No pensamento de Gramsci, o Estado cria “conformismos sociais”,⁶⁵ ele exerce uma “pressão educativa” sobre cada indivíduo a fim de obter seu consenso e sua colaboração. O Estado comporta uma tarefa educativa e formativa, cuja finalidade consiste em engendrar tipos mais “elevados” e novos de “civilização”, de modo a adequar a “civilização”, a moralidade e a cultura “das mais amplas massas populares às necessidades do contínuo desenvolvimento do aparelho econômico de produção e, portanto, de elaborar também fisicamente tipos novos de humanidade” (GRAMSCI, 2007, p. 23-24).

Gramsci alarga sobremaneira a concepção corriqueira de “educador”, atribuindo ao “Estado ampliado”, e mesmo às corporações, a função de “mestre”, porque o “Estado em sentido amplo”, por meio de suas tarefas educativas e formativas, tende precisamente a forjar novos e “elevados” tipos e níveis de “civilização”. Segundo o sardo:

Dado que se opera essencialmente sobre as forças econômicas, que se inova a estrutura, não se deve concluir que os fatos de superestrutura devem ser abandonados a si mesmos, a seu desenvolvimento espontâneo, a uma germinação casual e esporádica. O Estado, também

⁶⁵ Todos os indivíduos fazem parte de algum conformismo, de algum grupo social que compartilha modos de pensar e de agir. Todos eles são, nos termos de Gramsci, “conformistas de algum conformismo” (GRAMSCI, 2006a, p. 94), podendo cada indivíduo pertencer a uma multiplicidade complexa de “homens-massa” ou de “homens-coletivos”. A questão é saber quais os tipos históricos de “homem-massa” ou “homem coletivo” que os indivíduos integram: o “homem-massa” voluntário é um deles.

neste campo, é um instrumento de “racionalização”, de aceleração e de taylorização (GRAMSCI, 2007, p. 28).

Por vezes o seguinte trecho escrito por Marx no *Manifesto* é trazido às discussões: “A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais” (MARX, p. 43). Parafraseando Marx, pode-se atestar, ao encontro dessa assertiva, que a classe dominante não vive sem revolucionar, recriar e reafirmar a todo momento o exercício de sua hegemonia, ela não subsiste sem revolucionar incessantemente as tarefas educativas e formativas (além, é claro, das funções coercitivas) do “Estado ampliado”, isto é, sua direção política, moral, cultural e ideológica.

Além de permitir a intelecção do Comitê Olímpico Internacional, do Comitê Olímpico Brasileiro e do Comitê Organizador Rio 2007 como aparelhos “privados” de hegemonia, como grupos dirigentes, como centros de irradiação e de difusão de modos de pensar e de agir, como instrumentos de racionalização (os quais encontram-se situados no “âmbito” da “sociedade civil”), as lucubrações de Gramsci são profícuas para compreender e criticar as concepções essencialistas da “cultura olímpica”. Segundo Gramsci: “A inovação fundamental introduzida pela filosofia da práxis na ciência da política e da história é a demonstração de que não existe uma ‘natureza humana’ abstrata, fixa e imutável” (GRAMSCI, 2007, p. 56).

Para o Barão de Coubertin, os Jogos Olímpicos da modernidade seriam responsáveis pela transformação e recuperação da sociedade europeia, trazendo de volta os valores tradicionais que o capitalismo suplantou em seu movimento de expansão. Entretanto, cabe alertar contra concepções essencialistas de cultura: a chamada “cultura olímpica” não é metafísica, ahistórica ou imutável, assim como não existe um “espírito olímpico” transcendente. Assim sendo, o olimpismo de outrora não é o mesmo da atualidade, não há preservação nem permanência intacta dos princípios e objetivos originais de Coubertin na contemporaneidade. O olimpismo, que, como qualquer outra ideologia, está sujeito às pressões externas que não são suas (sofrendo, em consequência, constantes mutações, interferências e incorporações de sentido), inclusive mercadológicas, foi açambarcado pelo projeto societário neoliberal, expresso no fomento à cultura do voluntariado, em espaços privatizados, na retirada de direitos,

assim como na promoção do esporte de alta performance imediatamente transformado em mercadoria, referente sobretudo àquele que gera lucros ao COB e ao CO-RIO não só com ingressos, mas também através da venda de direitos de uso da imagem dos Jogos Pan-Americanos às empresas, TVs e publicidade em geral – e o mesmo entendimento vale para o COI, no caso dos Jogos Olímpicos, e para a FIFA (que também é um aparelho “privado” de hegemonia), quando se trata da Copa do Mundo de futebol.⁶⁶

A ideologia do olimpismo não é meramente uma ilusão, uma “falsa consciência”, uma concepção equivocada e errônea da realidade, uma simples inversão da realidade – expressões que têm um sentido pejorativo e negativo, abrangendo uma consciência deformada, incapaz de apreender a realidade efetiva. Mais do que isso, é importante compreender a ideologia do olimpismo mormente como um terreno no qual movimentam-se os homens, isto é, como um sustentáculo que autoriza a prática dos indivíduos.

Em *O 18 de brumário*, Marx compreendeu a imprensa “como um âmbito de atuação importante” (MARX, 2011b, p. 39) das classes e frações de classes sociais, devido às posições políticas assumidas pelos jornais. Refletir sobre a imprensa “como um âmbito de atuação importante” significa corroborar a validade ontológica e a eficácia causal das “aparências”. Os jornais, com posições políticas e ideológicas claras, mas nem sempre explícitas, são fundamentais na busca pelo consenso, na sua elaboração e produção de um “conformismo social”, são “um âmbito de atuação importante” na elaboração, difusão e disputa de concepções de mundo, intimamente ligadas aos interesses de classe.

Por mais de uma vez, Gramsci faz alusão nos *Cadernos do cárcere* a um trecho do prefácio à *Contribuição à crítica da economia política*, no qual Marx reflete sobre as “formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim” (MARX, 2007, p. 46). Então, Gramsci questiona essas considerações de Marx: “dizer isto não é afirmar a necessidade e a validade das ‘aparências’” (GRAMSCI, 2007, p. 27).

⁶⁶ A FIFA é também um aparelho “privado” de hegemonia, visto que exerce direção política, moral, cultural e ideológica. Esse “organismo” elabora, difunde e disputa visões de mundo, atua fomentando a cultura do futebol de alta performance, dirigindo e governando um dos maiores espetáculos esportivos do mundo, a Copa do Mundo de futebol, altamente comercializável e rentável, sobretudo a si própria.

À luz do pensamento de Gramsci, o olimpismo compreendido como ideologia não deve comportar um sentido negativo ou enganoso em si, pois ele se recusa a compreender a ideologia estritamente no sentido gnosiológico, como “falsa consciência”, em oposição à “consciência verdadeira” – científica. A ideologia é, na verdade, uma força ontologicamente real, é uma categoria que efetivamente opera na realidade, é constitutiva do real, capaz de modificar a vida humana, ou seja, as visões e concepções sociais de mundo (ou ideologias) resultam em ações práticas, elas racionalizam o cotidiano dos indivíduos.

Ao discorrer acerca do “salário” (que não é o equivalente ao valor produzido pela força de trabalho, e por isso é uma “aparência”), Marx explicita que “o trabalhador toma a sério a aparência do salário por peça, acreditando que lhe pagam o que produziu, e não sua força de trabalho” (MARX, p. 645). O trabalhador é ludibriado porque toma a sério a “aparência”, ele acredita que o “salário” é equivalente ao valor que produziu. Afirmar isso também é o mesmo que assegurar a necessidade e a validade ontológica das “aparências. A “aparência” tem portanto uma eficácia causal: “aparência” e “essência”, portando suas respectivas validades, têm o mesmo estatuto ontológico, em se tratando da produção de efeitos socialmente úteis e eficazes.

A ideologia não é algo meramente acessório e ilusório que mereça ser descartado, como também não é ahistórica. As ideologias (visões de mundo, ou concepções sociais de mundo) não são simples reflexos epifenomenais sem uma eficácia específica. No pensamento de Gramsci, as ideologia ou concepções de mundo “‘organizam’ as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam” (GRAMSCI, 2006a, p. 237).

Na obra de Gramsci, a batalha das ideias assume um lugar importante em seu arcabouço teórico e político, ela é essencial na luta por hegemonia, não devendo ser subestimada, pois ele procura mostrar que “a escolha e a crítica de uma concepção do mundo são, também elas, fatos políticos” (GRAMSCI, 2006a, p. 97). Nesse sentido, de acordo com o sardo:

(...) as ideologias não são de modo algum arbitrárias; são fatos históricos reais, que devem ser combatidos e revelados em sua natureza de instrumentos de domínio, não por razões de moralidade, etc., mas precisamente por razões de luta política (GRAMSCI, 2006a, p. 387).

Marx, em *O 18 de brumário* Luís Bonaparte, apresenta uma concepção mais elaborada e profícua de ideologia que, por exemplo, aquela apresentada em *A ideologia alemã*: “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes” (MARX, 2007, p. 47). Em *O 18 de brumário*, Marx exibe uma concepção de ideologia semelhante à gramsciana, a de visão ou de concepção social de mundo que orienta e organiza a conduta humana, que forma o terreno no qual os homens se movimentam. Eis o que Marx exprime nessa obra histórico-política concreta de sua “maturidade” intelectual:

Sobre as diferentes formas da propriedade, sobre as condições sociais da existência se eleva toda uma superestrutura de sentimentos, ilusões, modos de pensar e visões da vida distintos e configurados de modo peculiar. Toda a classe os cria e molda a partir do seu fundamento material e a partir das relações sociais correspondentes. O indivíduo isolado, para o qual eles fluem mediante a tradição e a educação, pode até imaginar que eles constituem as razões que propriamente o determinam e o ponto de partida da sua atuação (MARX, 2011b, p. 60).

Interpretando atentamente, percebe-se em tal passagem que Marx fala em sentimentos, ilusões, modos de pensar e visões da vida distintos e configurados de modo peculiar, frutos de criações e moldagens de classe, que fluem para os indivíduos mediante a tradição e a educação, e que, por fim, constituem as razões que propriamente os determinam e o ponto de partida da suas atuações. Então, pode-se concluir, não só que Gramsci, mas também Marx, entendem as ideologias como modos de pensar distintos e configurados de modo peculiar, como visões sociais da vida, que constituem o ponto de partida da atuação dos indivíduos. A ideologia, que flui para os indivíduos mediante a “educação”, é o *condottiero* (do latim *conducere*, que significa “conduzir”) das ações humanas. Não se está, aqui, na esteira de alguma forma de idealismo, mas, antes, da percepção de que a totalidade também é constituída pelas formas de representações que homens concretos (determinados) elaboram, jamais sendo estas meros epifenômenos da produção material.

É crucial explicitar que os indivíduos jamais internalizam o olimpismo e as suas concepções sociais de mundo integral e absolutamente: todas as ideologias são

configuradas e internalizadas de modo peculiar. À luz da obra de Gramsci, os indivíduos não são simplesmente enganados, ludibriados pelas ideologias dominantes; jamais as aceitam, por assim dizer, em sua forma “pura”, a combinação é sempre mais ou menos heteróclita e bizarra. Nos *Cadernos*, há uma interessante passagem, em que Gramsci reflete sobre a religião, em especial sobre a religião católica, que permite pensar a relativa introjeção de ideologias e valores. Nela, o sardo afirma: “há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo” (GRAMSCI, 2006a, p. 115).

Assim, é preciso ter em mente que a introjeção das normas, dos princípios e dos ideais olímpicos pelos atletas de alta performance, quando acontece, não ocorre de forma rígida, perfeita ou uniforme: o abandono do *fair play*, a busca a todo custo pela vitória, que contraria a ideologia de que o importante é competir (MCFEE, 2002), assim como o *doping*,⁶⁷ todos esses são exemplos de que os atletas não seguem rigidamente a cartilha do olimpismo, e o mesmo vale para os árbitros.⁶⁸ E isso serve também seguramente para os próprios membros dos Comitês, visto que os resultados do Pan Rio 2007 são incompatíveis com um resultado democrático efetivo, com a construção de um mundo melhor, com a preservação da dignidade humana apregoada pelos ideais olímpicos.

2.2. *Fair play* ou “golpe baixo”?

Trazer à tona as práticas que se escondem por trás dos ideais olímpicos, também é de fundamental importância. Bourdieu (1997, p. 125) lembra que o Comitê Olímpico Internacional foi “progressivamente convertido em uma grande empresa comercial”, “dominada por uma pequena camarilha de dirigentes esportivos e de representantes das grandes marcas”. Não diferente do COI, empresa transnacional, de acordo com o Editorial da Revista Motrivivência, o CO-RIO também assume a forma de

⁶⁷ No Pan Rio 2007, foi confirmado, entre outros casos, o *doping* da nadadora brasileira Rebeca Gusmão pela Organização Desportiva Pan-Americana. Após decisão, a nadadora perdeu as quatro medalhas conquistadas: duas de ouro, uma de prata e uma de bronze. Com recorrentes exames positivos para o uso de substâncias proibidas, posteriormente a atleta foi banida do esporte.

⁶⁸ A título de exemplo, no jogo da final de handebol masculino, os jogadores das seleções de Brasil e Argentina envolveram-se em uma briga e acabaram sendo acusados de antiesportistas por contrariarem o “espírito esportivo”, os ideais “aparentes” do esporte.

“uma empresa privada criada pelo COB para gerenciar os Jogos Pan-Americanos”. Conforme o Editorial, o COB teria levado “os louros” dos Jogos, “especialmente” Carlos Arthur Nuzman, o presidente do COB e do CO-RIO, em conjunto com “seus familiares e amigos, cujas empresas viraram prestadoras de vários serviços ao Co-Rio, sem qualquer concorrência”.⁶⁹ Para Lenskyj (2008, p.73), termos, nas suas próprias palavras, “pseudo-religiosos”, como Movimento Olímpico e Espírito Olímpico, são selecionados para evocar sentimentos de emoção e de pertença universais, ao passo que os menos saborosos fins de obtenção de lucro são ocultados.

Em entrevista à revista *Caros Amigos*, Juca Kfoury e José Trajano relatam que a figurinista da equipe olímpica brasileira é cunhada de Nuzman. Os dois jornalistas criticam a ausência de licitação para os programas de segurança no Pan. E, segundo eles, a agência de turismo que presta serviços ao COB é de uma grande amiga de Nuzman. Além disso, as hospedagens completas dos integrantes dos comitês nacionais seriam pagas pelo Pan.⁷⁰ Torna-se então clara a absoluta carência de rigor teórico na utilização da expressão “entidade civil” do “terceiro setor”, “sem fins lucrativos”, para designar o CO-RIO e o COB. Além do mais, futuras investigações necessitam explicitar o valor referente ao salário dos membros do CO-RIO e do COB, os quais podem ser também bastante rentáveis.

Diante do que foi exposto acima, a seguinte assertiva, extraída de *O 18 de brumário* faz-se, portanto, atualíssima:

(...) assim como na vida privada se costuma diferenciar entre o que uma pessoa pensa e diz de si mesma e o que ela realmente é e faz, nas lutas históricas deve-se diferenciar tanto mais as fraseologias e ilusões nutridas pelos partidos do seu verdadeiro organismo e dos seus reais interesses, deve-se diferenciar as suas concepções da realidade (MARX, 2011b, p. 61).

2.3. Direção cultural (e econômica) ou tudo que é Pan-Americano transforma-se em mercadoria

Assim como o Comitê Olímpico Internacional, o COB e o CO-RIO revelam-se instituições anti-democráticas, com propostas elitistas, tendo em vista os resultados

⁶⁹ Motrivivência (2006, p. 12).

⁷⁰ Entrevista de José Trajano e Juca Kfoury à revista *Caros Amigos*, jun. 2007.

fundamentalmente privatizados dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007: a Vila Pan-Americana, o Maracanã, o Estádio João Havelange e a Arena do Pan – assim, a direção/governo cultural é propriamente uma atividade econômica. Pode-se dizer que o Velódromo e o Parque Aquático Maria Lenk foram igualmente privatizados, porque o COB é responsável pela gestão atual desses espaços e as pessoas são privadas da mesma forma do direito à prática “pública” do “lazer” em tais lugares.

Segundo Mascarenhas, geógrafo da UERJ:

O complexo aquático Maria Lenk está entregue às moscas! Custou caríssimo, também. Na época, a gente tava propondo que esse complexo aquático fosse, após os jogos, utilizado pelas escolas municipais do Rio. Sabe o que foi dito pra gente? Olha, essa piscina é muito bacana pra botar criança pobre dentro dela.⁷¹

No que tange aos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, não se trata da proposição de um esporte “recreativo” (e isso vale tanto para o momento estrito das competições como para os resultados posteriores à realização do evento) situado na “esfera” do “lazer” “público”, que também não está isento de problemas, pois pode significar a mera reprodução da força de trabalho (e por isso o uso das aspas em “lazer” e “público”), ainda que o fenômeno esporte não se resuma apenas a isso.⁷²

Nesse sentido, conforme o pensamento de Bourdieu, “o esporte, que nasceu dos jogos realmente populares, isto é, **produzidos pelo povo**, retorna ao povo (...) sob a forma de espetáculos **produzidos para o povo** (BOURDIEU, 1983, p. 144, grifos do autor). O fomento ao esporte entoado pelo Movimento Olímpico e por suas corporações transnacionais diretivas imperialistas concerne àquele que assume a forma da mercadoria, isto é, uma modalidade capaz de gerar lucros. A hegemonia é então a própria atividade econômica, uma vez que a cultura é transformada em mercadoria. De outro lado, é possível também falar também em um “espetáculo” produzido pelo “povo”, isto é, pelo trabalhador (cuja atividade no capitalismo geralmente é

⁷¹ Entrevista com Mascarenhas, em Comitê Popular da Copa (2011).

⁷² O esporte na “esfera” do “lazer”, do tempo de “não-trabalho” não é uma prática livre e idealizada (e por isso não é um tempo verdadeiramente livre), tampouco é uma prática determinada mecanicamente pela “estrutura” econômica. No esporte de “lazer” é possível encontrar formas de resistência: elas são reais e persistem no esporte, ainda que não tenham o sentido da superação da ordem do capital, do *status quo*. O esporte é na realidade efetiva um terreno de disputa entre as classes e frações de classes sociais.

precarizada), mas que não retorna ao “povo”, pois o “povo” não tem condições de pagar ingressos para assistir aos megaeventos esportivos.

Diga-se apenas de passagem que os trabalhadores voluntários também foram incitados ao consumo pelo olimpismo e pelo pan-americanismo – neste caso o olimpismo foi açambarcado pela lógica consumista do capitalismo “avançado”, da “sociedade de consumo”. Sugere o seguinte o manual direcionado à educação dos voluntários:

Você pode incorporar-se ao espírito dos Jogos pela compra de produtos oficiais, colocados à venda em lojas e quiosques licenciados. A troca de lembranças é uma atividade aceita internacionalmente e que gera momentos de descontração, promove amizades e permite um compartilhamento de experiências, rico e construtivo (MANUAL, p. 62).

O Jogos Pan-Americanos são um megaespetáculo poliesportivo que visa difundir a cultura da alta performance, na qual o esporte é imediatamente convertido em mercadoria. Assim como em outros megaeventos esportivos internacionais, no Pan Rio 2007 as ideologias/práticas do esporte profissional, da alta performance, do alto rendimento e da competição, refletidas em derrotas, vitórias e recordes são colocadas em destaque, e por isso entram em disputa com outras ideologias e modalidades de esporte que não têm a marca do rendimento exacerbado, a cultura da alta performance, como o esporte concernente à “esfera” do “amadorismo”. Bourdieu (2008) clarifica que as representações estão sempre colocadas num campo de concorrências e de competições. Então, o que existe efetivamente no terreno do esporte é um amplo “campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Em qualquer atividade humana estão contidas e manifestas concepções de mundo: “a ideologia tendencialmente identificada à concepção de mundo de uma classe impregna todas as atividades, todas as práticas” (BUCI-GLUCKSMANN, p. 8). É isso que afirma Gramsci: “mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na ‘linguagem’, está contida uma determinada concepção do mundo” (GRAMSCI, 2006a, p. 93). Isso não é diferente em se tratando do esporte de alta performance. Mesmo na atividade dos atletas profissionais de alta performance

estão contidas concepções de mundo, pois a prática do esporte é exercício de hegemonia, *locus* de elaboração, difusão e disputa de visões de mundo, de direção política, moral cultural e ideológica.⁷³

De acordo com Gramsci, “todos os homens são ‘filósofos’” (GRAMSCI, 2006a, p. 93), ou seja, através de sua linguagem, de seu senso comum, todo homem, em sua ação interativa, manifesta um “conjunto de noções tanto sobre o que *é* como sobre o que *deve ser*” (COUTINHO, 2007, p. 111, grifos do autor) o esporte. Nesse sentido, a ideologia é central na orientação prática dos homens. Toda forma de práxis, inclusive a práxis esportiva, contém a potencialidade da passagem da recepção “passiva” do mundo para a esfera da modificação do real. O esporte contém a política como elemento real ou potencial ineliminável, o que é um fato ontológico real, porque, no entender de Gramsci, “a ação é sempre uma ação política” (GRAMSCI, 2006a, p. 97).

Discorrendo sobre o papel dos intelectuais, Gramsci explicitou que “não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*” (GRAMSCI, 2006b, p. 52-53). Qualquer forma de atividade, por mais que ela seja fundamentalmente “física” ou mecânica, é uma atividade intelectual. Essa argumentação é de grande valia para o entendimento do esporte de alta performance, visto que, frequentemente, atletas-trabalhadores de alta performance são considerados nulos em termos de racionalidade. Se o atleta-trabalhador de alta performance não pensasse, não conseguiria desenvolver sua própria atividade laborativa.

Informado pelo pensamento de Gramsci, cabe explicitar que todos os atletas são intelectuais, todos possuem faculdades intelectuais e racionais, mas nem todos os atletas exercem uma função intelectual ordenadora, ou seja, nem todos desempenham uma atividade organizativa na sociedade. Em qualquer trabalho, por mais que ele pareça absolutamente físico e mecânico (lógica levada ao extremo no esporte de alta performance), existe sempre um mínimo de atividade intelectual criadora. Se o atleta não possuisse uma concepção de mundo, isto é, uma “filosofia”, não poderia, a título de

⁷³ Embora as fronteiras sejam tênues na realidade concreta, costuma-se decompor, no plano abstrato, o esporte em esporte de alta performance, profissionalizado, ou de rendimento, e esporte amador, ligado ao “lazer”, ao “tempo livre”, ou “tempo de não-trabalho”. Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 representam o esporte em sua concepção social de mundo/prática de alta performance exacerbada.

exemplo, interagir com seus os semelhantes ou adversários em uma partida de futebol ou de voleibol.

Em relação à hegemonia, à direção político-cultural no “âmbito” do esporte, Bourdieu (2004, p. 218) ressalta que “a difusão favorecida pela televisão introduz cada vez mais espectadores desprovidos de qualquer competência prática e atentos a aspectos extrínsecos da prática, como o resultado e a vitória”.⁷⁴ Para o francês, há um contínuo aumento da

ruptura entre profissionais e amadores, que vai *pari passu* com o desenvolvimento de um esporte-espetáculo totalmente separado do esporte comum. (...) a constituição progressiva de um campo relativamente autônomo reservado a profissionais é acompanhada de uma despossessão dos leigos, pouco a pouco reduzidos ao papel de espectadores (BOURDIEU, 2004, p. 217-218).

Essas afirmações são importantes por acentuarem como sobressai a condição de (tele)espectador no caso dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, intimamente ligada à indústria olímpica do entretenimento. Todavia, essas assertivas devem ser relativizadas, pois o raciocínio de Bourdieu opera através de dicotomizações: esporte-espectador *versus* esporte-prática, profissionais contra amadores e esporte-espetáculo *versus* esporte comum. Na realidade concreta, as fronteiras entre amadorismo e profissionalismo são tênues.

O uso da expressão “consumo passivo” (BOURDIEU, 1983, p. 144) é igualmente problemático. De outro lado, é importante ter em mente que existe concretamente um mínimo de consenso, visto que tanto consumir resistindo como resistir consumindo são práticas realmente possíveis. Não se pode perder de vista que há sempre uma dimensão relacional nos esquemas de dominação. Ao encontro disso, as teses de Hobsbawm são mais fecundas ao entendimento desse fenômeno, já que ressaltam a dialogicidade presente na relação esporte/espectador (e o mesmo vale para a relação esporte/telespectador, mediada pela televisão e pela internet). Esse historiador diz o seguinte:

⁷⁴ Em termos gramscianos, Bourdieu acentua a criação de um “novo tipo de homem” no “âmbito” do esporte na contemporaneidade, resultado da invenção de novos aparatos tecnológicos, como a televisão, os quais alteram os hábitos, costumes e comportamentos sociais. Engendra-se um tipo de “homem-massa” ou “homem-coletivo” particular ligado à condição de mero (tele)espectador, desprovido do saber-fazer esportivo, das competências práticas do esporte.

Se a indústria não conseguiu até hoje fazer do público um bando de idiotas é porque o público não só não quer *apenas* se sentar calado, como população passiva, para assistir ao *show*: quer também fazer seu próprio entretenimento, participar ativamente e, o que é mais importante, socialmente (HOBSBAWM, 1990, p. 37).

Portanto, o (tele)espectador do esporte quer fazer seu próprio entretenimento, quer escolher o treinador de seu time e montar sua própria seleção, quer torcer e motivar um time ou atleta, quer fazer as substituições que acha conveniente no time para qual torce. Isso que dizer que a relação esporte/espectador, além da relação mais atual existente entre esporte e telespectador, caracterizada pelas mediações da TV e da internet, não são relações de absoluta dominação, heteronômicas, simplesmente passivas, pois o real é eivado de contradições: existe na realidade efetiva uma dialogicidade.

Para Bourdieu, o

campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do **corpo legítimo** e do **uso legítimo do corpo** (BOURDIEU, 1983, p. 142, grifos do autor).

Bourdieu, apesar de esbarrar em concepções mecanicistas, de cunho reducionistas, em explicações dicotômicas, que fragmentam a realidade social, é sólido ao demonstrar que embates não são travados somente no plano econômico: existem também as lutas ideológicas, simbólicas e culturais, as quais, é claro, não estão descoladas de interesses econômicos. Nesse sentido, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, longe de buscarem atender interesses universais, devem ser vistos como uma estratégia, como um campo de lutas e como o resultado das disputas que ocorrem entre as classes e frações de classes sociais, que, no caso, culminam no fomento ao esporte-mercadoria de alta performance.

Ainda em relação a esse “ringue” cultural, seis esportes não-olímpicos foram admitidos por ocasião dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007: futsal, caratê, boliche, esqui aquático, patinação e squash. Isso mostra que as organizações ou instituições que

dirigem o esporte-(tele)espetáculo, a fim de não perder o poder de determinar quais as formas legítimas das práticas esportivas, buscam incorporar e encampar formas alternativas de prática esportiva surgidas. As formas alternativas de práticas corporais que emergem sofrem pressão e direção/governo cultural: a título de exemplificação, nos Jogos Olímpicos de Sidney, ocorridos em 2000, “foi anunciada uma nova modalidade olímpica, a dança” (BRACHT, 2005, p. 19). Bracht reitera, compreendendo como se dá esse processo de hegemonia:

Lembremos que a institucionalização e a *organização* burocrática centralizada é uma forma de controle social. As grandes organizações esportivas mundiais (Fifa, Coi, etc.) mantêm, através destes mecanismos, o poder de determinar as formas esportivas legítimas, detém o poder de reconhecê-las, integrando novas tendências e movimentos divergente (BRACHT, 2005, p. 108, grifos do autor).

Bracht (2005, p. 72, grifos do autor) explicita que se o Estado concentra suas prioridades no “âmbito” do esporte de “lazer” ou no esporte de alto performance, de alto rendimento, “pode ser um indicador dos motivos ou dos ‘serviços’ (benefícios) que o Estado espera do esporte”. Para ele, o “Estado que privilegia em grande medida o esporte de alto rendimento ou espetáculo, certamente não espera com isso melhorar significativamente o nível de saúde de sua população” (BRACHT, 2005, p. 72). De fato, o Estado pode não esperar esse resultado, o que não significa que o estímulo ao esporte de alta performance via megaeventos deixa de influir sobre as práticas esportivas ligadas ao “lazer” e sobre a saúde da população, ou, igualmente, que as práticas “populares” de “lazer” deixam de existir. Mesmo a atuação diretiva robusta imprimida pela indústria cultural nas últimas décadas da “sociedade do espetáculo” sobre as “culturas populares” (entendidas não como culturas fechadas sobre si mesmas, mas dialeticamente orientadas) é incapaz de exterminá-las (MELO, 2003).

É sabido que o esporte retém parcela da força de trabalho não absorvida pelo capital na produção (*stricto sensu*) e em outras “esferas”, e que o trabalho estranhado dos atletas de alta performance é explorado pelos Comitês Olímpicos. Segundo Lenskyj (2000), o Movimento Olímpico é uma empresa transnacional que explora as aspirações e o trabalho de jovens atletas para seu próprio engrandecimento e lucro. Ao encontro disso, o programa bolsa-atleta implementado pelo COB, e com vigência também nos

Jogos Pan-Americanos Rio 2007, além de ser uma modalidade de exploração e de precarização do trabalho, pois não caracteriza qualquer vínculo empregatício, é igualmente elaboração, difusão e disputa de visões de mundo, já que discrimina a remuneração segundo a performance do atleta, configurando um caráter meritocrático: é direção ideológico-política.

O Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007, na “luta de posições” imprimida no “âmbito” do esporte, agem como um potente “lutador”, nocauteando os “espaços públicos” após desferir um cruzado sobretudo na prática “pública” do esporte ligada ao “lazer”. E o olimpismo, como instrumento de hegemonia, refere-se também à batalha cultural do capital travada para transformar a mentalidade “popular” (por meio da elaboração, difusão e disputa ideologias, de concepções e visões de mundo), para promover a prática e o consumo do esporte que toma a feição da mercadoria, bem como para fomentar o esporte em sua modalidade de alta performance e profissional, pautada nos princípios do rendimento e da competição levados ao extremo, a qual é muitíssimo lucrativa.

2.4. Pan Rio 2007 e “sociedade política”: retirada de direitos e “saltos públicos sem barreiras” no financiamento do desperdício

Viu-se alhures que o “Estado”, em sentido estreito, identifica-se com o “Estado-governo”, com o aparelho coercitivo de classe, com a “metade” força do centauro Quíron. Sinônimo de “sociedade política”, o “Estado” (*stricto sensu*) possui funções de caráter coercitivas e também econômicas, conforme foi elucidado anteriormente nas discussões sobre Gramsci. Fazem-se presentes na “esfera” da “sociedade política”: o exército, a administração, a polícia e a burocracia.

Entre a escassa literatura sobre o Pan, alguns dos documentos mais significativos foram publicados pelo Tribunal de Contas da União.⁷⁵ A este “órgão” de fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União, coube o papel de perscrutar a execução do programa intitulado “Rumo ao Pan 2007”,

⁷⁵ O TCU é um exemplo vivo de que “sociedade política” e “sociedade civil” estão imbricadas na realidade concreta. É possível atribuir a esse “órgão” uma função administrativa e, além disso, tal “organismo” também elabora, difunde e disputa visões de mundo: muitas das críticas dirigidas ao Pan advêm da análise e exposição dos documentos fornecidos pelo Tribunal: denúncias da ocorrência de serviços superfaturados, da existência de contratos sem licitação e de gastos exorbitantes.

que abarca a somatória das ações postas em execução pelo Governo Federal na construção da infraestrutura dos Jogos Pan-Americanos. Pela primeira vez esse “órgão” fiscalizou a realização de um megaevento esportivo no Brasil. O quadro seguinte explicita os gastos “públicos” com o Pan:

	Despesa (em R\$ milhões correntes)		Participação na despesa	
	2001	2007	2001	2007
União	95,3	1.813,1	24%	51%
Estado RJ	21,6	492,6	6%	14%
Município RJ	165,0	1.205,9	42%	34%
Estado RJ + Município RJ	-	49,5	0%	1%
Privado	108,2	-	28%	0%
Comitê Organizador	-	22,4	0%	1%
Total	390,2	3.583,5	100%	100%

Tabela 1. Despesas planejadas e realizadas no Pan-Americano, por parceiro. Fonte: Ata nº 22, de 9 de Junho de 2009, Tribunal de Contas da União. p. 338.

À época de lançamento da candidatura, a realização dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 foi orçada em trezentos e noventa milhões de reais. Alegava-se que a economicidade constituía um fator favorável à conquista da candidatura brasileira ao Pan de 2007, conforme seus ideólogos. Todavia, a multiplicação desenfreada dos gastos “públicos” no decorrer da realização do Pan acabou criando uma nova modalidade pan-americana: a dos “saltos públicos sem barreiras” no financiamento do megaespetáculo perdulário.

A União elevou seus gastos principalmente no primeiro semestre de 2007, às vésperas do início das competições, atingindo o patamar de um bilhão, oitocentos e treze milhões de reais, que supera dezenove vezes o orçamento primário. Por sua vez, a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro ultrapassou mais de sete vezes o previsto e empregou no Pan cerca de um bilhão, duzentos e cinco milhões de reais. A não participação do capital nas despesas finais objeta os subterfúgios lançados pelos ideólogos do evento, segundo os quais seria mínima a interferência estatal.

Conforme relatório oficial do TCU, a realização dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 consumiu ao todo 3.583,5 milhões de reais do Estado, quantia que abarca uma vasta implementação de programas e compreende os dispêndios dos governos federal, estadual e municipal. O capital foi eximido de qualquer responsabilidade nesse sentido.

Configurando “saltos públicos” sem barreiras, uma nova modalidade olímpica, o orçamento inicial de 390 milhões de reais do ano de 2001 desmanchou-se avassaladoramente no ar, e foi extrapolado em cerca de dez vezes, como uma avalanche. Sabe-se que o circuito institucional do capital, que é totalizado pelas interconexões entre Estado e sociedade civil, faz presente o forte papel do poder político na reprodução ampliada do capital.⁷⁶ Sociedade civil e Estado são interdependentes e tem como centro organizativo o capital, assim se põe e repõe um efetivo anel autoperpetuador. A sociedade civil, estruturada em torno do poder do capital, garante a dominação capitalista sobre o estado político e com a mediação deste sobre o conjunto da sociedade (CHASIN, 1986).

A participação do Estado (*stricto sensu*) capitalista brasileiro, da “sociedade política”, foi crucial no processo de criação do Pan Rio 2007, pois ele assumiu o papel de intervencionista “direto” (entre aspas porque as funções foram delegadas a uma instituição “não-governamental”, o CO-RIO, o Comitê Organizador Rio 2007, que, na realidade essencial, quase não passa de um comitê executivo dos interesses da burguesia e de suas próprias demandas), promovendo e dirigindo ativamente o consumo olímpico-destrutivo e, concomitantemente, retirando direitos sociais básicos da maioria da população.

De acordo com a Folha, o prefeito do Rio, Cesar Maia, começou 2008 com menos verba em caixa do que no ano de 2007. O Pan consumiu boa parte dos recursos que seriam destinados a investimentos em 2008, o que prejudicou a programação orçamentária da prefeitura. Buscando informações na Controladoria Geral do Município, o jornal informou que a Prefeitura teria fechado 2007 com um caixa de R\$ 326,4 milhões em 2007, 35,5% a menos que o ano anterior (R\$ 506 milhões de reais).⁷⁷

Em entrevista concedida a esse mesmo jornal, o prefeito César Maia afirmou a necessidade de “derrubar as despesas” em virtude da realização do Pan. Segundo ele, a Prefeitura, “que tem capacidade de investimentos com recursos próprios de R\$ 700 milhões por ano, em dois anos desembolsou R\$ 1 bilhão” na preparação para o Pan. O

⁷⁶ A sociedade civil aqui mencionada não se confunde com a “sociedade civil” gramsciana. Neste momento, a sociedade civil é equivalente à “estrutura” econômica do modo de produção capitalista, interconectada ao Estado, o que caracteriza o circuito de valorização do capital.

⁷⁷ Jogos Pan-Americanos diminuiriam caixa para o último ano, diz Maia. Rio fechou 2007 com R\$ 326,4 milhões disponíveis, 35% a menos do que em 2006. Folha de São Paulo, terça-feira, 19 de jan. de 2008. Caderno Brasil.

dinheiro que faltou para a fatura oriunda da competição teria sido subtraído de outras frentes, o que acarretou “perda na qualidade”, nas palavras do prefeito.⁷⁸ Ainda, segundo notícia veiculada pelo Globo Online, a partir de entrevista concedida à Rádio CBN, César Maia reiterou que a Prefeitura precisou frear os gastos com investimentos e conservação da cidade.⁷⁹

Com isso, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e seu movimento olímpico-destrutivo de valorização do capital, que subtrai recursos públicos e retira direitos básicos em prol da produção do desperdício e da valorização do capital, ocorrem em detrimento dos direitos e das necessidades reais e elementares da maioria da população brasileira. Nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 foi notável a prática de um “keynesianismo olímpico-destrutivo” – a expressão “keynesianismo” aqui ressalta não o padrão típico de intervenção social do *Welfare State*, mas o “mal estar” social implícito na retirada de direitos sociais elementares historicamente construídos, através de amplos recursos estatais destinados à realização desse megaevento perdulário.

Nesse sentido, o movimento esportivo e olímpico (referente não só ao Pan Rio 2007, mas também aos projetos em andamento da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e, por conseguinte, dos Jogos Olímpicos de 2016) representa no Brasil um importante estimulante econômico, possibilitado a partir do direcionamento de amplos recursos estatais em favor da produção para o desperdício: em outras palavras, o aumento dos gastos olímpicos efetuados pelo Estado capitalista perdulário implica na multiplicação dos lucros das grandes empresas.

Ademais, há de se ressaltar mais uma vez o inchaço coercitivo promovido pelo “Estado” à época da realização das competições do Pan Rio 2007 a fim de assegurar a segurança dos atletas e a imagem positiva do espetáculo perante a “opinião pública”. Esse superinchaço coercitivo promovido pelo “Estado”, que abrange uma vasta implementação de programas de segurança para o Pan Rio 2007, é suficiente para mostrar que a “metade” força do centauro não deve ser menosprezada em se tratando de

⁷⁸ MAGALHÃES, M. De saída, Cesar Maia afirma que tem desempenho melhor que de Lacerda: Prefeito mais longo do Rio dá nota 4 ao seu terceiro mandato, apóia Serra para presidente e tem como opção futura dar aula na Espanha à espera de candidatura ao Senado ou ao governo do Estado. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 dez. 2008. Caderno Brasil.

⁷⁹ Cesar: Gastos do Pan-Americano me sacrificaram politicamente. Atualizado em 14 dez. 2010. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/cesar-gastos-do-pan-americano-me-sacrificaram-politicamente-622305.html>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

um megaevento esportivo, tanto prática como teoricamente, isto é, no que tange às interpretações.

2.5. “Cauêzadas”⁸⁰ na “Cidade Maravilhosa”: representações em disputa e a construção do imaginário da criança no livro infantil *Cauê e o Rio: uma aventura nos Jogos Pan-americanos Rio 2007*

Neste subitem da pesquisa, a exposição procura inquirir o livro *Cauê e o Rio: uma aventura nos Jogos Pan-americanos Rio 2007* – um produto oficial Rio 2007 destinado às crianças – no que tange ao exercício da hegemonia, à formação, difusão e disputa de representações e concepções de mundo em torno dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, da cidade do Rio de Janeiro e do olimpismo.

O personagem principal da trama *Cauê e o Rio* é uma criança, Anderson, um menino pobre, morador de Santa Cruz, que só conhecia os locais próximos à sua casa, e cujo sonho era conhecer os principais pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro (a Cidade Maravilhosa), os quais só via em sua coleção de cartões-postais: o Corcovado, o Pão de Açúcar, a lagoa Rodrigo de Freitas, a praia de Copacabana, o bondinho de Santa Teresa, o Maracanã, entre outros.

Anderson é filho de Glória, uma trabalhadora “muito ocupada”, que trabalhava de “domingo a domingo fazendo doces para fora e não tinha tempo para passear com o filho caçula” (SANDRONI; TRAVASSOS, 2007, p. 5). Sem dinheiro para ingressos, que custavam muito caro, e sem disponibilidade de tempo, a mãe sempre prometia que realizaria o sonho do filho, mas nunca chegou a concretizá-lo.

Em viagem de volta pra casa, após mais um dia trabalho de Glória, Anderson e sua mãe encontraram um vendedor de jornal no vagão do trem: os jornais estampavam notícias sobre os Jogos Pan-Americanos, o que despertou em Anderson a vontade de ir às competições. Nesse percurso, o menino Anderson vê também uma imagem de Cauê,

⁸⁰ Ao criticar concepções naturalistas, presas em maior ou menor medida às “aparências”, Marx (2006) (2008) faz uso da expressão “robinsonadas”, aludindo ao romance ficcional de Daniel Defoe, Robinson Crusoe. Assim, o neologismo “cauêzadas” procura dar ênfase ao caráter ficcional ou “aparente” de “Cauê e o Rio”, ainda que existam na obra pontos de tangência com a realidade: é possível extrair da narrativa noções, mesmo que sem profundidade, sobre a existência de pobreza, trabalho informal, trens lotados (serviço público de transporte ineficiente) e poluição (no caso, da baía de Guanabara) na cidade do Rio de Janeiro.

e pede à mãe para que compre um boneco do mascote dos Jogos, pois ele havia perdido o seu boneco há um mês.

Ao chegar em casa, Anderson foi procurar seu boneco, mas não o encontrou, mesmo com a ajuda de sua irmã mais velha, Juliana. Cansado de procurar, ele foi dormir. Após acordar, Anderson acordou com a luz entrando no quarto, e levantou para fechar as cortinas, quando deparou-se com Cauê. Não era o boneco, mas o verdadeiro Cauê.

Após um breve diálogo, no qual Cauê procurava mostrar a Anderson que era de verdade, o solzinho convida o menino “para dar uma volta pelo Rio e ver a cidade acordando para os Jogos” (SANDRONI; TRAVASSOS, 2007, p. 12). Anderson deixou um bilhete para mãe, em que dizia a respeito da viagem com Cauê pelo Rio, que ocorreria à bordo de uma nuvem.

Viajando na nuvem com Cauê, Anderson, muito alegre, presenciava as belezas naturais do Rio de Janeiro que só via na TV: o mar, as montanhas, o verde. Voando, os dois decidem ir ao Cristo Redentor, no alto do morro do Corcovado, onde estacionaram e foram admirar o Cristo e a vista. Cauê aproveitou a demora para eles se aproximarem da estátua e da paisagem (em virtude do grande número de turistas presentes, oriundos de todos os lugares do mundo), para dar algumas informações sobre o local.

Do alto do Corcovado, Anderson e Cauê visualizaram vários pontos da cidade, o Jóquei, a Lagoa, a Pedra da Gávea, a Central do Brasil, e Copacabana, próximo destino dos dois. O deslocamento até a praia foi interrompido por um repórter, que buscava entrevistar o mascote dos Jogos.

Ao chegar à praia de Copacabana, Cauê e Anderson brincaram no famoso calçadão, feito de pedras portuguesas. Lá visualizaram a imagem de um senhor sentado no banco, de óculos e relógio de pulso, de costas para o mar: era Carlos Drummond de Andrade, um dos mais importantes poetas brasileiros. O menino entrou no mar para brincar, praticou esqui aquático após Cauê ter improvisado uma lancha com sua nuvem. Os dois ainda tomaram água de coco. Cauê comentou que Copacabana é a praia mais famosa do mundo, objeto da canção de vários compositores, como *Copacabana*, de Braguinha e Alberto Ribeiro, e cantou para Anderson alguns versos dessa canção. Na praia, os dois foram cercados de repórteres, fotógrafos, banhistas, turistas, e vendedores

ambulantes, os quais estavam em busca de informações, fotos e autógrafos. Após Cauê tirar fotos e dar autógrafos, os dois decidiram ir para os Arcos da Lapa.

O relevante a ser considerado, após essa breve introdução ao livro, é que *Cauê e o Rio* dirige a criança para um universo ficcional e “aparente”, mas que não é totalmente fantasioso, influenciando sobre seu imaginário, sobre sua mentalidade, suscitando sentimentos e pensamentos, organizando a percepção que as crianças têm do mundo, incutindo novos modos de ver e de pensar a sociedade, o cotidiano, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, o olimpismo e a cidade do Rio de Janeiro.

Em *Cauê e o Rio*, a criança é conduzida a um universo de representações oníricas e “aparentes” em torno da chamada “Cidade Maravilhosa”, dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, bem como do olimpismo. Entre várias representações, as seguintes são colocadas em disputa: o que é o Rio de Janeiro; qual a história dessa cidade; o que são os Jogos Pan-Americanos; o que é o esporte; e também o que é o olimpismo.

Os esportes praticados e uma breve história das modalidades presentes no Pan Rio 2007 são apresentados ao leitor nesse livro, assim como os locais das competições. Da mesma forma, são indicados os principais pontos turísticos, símbolos da cidade do Rio de Janeiro, que, na realidade, são espaços de atração de capitais. A criança também é iniciada na compreensão dos valores “aparentes” do olimpismo: a título de exemplo, conforme o livro, a tocha olímpica “simboliza a união entre os diferentes países, a paz, a energia, a vida” (SANDRONI; TRAVASSOS, 2007, p. 21); em outro momento, o mascote Cauê procura mostrar que o que vale nos Jogos Pan-Americanos “é a amizade, a união pelo esporte, a alegria de participar e de competir!” (SANDRONI; TRAVASSOS, 2007, p. 33).

Em síntese, o livro *Cauê e o Rio: uma aventura nos Jogos Pan-americanos Rio 2007* atua no sentido de interiorizar nas crianças leitoras representações e concepções de mundo que ignoram a realidade das classes sociais, seus interesses e conflitos, naturalizando assim as desigualdades sociais. A hegemonia, a direção política, moral, cultural e ideológica na obra *Cauê e o Rio* aspira à construção de um “senso comum” na criança. Esse livro constitui, enfim, um importante instrumento educativo, formativo e pedagógico, pois, para Gramsci, toda relação de hegemonia “é necessariamente uma relação pedagógica” (GRAMSCI, 2006a, p. 399). Se as crianças internalizam ou não

essas concepções de mundo, e em que medida, são questões fundamentais para futuras pesquisas.

2.6. Material ideológico

Ciente de que a vasta estrutura ideológica comporta também “as bibliotecas, as escolas, os círculos e os clubes de variados tipos, até a arquitetura, a disposição e o nome das ruas” (GRAMSCI, 2006b, p. 78), cabe destacar que na organização dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 foi organizado um extenso material ideológico a fim de influir no processo social de construção da “opinião pública”: desde as medalhas aos nomes de instalações das competições.

Eis a seguir um pouco desse material ideológico: Estádio João Havelange,⁸¹ uma homenagem ao ex-presidente da FIFA, instalação esportiva conhecida comumente como “Engenhão” por estar localizado no bairro Engenho de Dentro; Parque Aquático Maria Lenk, homenagem à primeira mulher sul-americana a competir em Jogos Olímpicos, recordista mundial quando jovem e também na categoria *master*; lançamento de selos comemorativos com a marca Pan pelos correios; lançamento de uma tiragem de vinte mil moedas comemorativas de dois tipos pelo Banco Central (a primeira contém a logomarca oficial do Pan numa face, e na outra face o Pão de Açúcar à direita das linhas da calçada de pedras portuguesas da praia de Copacabana; a segunda também contém a logomarca oficial do Pan em uma das faces, e, na outra, a imagem de um atleta correndo à frente das linhas representativas da pista de atletismo); e a Estátua do Pan, localizada na Avenida Abelardo Bueno, próximo à Vila Pan-Americana, que tem o formato de um globo terrestre, sustentado por atletas de várias modalidades esportivas, simbolizando a força do esporte como o pilar do mundo.

As medalhas de bronze, prata e ouro (que pode em hipótese ter trabalho escravo embutido, referente à fase primária de exploração desse mineral) concedidas aos vencedores, cujas atividades são meritórias, comportam uma tarefa “legislativa”, em

⁸¹ Á luz das investigações de Jennings (2011), a partir do momento em que Havelange esteve à frente da FIFA, ocorreram mudanças significativa nessa instituição, tendo como implicações a disseminação do futebol em larga escala pelo mundo, somada à intensa comercialização desse fenômeno, relacionada com a venda de direitos de uso da marca Copa do Mundo e de transmissão televisiva. Então, a homenagem ao estádio em questão é, ao mesmo tempo, uma homenagem à mercadoria e à direção (hegemonia, nos termos gramscianos) mafiosa e corrupta imprimida pela FIFA mundialmente, que se esconde por trás dos ideais “aparentes” do *fair play*.

termos gramscianos. A recompensa age como um instrumento de persuasão e de incentivo, pois, diz Gramsci: “Na concepção do direito, deveriam ser incorporadas também as atividades que ‘premiar’ indivíduos, grupos, etc.; premia-se a atividade louvável e meritória” (GRAMSCI, 2007, p. 28). Nesse mesmo sentido, do “direito” e das premiações, o presidente Lula recebeu atletas no Palácio do Planalto em cerimônia para homenagear a equipe brasileira dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

Ademais, à luz do pensamento de Beamish e Ritchie (2006), o esporte de alta performance repousa em um trabalho minucioso, no qual atletas mal pagos treinam implacavelmente para manter o ritmo de outros obstinados na perseguição de seus objetivos, nos limites da performance atlética humana. Além disso, para cada atleta que ganha uma medalha e desfruta das manchetes, milhares vivem e treinam na obscuridade. E para cada ganhador de medalha de ouro que se torna milionário, centenas de outros medalhistas de ouro lutam para ter uma vida confortável, apesar de serem os melhores do mundo.

Além de significar a privatização de um espaço público (cerceando o acesso não só à arena, mas também à parte da orla), a colocação da arena de vôlei do Pan Rio 2007 na praia de Copacabana não é um ato fortuito: a associação de imagens, a disposição da arena na orla dessa praia é capaz de influir na “opinião pública”. Nesse sentido, representações encontram-se em jogo, tendo em vista que Copacabana é uma das praias mais famosas do mundo, um dos principais símbolos historicamente construídos da cidade do Rio de Janeiro. Eis uma fotografia da arena de vôlei do Pan Rio 2007 instalada na praia de Copacabana, que revela o encadeamento de signos:



Foto 3. Fonte: Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos e III Jogos Parapan-americanos Rio 2007. p. 124. v. 2.

Quando restavam quinhentos dias para a abertura dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, foi inaugurado um grande relógio na praia de Copacabana, de 14 metros de altura, de dupla face em tela e moldura tubular, com contador localizado no centro. A partir daí, o relógio iniciou uma contagem regressiva (realizada em número de dias) até a abertura oficial do Pan. Segundo relatório, isso faz parte de uma tradição nos eventos esportivos. Essa contagem regressiva, iniciada em fevereiro de 2006, conforme consta, servia para “gerar uma expectativa positiva em torno do Rio 2007, envolvendo o público e mobilizando-o para o evento”.⁸²

Os cinco anéis (ou aros: nas cores azul, amarela, preta, verde e vermelha) olímpicos interligados sobre um fundo branco, símbolo do Movimento Olímpico, idealizados em 1914 por Coubertin, representam na “aparência” a união dos cinco continentes (Europa, Ásia, África, Oceania e a América), bem como o encontro dos atletas de todo o mundo nos Jogos Olímpicos e em outros espetáculos de cunho olímpico. Chartier explica que:

⁸² Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos e III Jogos Parapan-americanos Rio 2007, p. 86.

as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17).

Ainda no que tange ao material ideológico, foi criado um balão de Cauê, o mascote do Pan, no intuito de acompanhar o revezamento da Tocha Pan-Americana, programa que percorreu 18 cidades brasileiras. O balão tinha 40 metros de altura, o que equivale a um prédio de 12 andares, e pesava 600 kg. Ele podia ser visto em um raio de até 5 km em condições climáticas favoráveis. O balão de Cauê, em atividade promocional, esteve presente em Santa Cruz Cabrália, Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Teresina, São Luiz, Manaus, Rio Branco, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Americana, São Paulo, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Niterói e Rio de Janeiro – cidade em que ficou até o encerramento do Parapan. Em Santa Cruz de Cabrália, Cauê fez parte da viagem do “descobrimento” do Brasil.

Cauê, uma coisa antropomórfica, repleta de sutilezas metafísicas, cuja cabeça e cor lembram um sol, que com seus raios visa propagar os ideais olímpicos de paz e de harmonia pelo pelas Américas, fez uma parte da viagem do "descobrimento" do Brasil de outrora, exaltando um nacionalismo desconcertante. Ao percorrer os mesmos caminhos da tragédia que alguns trilharam há séculos, Cauê revela ser uma evocação caricatural de um fato histórico importante e trágico, transformando-se em completa farsa histórica.

Marx, reparando uma assertiva de Hegel, reiterou em *O 18 de brumário* que os fatos e personagens da história ocorrem, por assim dizer, duas vezes: a primeira vez, como tragédia, e a segunda, como farsa (MARX, 2011b). Nesse sentido, a viagem de Cauê não tem a menor relevância histórica diante dos acontecimentos de séculos atrás. Essa coisa antropomórfica visitou Santa Cruz de Cabrália, assim como outras cidades do Brasil, a fim de estimular o turismo ou, em palavras claras, o consumo. Se a tragédia lusitana assinalava a inclusão do Brasil no capitalismo mercantil, a viagem de Cauê representa a era da descartabilidade, da obsolescência programada das mercadorias e do turismo milimetricamente planejado das agências de viagens. Baudrillard lança luzes à transformação de fatos e personagens históricos precedentes em mercadoria, ao se apropriar do mesmo trecho de *O 18 de brumário* escrito por Marx:

Como afirmava Marx acerca de Napoleão III, por vezes sucede que os mesmos acontecimentos se repetem na história: da primeira vez, possuem real alcance histórico; da segunda, porém, não passam de evocação caricatural e avatar grotesco – vivendo de simples *referência lendária*. De igual modo, o consumo cultural pode definir-se como tempo e o lugar de ressurreição caricatural e da evocação da pândega do que já não existe – do que é consumido no sentido original do termo (acabado e volvido). Os turistas, que se encaminham de automóvel para o Grande Norte e fazendo os gestos da corrida ao oiro, a quem se aluga uma vara e a túnica de esquimó para sugerir a cor local, consomem: e consomem sob a forma ritual o que já foi acontecimento histórico, reactualizado à força como lenda (BAUDRILLARD, 2006, p. 103, grifos do autor).

Ademais, a doação de ingressos do Pan para pobres é igualmente um material ideológico interessante, pois nenhuma ideologia de “inclusão” e de “participação” subsiste sem um ponto de tangência com a realidade: é preciso que uma minoria pobre sem recursos financeiros também consiga adentrar o universo das competições e dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. A prefeitura da cidade do Rio de Janeiro garantiu mais de 5000 ingressos para que beneficiários de programas sociais do município tivessem acesso às competições do Pan. Segundo Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro: “crianças, jovens, idosos e famílias tiveram a oportunidade de conhecer os locais das competições esportivas e também de valorizar a importância dos jogos para a cidade do Rio”.⁸³

⁸³ Tribunal de Contas do Município (2007, p. 39).

3. PERSPECTIVAS CRÍTICAS AO ESTUDO DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL: RIO EM BUSCA DA DISTINÇÃO, ESTRANHAMENTO NO ESPORTE DE ALTA PERFORMANCE, O ESPORTE COMO TRABALHO E CONSUMO PRODUTIVOS, E MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

3.1. Um espectro ronda os megaeventos no Brasil, o espectro da crítica marxista: Rio em busca da distinção

Marx faleceu no dia 14 de março de 1883, em Londres. Logo, não presenciou o nascimento dos Jogos Olímpicos da era moderna, no ano de 1896, em Atenas. Tampouco viu o despontar dos Jogos Pan-Americanos, cuja primeira edição ocorreu em 1951, na Argentina. Assim sendo, ele nada escreveu sobre tais eventos. No entanto, a herança deixada por Marx, especialmente sua crítica da economia política, é fundamental à inteligência de qualquer espetáculo esportivo na atualidade. Os resultados alcançados sobre os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 nesta pesquisa estão em absoluta concordância com as palavras de Berman, para o qual Marx está vivo, e continua bem de saúde.⁸⁴

Marx está vivo porque não há problema na etapa atual de desenvolvimento da humanidade que não se reporte à mercadoria e cuja solução não tenha de ser buscada no enigma de sua estrutura. A mercadoria é a “célula”, a semente das contradições da sociedade capitalista: ela constitui seu problema central e estrutural. Portanto, a inteligência dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, da Copa do Mundo de futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 no Brasil não deve prescindir de forma alguma da análise dessa categoria. Nesse sentido, Marx acaba obtendo uma vitória póstuma, tendo em vista seu longo arcabouço teórico-conceitual, especialmente sua crítica da economia política.

Nesse caminho inaugurado por Marx, Harvey também é peça-chave à compreensão dos megaeventos no Brasil. Ao ampliar a noção de “distinção” de Bourdieu (2008), o geógrafo inglês revela que essa categoria é igualmente interessante e fecunda à inteligência da coletividade, das cidades: “está em jogo é o poder do capital

⁸⁴ Essa expressão foi retirada de Berman (2001), de seu livro *Aventuras no marxismo*.

simbólico coletivo, isto é, o poder dos marcos especiais de distinção vinculados a algum lugar, dotados de um poder de atração importante em relação aos fluxos de capital” (HARVEY, 2005, p. 233). De acordo esse mesmo autor:

O capital simbólico coletivo vinculado a nomes e lugares como Paris, Atenas, Nova York, Rio de Janeiro, Berlim e Roma é de grande importância, conferindo a tais lugares grandes vantagens econômicas em relação a, por exemplo, Baltimore, Liverpool, Essen, Lille e Glasgow (HARVEY, 2005, p. 233).

A ascensão de Barcelona à proeminência das cidades européias deveu-se à acumulação de capital simbólico e de marcos distinção, através inclusive da renovação possibilitada com os Jogos Olímpicos de 1992. Desde então, a cidade de Barcelona é considerada o maior símbolo de êxito em se tratando da realização de megaeventos (poli)esportivos. No entanto, o sucesso inicial de Barcelona veio acompanhado de contradições: o aumento dos preços dos imóveis, os congestionamentos de trânsito, a perda dos marcos de distinção de outrora, entre outros.

As constantes inovações e os investimentos contínuos que são realizados no intuito de tornar as cidades atraentes são imitados rapidamente por outros lugares, o que torna muito efêmera qualquer vantagem competitiva em um conjunto de cidades globais. Harvey questiona a incessante procura por marcos de distinção realizada pelas cidades no mundo:

Quantos centros de convenções, estádios, Disney Worlds, zonas portuárias renovadas e *shopping centers* espetaculares podem existir? Muitas vezes, o sucesso é fugaz ou se torna discutível pelas novidades semelhantes ou alternativas que surgem em outros lugares (HARVEY, 2005, p. 182).

Com as leis coercitivas da concorrência, as coalizões locais, para sobreviverem, devem engendrar continuamente “saltos de inovação em estilos de vida, formas culturais, combinações de produtos e serviços e, inclusive, formas institucionais e políticas”, que implica em “um turbilhão estimulante, ainda que destrutivo, de inovações culturais, políticas, de produção e consumo de base urbana” (HARVEY, 2005, p. 182-183).

Harvey procura explicitar que existe uma conexão vital entre a ascensão do empreendedorismo urbano e a inclinação “pós-moderna” (que não é o mesmo que uma ordem social totalmente nova, que uma sociedade “pós-industrial”) para projetos fragmentados em vez de planejamentos urbanos de maior amplitude e escopo, “para a efemeridade e o ecletismo da moda e do estilo em vez da busca de valores duradouros, para a citação e a ficção em vez da invenção e da função, e, finalmente, para o meio em vez da mensagem e para a imagem em vez da substância” (HARVEY, 2005, p. 183).

E com a realização subsequentemente dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, da Copa do Mundo de futebol de 2014, e dos Jogos Olímpicos de 2016, o Brasil, e sobretudo a cidade do Rio de Janeiro – transformada ela própria em uma mercadoria, recheada de valores de signo, de *status*, de capital simbólico, e cujo valor de uso é radicalmente subordinado à valorização do capital, subjugado ao valor – estão em busca, por assim dizer, da fetichizada e volúvel distinção.

3.2. A supressão do estranhamento na práxis do atleta de alta performance como condição irrevogável à humanização efetiva do esporte e à emancipação humana

O esporte implica em uma tripla mercadoria, ou em uma mercadoria constituída por três partes, as quais podem existir isoladamente ou de forma combinada: a atividade ou forma de jogo, o serviço e os bens. Entretanto, mesmo nos dias que correm, nem todos os esportes existem sob a forma de mercadoria. Há ainda muitos casos em que os produtos do trabalho são consumidos unicamente por seus produtores, como um valor de uso (HARDY, 1997).

O produto, “para se tornar mercadoria, tem de ser transferido a quem vai servir como valor de uso por meio da troca” (MARX, 2006, p. 63). O esporte torna-se uma mercadoria quando é transferida dos produtores, através da troca, para um grupo de consumidores (HARDY, 1997). No entanto, mesmo nos casos em que a atividade esportiva não é comercializada, mesmo quando ela não é vendida servindo a outros indivíduos como um valor de uso, mesmo quando a atividade esportiva não aparece com um valor de troca, os componentes da atividade são mercadorias: bolas, calçados, raquetes, bastões, uniformes, entre outros diversos equipamentos, que são comprados em lojas ou supermercados (HARDY, 1997).

A mercadoria é uma “coisa”, ela é exterior às consciências, ou seja, a mercadoria é um produto da subjetividade humana, que por suas propriedades, “satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia” (MARX, 2006 p. 58). Logo, o esporte é um “objeto” externo, ou uma “imagem”,⁸⁵ ou um serviço, em outras palavras, é uma “coisa”, que não é necessariamente concreta (“material”), capaz de satisfazer necessidades provenientes da fantasia. O esporte é capaz, a título de exemplo, de satisfazer as necessidades de entretenimento provenientes da “fantasia” dos torcedores e de milhões de (tele)espectadores.

No caso de um espetáculo que é transmitido e distribuído via satélite (que anulou qualquer fronteira temporal e geográfica) *ao vivo* pela televisão ou pela internet, a produção e o consumo ocorrem simultaneamente, e o mesmo vale para um serviço. Segundo Marx: “Serviço não é em geral mais do que uma expressão para o *valor de uso particular* do trabalho, na medida em que este não é útil como coisa mas como atividade” (MARX, 2004, p. 118, grifos do autor). Então, em se tratando da mercadoria esporte, produção, distribuição, circulação (troca) e consumo podem coincidir no tempo e no espaço. E a anulação de barreiras espaciais e temporais, fruto do desenvolvimento de novos aparatos tecnológicos, como os satélites, deve ser entendida como uma grande vitória do ponto de vista do capital, porquanto é fundamental à disseminação de mercadorias.

Para Marx, a “riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em ‘imensa acumulação de mercadorias’, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza” (MARX, 2006, p. 57, grifos do autor). É possível afirmar com exatidão, que a sociedade capitalista é caracterizada atualmente não só por uma imensa acumulação de bens “materiais”, tangíveis ou concretos, mas igualmente uma imensa acumulação de outras mercadorias “imateriais”, incorpóreas, como serviços e espetáculos, incluindo os de caráter esportivo. No capitalismo “avançado”, das últimas décadas, em que a forma mercadoria “caminha para sua realização absoluta” (DEBORD, 1997, p. 44), o esporte não escapa aos imperativos da

⁸⁵ Como foi visto, apesar de ser “imaterial” ou “incorpórea”, a “imagem” necessita ontologicamente da materialidade para existir, como os satélites, computadores e os aparelhos de televisão, além dos produtores. Isso objeta qualquer tese anti-dialética que decreta o fim da produção “material”. Produção “material” e produção “imaterial” estão, na realidade efetiva das coisas, dialeticamente articuladas, a fim de promover a valorização do capital.

lógica de valorização do capital, que visa transfigurar todas as relações sociais em meros valores de troca. Nas sociedades capitalistas, “a forma mercadoria é a forma geral do produto do trabalho, e, em consequência, a relação dos homens entre si como possuidores de mercadorias é a relação social dominante” (MARX, 2006, p. 82).

Como forma de jogo, o esporte existe como mercadoria especialmente no caso do esporte de alta performance. Nesse caso, o esporte é controlado e organizado por grupos particulares, que regulam as formas de sua produção e de sua distribuição. Como serviço, o esporte existe enquanto mercadoria historicamente sob muitos aspectos, tais como educação, *status*, preparação militar, ufanismo urbano, propaganda política e, mais expressivamente, como forma de entretenimento. O terceiro componente do esporte como mercadoria envolve os bens e os objetos físicos necessários à forma de jogo, reconhecida e regulada por regras: bolas, gols, bastões, uniformes, equipamentos de proteção, entre inúmeros outros, além das instalações esportivas, como as piscinas, os campos, as pistas de corrida, e os apetrechos não essenciais, como as arquibancadas (HARDY, 1997).

De acordo Bracht (2005), o esporte de alto rendimento, ou espetáculo, ou esporte de alta performance, que é imediatamente transformado em mercadoria, tendencialmente assume, como acontece em larga escala nos EUA e em outros países centrais, as características dos empreendimentos capitalistas do “setor” produtivo (*stricto sensu*) e de serviços. Enfim, o esporte de alta performance tornou-se um empreendimento com fins lucrativos, com proprietários e vendedores de força de trabalho, submetidos às leis coercitivas do mercado e aos ditames do capital. O corpo dos atletas-trabalhadores assalariados é então utilizado como força de trabalho, isto é, como uma mercadoria capaz de produzir lucros ao seu comprador, seja um capitalista, seja uma empresa qualquer, tal como o COB.

Bourdieu contribui à inteligência:

O que leva a perguntar se a aparição do esporte no sentido moderno do termo não é correlativa de uma **ruptura** (que pode se operar progressivamente) com atividades que podem aparecer como “ancestrais” dos esportes modernos, ruptura correlativa da constituição de um campo de práticas específicas que é dotado de suas lutas próprias, suas regras próprias, e onde se engendra e se investe toda uma cultura ou uma competência específica (quer se trate da

competência inseparavelmente cultural e física do atleta de alto nível ou da competência cultural do dirigente ou do jornalista esportivo, etc.), cultura de certa maneira esotérica, separando o profissional e o profano. Isto leva ao questionamento de todos os estudos que, por um anacronismo essencial, aproximam os **jogos** das sociedades pré-capitalistas, européias ou não, tratado erroneamente como prática pré-esportivas, aos **esportes** propriamente ditos cuja aparição é contemporânea à constituição de um campo de produção de “produtos esportivos” (BOURDIEU, 1983, p. 138, grifos do autor).

Há uma particularidade ou especificidade no esporte em uma sociedade capitalista, que assinala uma ruptura em relação com outras formações sociais. O atleta de alta performance vende a sua força de trabalho (a mercadoria que possui, referente à capacidade e ao potencial de produzir algo útil ao capitalista, que tenha um valor de troca) a uma empresa esportiva em troca de um “salário”. O trabalho é a força de trabalho potencial em ação, é o exercício efetivo da capacidade humana de produzir do atleta-trabalhador de alta performance, em outras palavras, o trabalho é “dispendio do cérebro, dos nervos, músculos, sentidos etc. do homem” (MARX, 2006, p. 93). Segundo Marx:

A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho consome-a, fazendo o vendedor dela trabalhar. Este, ao trabalhar, torna-se realmente no que antes era apenas potencialmente: força de trabalho em ação, trabalhador (MARX, 2006, p. 211).

O atleta-trabalhador de alta performance, que vende sua força de trabalho no mercado esportivo, como no caso de qualquer outra mercadoria, “realiza seu valor-de-troca e aliena seu valor-de-uso” (MARX, 2006, p. 227). Em tal caso, o valor de uso não é algo meramente subjetivo: o valor de uso da força de trabalho consiste em produzir uma mercadoria, um valor de uso, apropriado pelo capitalista ou por uma empresa, os quais procuram vendê-la ao (tele)espectador do esporte. Portanto, a mercadoria esporte-(tele)espetáculo, além de possuir um valor de uso, tem também um valor de troca. Marx explicita:

O que constitui o *valor de uso específico* do trabalho produtivo para o capital não é o seu caráter útil determinado, nem tampouco as

qualidades úteis particulares do produto em que se objetiva, mas o seu caráter de elemento criador de valor de troca (MARX, 2004, p. 115, grifos do autor).

A intenção do empresário, da corporação ou do clube interessado em lucrar com o esporte, ao comprar a força de trabalho de um atleta-trabalhador de alta performance no mercado do esporte, é de “produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la” (MARX, 2006, p. 220).

Marx, em *O capital*, ao refletir sobre o trabalho do educador, abre possibilidades à intelecção da produção “imaterial” no âmbito do esporte de alta performance:

(...) um mestre-escola é um trabalhador produtivo quando trabalha não só para desenvolver a mente das crianças, mas também para enriquecer o dono da escola. Que este invista seu capital numa fábrica de ensinar, em vez de numa de fazer salsicha, em nada modifica a situação (MARX, 2006, p. 578).

O atleta-trabalhador de alta performance “figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador” (MARX, 2006, p. 211-212). Para produzir a mercadoria esporte-(tele)espetáculo, o atleta-trabalhador planeja na mente a “criatura”, isto é, ele projeta na mente uma acrobacia, um salto ou um drible, antes de realizar o que havia planejado: o trabalho do atleta de alta performance tem portanto uma dimensão teleológica. O futebolista planeja uma jogada com dribles antes de levar a cabo sua criação. Do mesmo modo, o atleta do salto ornamental figura em sua mente o movimento, antes de saltar da plataforma em direção à piscina. Por seu turno, o jogador de basquete projeta idealmente um arremesso ou uma enterrada antes de transformar seus movimentos em realidade.

Quando se exterioriza, o atleta-trabalhador “modifica”, concomitantemente, a “sua própria natureza” (MARX, 2006, p. 211). Essa exteriorização é o que Marx compreende como sendo alienação (“Entäusserung”), que é o mesmo que extrusão, referente às objetivações inerentes ao ser social, comum a todas as formações sociais, algo universal e ineliminável do gênero humano, que não tem um sentido negativo.

Beamish (2009) indistingue a alienação do estranhamento no trabalho do atleta de alta performance, por isso a necessidade de criticá-lo neste momento.

A alienação (“Entäusserung”), um conceito genérico-abstrato (e mesmo os conceitos mais abstratos têm sempre algum nível de concreção), é concêntrica ao estranhamento (“Entfremdung”), que concerne aos obstáculos sociais que impedem que a atividade do ser social seja realizada em consonância com as potencialidades humanas historicamente construídas. O estranhamento, uma categoria específico-particular, advém do resultado da apropriação do trabalho e de sua organização por meio da propriedade privada, ou seja, o estranhamento é um obstáculo à realização do ser social, específica da produção regida sob propriedade do capital (RANIERI, 2001). Segundo Ranieri:

Entäusserung tem o significado de remissão para fora, extrusão, passagem de um estado a outro qualitativamente diferente, despojamento, realização de uma ação de transferência. Nesse sentido, Entäusserung carrega o significado de exteriorização, um dos momentos da objetivação do homem que se realiza através do trabalho num produto de sua criação. Por outro lado, Entfremdung tem o significado de real objeção social à realização humana, na medida em que historicamente veio a determinar o conteúdo das exteriorizações (Entäusserung) por meio tanto da apropriação do trabalho como da determinação desta apropriação pelo surgimento da propriedade privada (RANIERI, 2001, p. 24, grifos do autor).

Essa “natureza humana” sobre a qual Marx faz alusão não repousa em uma antropologia essencialista, em uma essência ideal de homem, em um ser transcendente que é afirmado ou negado. Não é uma “natureza humana” eterna, ahistórica, imutável, transcendente ou metafísica: refere-se, na realidade efetiva, ao potencial humano historicamente desenvolvido e construído. Essa “natureza humana” é socialmente engendrada, modificável, construída e mediada pelas relações sociais, como as próprias palavras de Marx expressam.

Marx, discorrendo sobre o fetichismo da mercadoria em *O capital: crítica da economia política*, afirmou: “Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 2006, p. 94). Segundo Geras:

Isso não quer dizer que uma relação entre pessoas toma a aparência ilusória de uma relação entre coisas, mas que, lá onde predomina a produção de mercadorias, as relações entre pessoas tomam realmente a forma de relações entre coisas (GERAS, 2005, p. 202).

Marx elucida que “as relações entre os produtores, nas quais se afirma o caráter social dos seus trabalhos, assumem a forma de relação social entre os produtos do trabalho” (MARX, p. 94). E reitera que “as relações sociais entre seus trabalhos *aparecem de acordo com o que realmente são*, como relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas” (MARX, 2006, p. 95, grifos nossos). Assim sendo, para um capitalista ou para uma empresa esportiva, o atleta-trabalhador de alta performance só existe como mais uma força de trabalho, ou seja, como uma mercadoria capaz de gerar lucros, porque “na sociedade mercantil-capitalista as *pessoas* mantêm relações de produção diretas unicamente enquanto proprietárias de mercadorias, proprietárias de *coisas*” (RUBIN, 1980, p. 35, grifos do autor). Acrescendo à discussão:

A natureza específica da economia mercantil-capitalista reside no fato de que as relações de produção entre as pessoas não são estabelecidas apenas *pelas* coisas, mas *através* das coisas (RUBIN, 1980, p. 43, grifos do autor).

Debord, ao refletir sobre a “sociedade do espetáculo”, em uma tentativa de “atualizar” Marx, acaba incorrendo em uma assertiva pouco profícua: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14). O espetáculo não é somente a mistificação de uma relação entre pessoas (encoberta): na economia mercantil-capitalista das últimas décadas, da “sociedade do espetáculo”, tendo em vista o primado do real, as relações entre pessoas tomam real e simplesmente a forma de relações entre coisas-imagens, estabelecidas através das imagens.

Enfim, o que ocorre é a conversão das relações de produção em coisas (a reificação de relações sociais entre as pessoas) e, concomitantemente, a personificação da coisas. A realidade das relações entre produtores é mistificada e obscurecida, e as pessoas são dominadas pelos próprios produtos de seu cérebro. Ao mesmo tempo em que o atleta-trabalhador de alta performance dá vida à coisa, isto é, ao espetáculo

esportivo, à mercadoria, acaba transformando-se, ele mesmo, igualmente, em uma “coisa”.

Mas é preciso ter ciência da possibilidade histórico-ontológica de superação dessa reificação pelos sujeitos, pois os atletas não são simplesmente objetos ou robôs. Esse tipo de interpretação, que considera os atletas-trabalhadores de alta performance como meros autômatos, advém do campo do marxismo “ortodoxo”, vertente explicativa cujas teses muitas vezes caracterizam-se pela simplificação exagerada dos esquemas de “dominação”, de cunho mecanicistas, reducionistas e economicistas, sendo incapazes de perceber a dialética do concreto.

O homem é então “dominado” pelo próprio produto de seus cérebros, e essa “coisa” passa a dirigi-lo (relação de “dominação”, que, na realidade, é uma relação de hegemonia, tendo em vista a dialogicidade existente): isto é, a criatura volta-se contra o seu próprio criador. Na economia mercantil-capitalista, “o fenômeno do fetichismo se impõe aos homens: 1) como uma mistificação; e 2) como uma dominação” (GERAS, 2005, p. 194). Nesse sentido, é importante lembrar que existem inúmeros casos de uso de aspectos da realidade e da imagem do esporte no intuito de promover governos ditatoriais: os megaeventos esportivos foram e são continuamente explorados para fins políticos. Esse fetiche da mercadoria olímpica e esportiva vale não só para entender o uso do esporte empreendido por governos ditatoriais, mas também para compreender a apropriação do esporte ocorrida no caso das democracias burguesas, tal como o processo de construção da identidade nacional, um exemplo de como o produto do trabalho volta-se contra seu próprio criador, promovendo a ideologia de um “povo-nação”.

Bourdieu acrescenta à intelecção do processo sócio-histórico de transformação do atleta-trabalhador de alta performance em uma “coisa” no capitalismo, fenômeno em que são valorizados em demasia os aspectos quantitativos do esporte, o rendimento máximo do atleta, a alta performance e as vitórias a qualquer custo, em detrimento de aspectos qualitativos:

O esporte de alta competição coloca cada vez mais em pauta uma tecnologia industrial visando a transformar o corpo humano em uma máquina eficaz e inesgotável através da mobilização de diferentes ciências biológicas e psicológicas. A lógica da concorrência entre as equipes nacionais e os Estados impõe cada vez mais o recurso a

estimulantes proibidos e a métodos de treinamentos dolorosos (BOURDIEU, 1997, p. 128).

No trabalho degenerado do atleta de alta performance, norteador por uma razão instrumental e reduzido cada vez mais à forma abstrata e quantitativa, “o processo de produção domina o homem, e não o homem o processo de produção” (MARX, 2006, p. 102). E a imagem ou o espetáculo esportivo produzido por um atleta ou por um grupo de atletas-trabalhadores de alta performance “é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador” (MARX, 2006, p. 219). Em função do trabalho estranhado intensivo, marcado por execuções repetitivas e exaustivas de movimentos, assim como pela sobrecarga nos treinamentos, na busca incessante pela vitória e pelo estabelecimento de novos recordes, os corpos dos atletas-trabalhadores de alta performance perecem velozmente, tornando-se cada vez mais descartáveis e rapidamente obsoletos, em um curto espaço de tempo. Isso tudo implica em uma redução significativa da “vida útil” produtiva dos corpos dos atletas, devido aos limites físicos iminentes: é a tendência à utilização decrescente invadindo as mercadorias “atletas de alto nível”, isto é, os corpos dos atletas de alta performance. É esse o uso legítimo do corpo, a direção político-cultural imprimida aos corpos dos atletas-trabalhadores profissionais, em se tratando do esporte de alta performance.

O “admirável mundo novo”⁸⁶ do esporte de alta performance envolve hoje indubitavelmente uma instrumentalização racional, sistemática e científica, assim como um aprimoramento tecnológico assistido da performance atlética, na perseguição da vitória e na busca por novos recordes e por novas marcas. A implicação disso é o uso generalizado de práticas e substâncias para a melhorar a performance, o que se tornou central nos sistemas esportivos desenvolvidos pelos estados nacionais durante o período pós Segunda Guerra Mundial (BEAMISH; RITCHIE, 2006).

Em *Americanismo e Fordismo*, Gramsci discutiu acerca da produção de um “novo tipo de homem”, o qual era exigido pela racionalização da produção e do trabalho. Esse fragmento teórico é fundamental, pois lança luzes à compreensão do trabalho do atleta de alta performance:

⁸⁶ Essa expressão utilizada por Beamish e Ritchie (2006) alude ao romance *Admirável Mundo Novo*, de Huxley, publicado na década de 1930.

[...] é necessário encaminhar esta regulamentação e a criação de uma nova ética. Deve-se observar como os industriais (especialmente Ford) se interessaram pelas relações sexuais de seus empregados e, em geral, pela organização de suas famílias; a aparência de 'puritanismo' assumida por este interesse (como no caso do proibicionismo) não deve levar a avaliações erradas; a verdade é que não se pode desenvolver o novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não for adequadamente regulamentado, não for também ele racionalizado (GRAMSCI, 2001, p. 252).

Essa argumentação do filósofo sardo ecoa pelo esporte de alta performance, cada vez mais racionalizado, visto que um “novo tipo de esportista” vem sendo produzido, o qual tem sua sexualidade regulamentada, configurando-se uma nova ética. Exemplar é o caso das concentrações dos times de futebol de alta performance, praxe nos dias que antecedem os jogos. Trata-se, da mesma forma, entre outras coisas, de um mecanismo de controle e de racionalização (podendo haver, é claro, vozes dissidentes) dos desejos sexuais dos atletas de alta performance. Conforme Gramsci (2001, p. 269), o trabalhador, e aqui é possível incluir o atleta-trabalhador de alta performance, “que vai para o trabalho depois de uma noite de ‘orgias’ não é um bom trabalhador”.

Embora a proibição do uso do álcool pelas instituições reguladoras esteja restrita neste momento a alguns esportes e competições, não é de menor importância a vigilância e o controle indireto do consumo dessa substância e da vida cotidiana dos atletas-trabalhadores de alta performance empreendidos por torcedores, profissionais e “aparelhos privados de hegemonia” ligados ao esporte: rádios, TVs, jornais e revistas, entre outros

Ademais, um corpo amplo e diversificado de peritos é fundamental para engendrar esse “novo tipo de esportista”: treinadores, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas e médicos do esporte (abre-se inclusive um novo campo, o da medicina esportiva) são necessários, assim como o pagamento de mega-salários (mesmo restritos a uma minoria, eles servem como o ideal, são objeto da mais alta aspiração, principalmente entre os jovens, recrutados cada vez mais novos para o esporte), além de uma vasta propaganda ideológica, que caminha sobretudo no sentido de promover a

ideologia da “ascensão social” via esporte: a miséria estrutural acaba transformando-se em casos individuais curáveis pela prática profissionalizada do esporte.⁸⁷

Essa ideologia da “ascensão social” através do esporte não é meramente um “mito”, no sentido de falsa, ilusória. Ela necessita de um ponto de tangência com a realidade para subsistir. Isso significa que alguns atletas de alta performance, a minoria, entre milhões, que se esforçam, certamente acabam obtendo êxito na profissão, servindo, por conseguinte, como exemplos de superação a serem seguidos – um tipo de propaganda intensamente apropriado e disseminado por “aparelhos privados de hegemonia”.

Gramsci, novamente em *Americanismo e Fordismo*, discorre sobre a taylorização do processo de produção fabril, o que é crucial ao entendimento da produção desse “novo tipo de esportista” ligado ao esporte de alta performance:

Taylor expressa com brutal cinismo o objetivo da sociedade americana: desenvolver em seu grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado, que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico maquinal (GRAMSCI, 2001, p. 266).

O esporte sofreu um processo de taylorização e, com isso, trabalho do atleta passou a ser analisado cientificamente. Os tempos e movimentos da prática esportiva profissionalizada são cada vez mais racionalizados e controlados, com a finalidade de retirar operações desnecessárias e improdutivas do processo de trabalho, de maximizar a eficácia e o rendimento, otimizando assim a performance do atleta. O futebol norte-americano,⁸⁸ um esporte moderno *par excellence*, cujo corpo de especialistas envolvidos em sua produção supera sobremaneira o número de jogadores, ilustra de modo exato o processo de taylorização sofrido pelo esporte. Esse esporte vincula atualmente esporte e “burocratização” da atividade física, resultado, em grande medida, das ações do ex-jogador e treinador Walter Camp, morto em 1925, que modelou os times da *Yale*

⁸⁷ O esporte, muitas vezes, pode representar um dos únicos meios de “ascensão social” para o ser que vive da venda de sua força de trabalho.

⁸⁸ O futebol norte-americano, que não está incluído no rol das modalidades pan-americanas, serve aqui apenas para ilustrar o processo de taylorização do esporte.

University, dos Estados Unidos, conforme os modelos da estrutura taylorista de produção industrial e de gerência científica (BAIRNER, 2001).

No entanto, há de se ressaltar que a hegemonia pressupõe que alguns interesses dos atletas-trabalhadores de alta performance sejam atendidos, que existe, na realidade do esporte, um equilíbrio de compromisso. Os atletas-trabalhadores de alta performance podem negar-se a conter determinadas práticas, além de negar-se a realizar outras, isto é, eles resistem, inclusive fazendo “corpo mole”, prática que definitivamente não se restringe ao âmbito da produção (*stricto sensu*), isto é, da produção fabril. Afinal, os atletas-trabalhadores de alta performance não são simplesmente manipulados e ludibriados, meros joguetes dos interesses dominantes. A despeito de todas as transformações que caminham no sentido de transformar os atletas de alta performance em simples “máquinas” ou “coisas”, é impossível excluir de suas práticas a atividade pensante, a faculdade do raciocínio.

Existem limites para a exploração dos trabalhadores dos esportes no que tange ao aumento da produtividade e dos lucros, assim como existem limites à exploração do esporte como meio de promover a respeitabilidade, o prestígio nacional, ou quaisquer outras coisas. Quanto mais intensa é a competição, maior é a tendência dos envolvidos, desde os administradores do esporte até os participantes, de tentar vencer quebrando as regras, através do consumo de drogas, de pagamentos secretos, de táticas violentas, entre vários outros meios e artifícios. Isso tudo tem repercussões óbvias para a credibilidade do esporte como um símbolo convincente de normas e de valores dominantes, e, portanto, em sua utilidade para a construção e reafirmação da hegemonia dominante (HARGREAVES, 1982).

O uso de substâncias ilícitas a fim de melhorar a performance do atleta, implica no descrédito do esporte perante a “opinião pública”, mas, se não “descoberto” (como por vezes ocorre, e deliberadamente), tem por consequência o favorecimento da lógica do esporte de alta performance e dos interesses econômicos, ideológicos e políticos das pessoas e grupos interessados na produção desse fenômeno. Assim, ao buscar extrair o máximo de rendimento dos corpos, ao racionalizar o trabalho dos atletas, o *doping* traz benefícios à lógica do esporte profissional, de alto rendimento, vai ao encontro dos ideais competitivistas do capitalismo, confluindo com os interesses sobretudo econômicos das pessoas que controlam o esporte de alta performance;

concomitantemente, mas no sentido contrário, caso venha à tona, a comprovação do uso dessas substâncias ilícitas repercute de forma negativa na “opinião pública”, abrindo assim fissuras na intrincada “textura” de hegemonia, sempre em processo de recriação, já que a transgressão contraria princípios que na “aparência” (produtora de efeitos socialmente eficazes, e não simplesmente ilusão) norteiam o esporte, tais como a competição entre os “iguais” (no caso, a ideologia da igualdade de chances) e o respeito às regras e ao próximo.

Além de demonstrar a conivência das autoridades para com o *doping*, Simson e Jennings (1992) deixam claro que a despeito de existirem muitas punições de atletas por uso de substâncias proibidas, são poucos os realmente descobertos, porque os fabricantes das drogas utilizadas pelos atletas-trabalhadores de alta performance estão à frente das tecnologias utilizadas para detectá-las: à medida que novos testes são introduzidos, novas substâncias para as quais não há testes são elaboradas. Ademais, frequentemente os atletas-trabalhadores de alta performance fazem uso de artimanhas, como encher suas bexigas com urina não contaminada de outras pessoas por meio de cateter, driblando os exames nos dias das competições. De acordo com Beamish e Ritchie (2006), a utilização de substâncias para melhorar a performance é parte integrante do mundo do esporte de alta performance, a despeito de o COI não admitir isso.

Com esta breve discussão sobre a práxis estranhada e degradante do atleta-trabalhador de alta performance, este trabalho pretende objetar algumas concepções muito comuns em torno da realização de megaeventos esportivos, que revelam um misto de conformismo e resistência, pois conformam ao resistir: “não somos contra a realização dos megaeventos, apenas criticamos o modo como as coisas são feitas”; “não se trata de impedir a realização dos megaeventos, trata-se apenas de garantir uma melhor utilização dos recursos”, “o esporte que era pra ser valorizado, foi abandonado”, entre tantas outras, que comprovam o quanto o esporte usufrui de credibilidade e quão legítimo é esse fenômeno nas sociedades capitalistas contemporâneas.

De encontro a essas teses, e ciente do estranhamento presente na práxis degradante do atleta de alta performance, não basta somente questionar a organização dos megaeventos esportivos, é preciso também fazer oposição sistemática à degenerada prática esportiva de alta performance, ao trabalho do atleta, deteriorado pela incessante

busca de vitórias e de recordes a qualquer custo. A supressão do estranhamento presente no trabalho reificado do esportista de alta performance, em sua práxis, é condição *sine qua non* para a humanização efetiva do esporte e, por conseguinte, à emancipação humana.

3.3. Digressão teórica: o esporte como trabalho e consumo produtivos

Marx afirma em *O capital* que só é produtivo “o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista, servindo assim à auto-expansão do capital” (MARX, 2006, p. 578). Mas quando se tem em mente que a “produção, distribuição, troca e consumo são idênticos, mas que todos eles são membros de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade” (MARX, 2011a, p. 53), que o “modo de produção capitalista” é uma totalidade orgânica, em que existem múltiplas interação entre os diferentes momentos, toda e qualquer forma de trabalho que estimule direta ou indiretamente a produção de mais valia e de lucros deve ser considerada produtiva. E toda e qualquer forma de consumo que promova direta ou indiretamente a produção de mais valia e de lucros deve ser considerado produtivo.

A produção, *stricto sensu*, detém unicamente a primazia da totalidade orgânica que é o “modo de produção capitalista”, e a distribuição, a troca e o consumo, como momentos da produção, não podem ser predominantes. Produção, distribuição, troca e consumo são realidades concretas e categorias dialeticamente articuladas, sendo a produção determinada por todos os outros momentos da totalidade, e o caminho inverso é verdadeiro. As categorias explicativas, isto é, a produção, a distribuição, a circulação (troca) e o consumo, como abstrações da realidade concreta, tornam-se categorias somente a partir do momento em que são dialeticamente articuladas, pois a própria realidade é dialógica. É isso que evidencia Marx:

Uma produção determinada, portanto, determina um consumo, uma troca e uma distribuição determinados, bem como *relações determinadas desses diferentes momentos entre si*. A produção, por sua vez, certamente é também determinada, *em sua forma unilateral*, pelos outros momentos (MARX, 2011a, p. 53, grifos do autor).

Se o trabalho produtivo é toda e qualquer forma de trabalho que estimule por quaisquer meios a produção de mais valia e de lucros, e se o consumo produtivo é toda e qualquer forma de consumo que promova por quaisquer meios a produção de mais valia e de lucros, logo o trabalho de atleta, que visa disseminar uma mercadoria através de *merchandising*, de uma campanha publicitária (de hegemonia, em termos gramscianos, em que a mercadoria aparece carregada de ideologias, procurando por distinção), é um trabalhador produtivo, porque ele determina a produção, expandindo em consequência a produção de mercadorias, e favorecendo a produção de mais valia e de lucros. Um trecho escrito por Marx nos *Grundrisse* pode lançar luzes à compreensão da publicidade na atualidade: “o capitalista procura por todos os meios incitá-los [os consumidores] ao consumo, conferir novos atrativos às suas mercadorias, impingir-lhe novas necessidades” (MARX, 2011a, p. 225).

O atleta-trabalhador de alta performance é produtivo não somente quando produz diretamente um *quantum* de “mais valia” e de lucros para um capitalista ou para um clube de esportes. O trecho seguinte, que discorre sobre o papel do capitalista, pode auxiliar na compreensão desse processo:

O capitalista, como representante do *capital* que entra no seu processo de valorização, do *capital produtivo*, desempenha uma função *produtiva* que consiste precisamente em dirigir e explorar o trabalho produtivo [...]. (Como condutor do processo de trabalho, o capitalista pode executar *trabalho produtivo* no sentido em que o seu trabalho se integrar no processo de trabalho coletivo objetivado no produto) (MARX, 2004, p. 120, grifos do autor).

Marx clarifica ainda que “as necessidades de consumo determinam a produção” (MARX, 2001, p. 53). Dizer isso não é afirmar que produção, distribuição, circulação (troca) e consumo são momentos interdependentes e reciprocamente determinados de uma totalidade orgânica?

Desse modo, dialeticamente, o consumo de alimentos pelo trabalhador não é um consumo improdutivo, visto que ele recompõe suas energias para retornar ao trabalho quando consome algo nutritivo. Esse consumo feito pelo trabalhador é assim reinvestido no processo de produção de mais valia e de valorização do capital: constitui um elemento do processo de autovalorização do capital. Da mesma forma, é possível falar

em consumo produtivo quando um indivíduo descansa ao assistir a um (tele)espetáculo esportivo, visto que ele recarrega e recompõe suas energias físicas e espirituais para uma nova jornada de trabalho. Igualmente, o trabalhador, quando pratica/consome uma atividade esportiva, revigora seu corpo para retornar ao trabalho. Enfim, o circuito de valorização do capital deve ser visto como uma totalidade orgânica, complementar e, concomitantemente, dialética, em que o tempo de trabalho e o tempo “livre” estão sempre articulados.

3.4. Considerações teórico-metodológicas finais: materialismo *histórico-dialético*

Em oposição ao materialismo dito “vulgar”, que reduz a história a um materialismo crasso, que dá pouca ou nenhuma margem às ações humana e à subjetividade, é importante entender que as formas de consciência e as ações humanas não são meros reflexos mecânicos de um movimento “estrutural”, simples epifenômenos da “estrutura” econômica. Nesse sentido, uma passagem de Marx contida em *O 18 de brumário* é fundamental para apreender a problemática da relação entre “estrutura” e “superestrutura” em sua obra:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram (MARX, 2011b, p. 25).

Contrariando interpretações economicistas e “vulgares” do materialismo histórico-dialético, Gramsci (2006a, p. 238) considerava um “infantilismo primitivo” a ideia segundo a qual as “superestruturas” política e ideológica são expressão imediata da “estrutura”. De acordo com ele, com o testemunho de Marx, autor de obras políticas e históricas concretas, como *O 18 de brumário*, a *Questão Oriental* e *A guerra civil na França*, essa concepção deveria ser contestada. Desse modo, a obra de Gramsci vai de encontro às degenerescências economicistas, mecanicistas ou reducionistas presentes em algumas interpretações. Ele objeta tanto o economicismo como o idealismo ao afirmar que, ao contrário de um mecanicismo, existe na teoria de Marx uma

“reciprocidade necessária” entre “estrutura” e “superestruturas”: esse é “precisamente o processo dialético real” (GRAMSCI, 2006a, p. 251).

Conforme Mészáros (2008), a compreensão da consciência de classe, da subjetividade humana, como um mero epifenômeno da “estrutura” econômica capitalista, é uma caricatura de Marx. Essa concepção anti-dialética substitui o complexo dialético de Marx por um modelo determinista mecânico e unilateral, em que a consciência é fetichizada e subsumida à economia, sendo incapaz de produzir mudanças ativamente: nesse caso, as formas de consciência têm um papel apenas ilusório, pois elas são meramente os “subprodutos” do desenvolvimento econômico capitalista.

Ao contrário de uma concepção mecanicista e unidimensional, na qual existe uma linha demarcada entre o que é determinado e quais são os determinantes, na metodologia dialética de Marx,

embora os fundamentos econômicos da sociedade capitalista constituam os “determinantes fundamentais” do ser social de suas classes, eles são também, ao mesmo tempo, “determinantes *determinados*”. Em outras palavras, as afirmações de Marx sobre o significado ontológico da economia só fazem sentido se formos capazes de apreender sua idéia de “interações complexas”, nos mais variados campos da atividade humana. Desse modo, as várias manifestações institucionais e intelectuais da vida humana não são simplesmente “construídas sobre” uma base econômica, mas também *estruturam* ativamente essa base econômica, através de uma estrutura própria, imensamente intrincada e relativamente *autônoma* (MÉSZÁROS, 2008, p. 57, grifos do autor).

No prefácio à *Contribuição à crítica da economia política*, a metáfora marxiana do edifício é apresentada em sua formulação clássica:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontades; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material *condiciona* o

processo de vida social, política e intelectual (MARX, 2008, p. 45, grifos nossos).

Muitas das interpretações reducionistas e economicistas do materialismo histórico-dialético provém da análise equivocada dessa metáfora marxiana. Ciente de que a metáfora do edifício poderia ser interpretada equivocadamente, resultando em uma forma de mecanicismo, Marx explicitou:

Para observar a conexão entre a produção intelectual e a material, é mister antes de tudo apreender esta não como categoria geral, mas em forma *histórica definida*. Assim, por exemplo, ao modo de produção capitalista corresponde produção intelectual de espécie diferente daquela do modo de produção medieval. Se não se concebe a própria produção material na forma *histórica específica*, é impossível entender o que é característico na produção intelectual correspondente e a interação entre ambas (MARX, 1980, p. 267, grifos do autor).

Como é passível de se depreender, após uma leitura cuidadosa, o próprio Marx reflete acerca da “interação entre ambas” as “esferas” do edifício, isto é, que existem implicações recíprocas entre a “estrutura” e a “superestrutura”, devendo qualquer interpretação mecanicista, reducionista e economicista de sua obra ser rechaçada por seus próprios escritos.

CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO

Assim como os Jogos Olímpicos (TOOHEY; VEAL, 2007), os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 são também muito mais que um simples evento esportivo, a despeito de, em perspectiva comparada, ter dimensões mais reduzidas sob muitos aspectos. Ao buscar a verdade efetiva das coisas, evidencia-se que os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, megaevento poliesportivo atravessado de lado a lado pela luta de classes, têm caracteres culturais, políticos e econômicos da mais alta importância, que não devem ser negligenciados em qualquer análise.

Nesse sentido, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, somado aos projetos da Copa de Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, estão evidenciando uma produção incessante de “pseudo-necessidades”, expressão que comporta não o sentido de necessidades ilusórias, que não existem concretamente, mas o sentido da distorção das reais e elementares necessidades da maioria da população, resultado da produção estranhada vigente no capitalismo. Em outras palavras, na organização desses megaeventos, amplos recursos “públicos” são destinados à produção do desperdício, de grande número de obras privatizadas com baixíssima taxa de utilização, tudo isso em prol da perversa e incessante lógica de valorização do capital, no quadro do capitalismo “avançado”.

Como pode ser visto, nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 ficou evidente a prática da modalidade do “keynesianismo olímpico-destrutivo”, expressão que, como foi dito, visa explicitar não o padrão típico de intervenção social do *Welfare State*, mas o “mal-estar” social contido na produção perdulária voltada para o desperdício no Pan Rio 2007. Esse “keynesianismo olímpico-destrutivo” ocorre através da retirada de direitos básicos da cidade do Rio de Janeiro, e por meio da concentração de amplos recursos “públicos” destinados à compra de equipamentos e à construção e reforma de instalações esportivas cujos resultados são privatizados, com baixíssima taxa de utilização, que não tem um sentido comunitário, isto é, tais espaços não são construídos e reformados para o usufruto comum.

Os avanços econômicos decorrentes da realização de megaeventos poliesportivos, como o Pan Rio 2007, são considerados frequentemente desejáveis, e até mesmo necessários. Entretanto, não se consegue perceber as implicações maléficas,

tanto ao homem como ao “ambiente natural”, de tais avanços. Tendo como principal adversário a utilização e a durabilidade, e como principal parceiro o Estado perdulário neoliberal, a lógica da produção atual acarreta sérios danos à qualidade dos bens e serviços socialmente produzidos, com prejuízos graves sobretudo ao gênero humano. Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e seu movimento “olímpico-destrutivo” de valorização do capital ocorrem em detrimento das reais e elementares necessidades da maioria da população brasileira, tais como educação, saúde, moradia e transporte públicos, gratuitos e de qualidade.

Como pôde ser visto, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, erguidos com recursos “públicos” (que, descortinados, são na realidade frutos do trabalho humano, isto é, consistem em uma parcela da riqueza produzida pelo próprio trabalhador, mas que retorna ao trabalhador como um poder estranho que o oprime sob a forma de privatizações e de desperdício), oferecem um retrato da lógica da produção capitalista atual, marcada pela efemeridade e pelo culto ao descartável, pela valorização da imagem em vez da substância, com consequências graves às vidas humanas, desperdiçadas na produção de mercadorias privatizadas e com baixíssima taxa de utilização.

Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e os demais megaeventos esportivos não podem ser entendidos como uma panaceia ou como a lâmpada de Aladim para os problemas sociais. Se fosse esse o caso, com um megaevento esportivo por ano em cada cidade do continente americano, todas as disparidades econômico-sociais, que atravessam de lado a lado as sociedades capitalistas contemporâneas, estariam indubitavelmente extintas. É preciso ir além da apologia corriqueira e acrítica aos megaeventos esportivos.

Doravante, a cidade do Rio de Janeiro ganha novo título, de “cidade dos descartáveis”, terra das políticas neoliberais, das privatizações, da retirada de direitos sociais, da taxa de utilização decrescente, e *habitat* dos “elefantes brancos”, tão fundamentais ao progresso/retrocesso do sistema sócio-metabólico do capital, cuja ordem é a desordem social. Nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, o capital, para usar uma expressão de Marx (2006), celebrou suas orgias: corrobora-se, a partir da pesquisa empírica realizada, a tese da produção perdulária voltada para o desperdício, centrada na imagem e na fugacidade.

Enquanto recursos do “meio ambiente” são desperdiçados na produção perdulária dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, enquanto a “natureza” desaparece, os “elefantes brancos” multiplicam-se sem predadores sociais em seu *habitat*. Não é possível pensar em “Jogos Verdes” (ideologia empregada pelos próprios organizadores dos Jogos em relatório oficial publicado) quando a verdade efetiva das coisas evidencia que imensos recursos, não só humanos, mas também “naturais”, são destinados à irracional, mas ao mesmo tempo racional, produção deliberada do desperdício. Tudo isso, é claro, em detrimento das reais e essenciais necessidades da maioria da população brasileira.

A título de encerramento deste “espetáculo”, e fechando as suas cortinas, procurou-se também entender o Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Organizador Rio 2007 como aparelhos “privados” de hegemonia, como “organismos” da “sociedade civil” responsáveis por direção política, moral, cultural e ideológica. Nesse sentido, nota-se que o olimpismo foi açambarcado pelo projeto neoliberal de sociedade. E na luta cultural travada por esses aparelhos “privados” de hegemonia, o olimpismo, engolido pelo neoliberalismo, aparece como estímulo ao trabalho voluntário: em tal caso, há elaboração, difusão e disputa de concepções sociais de mundo. A direção cultural (e econômica) imprimida por esses “organismos” da “sociedade civil” nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 representa o fomento ao esporte de alta performance, referente àquela forma de esporte em que a atividade é transformada imediatamente em mercadoria, extremamente comercializável e lucrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ALVES, G.; CIPRIANO, C.; OHATA, E. Herança do Pan divide governo e COB. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 set. 2009. Caderno Esporte.

ANDERSON, P. Considerações sobre o marxismo ocidental; Nas trilhas do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2004.

ANDREWS, D. Sport, culture and late capitalism. In: CARRINGTON, B.; MACDONALD, I. (Orgs.) *Marxism, cultural studies and sport*. New York: Routledge, 2009. p. 213-231.

———. Sport in the Late Capitalist Moment. In: SLACK, T. (Ed.). *The Commercialisation of Sport*. New York: Routledge, 2004. cap. 1, p. 3-28.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

———. O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

———. Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

BAIRNER, A. Sport, nationalism and globalization: European and North American perspectives. Albany: State University of New York Press, 2001.

———. Re-appropriating Gramsci: Marxism, hegemony and sport. In: CARRINGTON, B.; MCDONALD, I. (Ed.). *Marxism, cultural studies and sport*. New York/London: Routledge, 2009. p. 195-212.

BAUDRILLARD, J. A sociedade de consumo: Lisboa: Edições 70, 2007.

———. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BAUDRILLARD, J. Para uma crítica da economia política do signo. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

BEAMISH, R. Marxism, alienation and Coubertin's Olympic project. In: CARRINGTON, B.; MCDONALD, I. (Ed.). *Marxism, cultural studies and sport*. New York/London: Routledge, 2009. cap. 6, p. 88-105

BEAMISH, R.; RITCHIE, I. Fastest, highest strongest: a critique of high-performance sport. London: Routledge, 2006.

BEHNKEN, L. Jogos Pan-Americanos de 2007: uma avaliação social. 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2010.

BÉLANGER, A. The urban sport spectacle: towards a critical political economy of sports. In: CARRINGTON, B.; MACDONALD, I. (Orgs.) Marxism, cultural studies and sport. New York: Routledge, 2009. p. 51-67.

BELLIGNI, S. Hegemonia. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (Orgs.). Dicionário de Política. 2 v. p. 579-581.

BENEDICTO, D. Desafiando o coro dos contentes: vozes dissonantes no processo de implementação dos Jogos Pan-Americanos, Rio 2007. 2008, 193 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

BERMAN, M. Aventuras no marxismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

———. Tudo que é sólido se dissolve no ar: a aventura da modernidade. Lisboa: Edições 70, 1982.

BIANCHI, A. O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008.

BOURDIEU, P. A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

———. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.

———. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

———. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BUCCI-GLUCKMANN, C. Gramsci e o Estado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BURBANK, J.; ANDRANOVICH, G.; HEYING, C. Olympic dreams: the impact of mega-events on local politics. London: Lynne Rienner Publishers, 2001.

CESAR: GASTOS DO PAN-AMERICANOS ME SACRIFICARAM POLITICAMENTE. *Extra*, Rio de Janeiro, 08 dez. 2008. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/cesar-gastos-do-pan-americano-me-sacrificaram-politicamente-622305.html>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHASIN, J. Poder, Política e Representação (Três Supostos e uma Hipótese Constituinte). In: Revista Ensaio, n. 15/16. São Paulo: Editora Ensaio, 1986. p. 225-232.

CHAUÍ, M. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos e III Jogos Parapan-americanos Rio 2007. Disponível em: <http://www.cob.org.br/sobre_cob/documentos_rio2007.asp>. Acesso em: 25 mar. 2011. 2 v.

———. Olimpismo: sua origem e ideais. 2010. Disponível em: <http://www.cob.org.br/movimento_olimpico/docs/cartilha_olimpismo.pdf> Acesso em: 10 ago. 2011.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Olympic Charter. 2011. Disponível em: <http://www.olympic.org/Documents/olympic_charter_en.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2011.

COMITÊ POPULAR DA COPA. Brasil de Fato publica entrevista com Gilmar Mascarenhas realizada pelo GT Comunicação. 2011. Disponível em: <<http://comitepopularcopapoa2014.blogspot.com/2011/07/brasil-de-fato-publica-entrevista-de.html>>. Acesso em: 20 set. 2011.

COUTINHO, C. Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CUNHA, O. Heróis da América: história completa dos jogos Pan-americanos. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, E. Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia. São Paulo: Xamã, 2000.

DUARTE, R. Indústria cultural hoje. In: DURÃO, F.; ZUIN, A.; VAZ, A. (Orgs.). A indústria cultural hoje. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 97-110.

DURKHEIM, É. As regras do método sociológico. 17. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Boitempo, 2008.

FERNANDEZ, M. “Estádios que não dão lucro devem ser demolidos”, diz ex-ministro português. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/765316-estadios-que-nao-dao-lucro-devem-ser-demolidos-diz-ex-ministro-portugues.shtml>>. Acesso em: 15 set. 2010.

FERRARI, L. Cama quebra na Vila e faz atletas dormirem no chão. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 jul. de 2007. Caderno Esporte.

FILHO, J. A “Chacina do Pan” e a produção de vidas descartáveis na cidade do Rio de Janeiro: “não dá pé não tem pé nem cabeça. Não tem ninguém que mereça. Não tem coração que esqueça”. 2010. 316 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Niterói, 2010.

FONTENELLE, I. O nome da marca: McDonald’s, fetichismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo, 2002.

GECUPOM. Entrevista com Gilmar Mascarenhas PARTE II. Disponível em: <<http://gecupomfutebolvital.blogspot.com/2011/07/entrevista-com-gilmar-mascarenhas-parte.html>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

GERAS, N. Essência e aparência: a análise da mercadoria em Marx. In: COHN, G. (Org.) Sociologia: para ler os clássicos. Rio de Janeiro: azougue editorial, 2005. p. 189-221.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a. v. 1.

———. Cadernos do cárcere. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b. v. 2.

———. Cadernos do cárcere. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 3.

———. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.

———. Cartas do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 2 v.

GRUPPI, L. Conceito de hegemonia em Gramsci. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

HALL, C. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. In: HORNE, J.; MANZENREITER, W. (Eds.). Sports mega-events: social scientific analyses of a global phenomenon. MA; Oxford; Victoria: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 59-70.

HARDY, S. Entrepreneurs, Organizations, and the Sports Marketplace. In: POPE, S. (Ed.). The new American sport history: recent approaches and perspectives. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1997. cap. 14, p. 341-365.

HARGREAVES, John. Sport, Culture and Ideology. In: HARGREAVES, Jennifer. (Ed.). Sport, Culture and Ideology. London: Routledge & Kegan Paul, 1982. cap. 2, p. 30-61.

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

———. Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HOBBSBAWM, E. História social do jazz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HORNE, J. Sport in Consumer Culture. New York: Palgrave, 2006.

HORNE, J.; MANZENREITER, W. An introduction to the sociology of sports mega-events. In: HORNE, J.; MANZENREITER, W. (Eds.). Sports mega-events: social scientific analyses of a global phenomenon. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 1-24.

JAMESON, F. A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

———. A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

———. Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: editora ática, 2007.

JENNINGS, A. Jogo sujo: o mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011.

LEFEBVRE, H. A cidade do Capital. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

———. O direito à cidade. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LENSKYJ, H. Inside the Olympic industry: power, politics, and activism. Albany: State of New York Press, 2000.

———. Olympic industry resistance: challenging Olympic power and propaganda. Albany: State of New York Press, 2008.

———. The best Olympics ever?: social impacts of Sidney 2000. Albany: State of New York Press, 2002.

JOGOS PAN-AMERICANOS DIMINUÍRAM CAIXA PARA O ÚLTIMO ANO, DIZ MAIA. Folha de São Paulo, terça-feira, 19 de jan. de 2008. Caderno Brasil.

LIGUORI, G. Roteiros para Gramsci. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

LÖWY, M. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

———. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2006.

LUKÁCS, J. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAGALHÃES, M. De saída, Cesar Maia afirma que tem desempenho melhor que de Lacerda: Prefeito mais longo do Rio dá nota 4 ao seu terceiro mandato, apóia Serra para presidente e tem como opção futura dar aula na Espanha à espera de candidatura ao Senado ou ao governo do Estado. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 dez. 2008. Caderno Brasil.

MANUAL de treinamento. Disponível em: <http://www.cbr-remo.com.br/manual_geral_de_treinamento.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2011.

MAQUIAVEL, N. O príncipe. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MARX, K. A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

———. Capítulo VI inédito de O capital, resultados do processo de produção imediata. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

———. Contribuição à crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

———. Crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Boitempo, 2010a.

———. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011a.

———. Lutas de classes na Alemanha. São Paulo: Boitempo, 2010b.

———. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 1998.

———. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.

———. O capital: crítica da economia política: livro I. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 2 v.

———. O 18 de brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011b.

———. Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico (Livro 4 de O capital). São Paulo: Civilização Brasileira, 1980. 3 v.

MASCARENHAS, G. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. IN: DEL PRIORE, M.; MELO, V. (Orgs.). História do esporte no Brasil: Do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

———. Globalização e governo urbano nos megaeventos olímpicos: os jogos panamericanos de Santo Domingo-2003. 2008. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/344.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2010. Mascarenhas (2008),

MELO, V. Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, 2007.

———. Lazer e camadas populares: reflexões baseadas na obra de Edward Palmer Thompson. In: ———. Lazer e minorias sociais. São Paulo: IBRASA, 2003. cap. 1, p. 29-56.

MENCHEN, D; RANGEL, S. Quase um ano após o Pan, Vila é cidade-fantasma. Folha de São Paulo, São Paulo, 05 jun. 2008. Caderno Esporte.

MONTAÑO, C. Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2002.

MOTRIVIVÊNCIA. Do Pan Rio/2007 à Copa 2014 no Brasil. Que Brasil? E Para Qual Brasil. Dez. 2006. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/1729/1897>> Acesso em: 20 jul. 2009.

MOURA, P. Em estado de abandono, apartamentos da Vila do Pan serão leiloados. *Blog do Juca Kfoury*, 02 fev. 2011. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2011/02/o-legado-do-pan-2007/>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

MUÑOZ, F. Olympic urbanism and Olympic Villages: planning strategies in Olympic host cities, London 1908 to London 2012. In: HORNE, J.; MANZENREITER, W. (Eds.). Sports mega-events: social scientific analyses of a global phenomenon. MA; Oxford; Victoria: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 175-187.

MÉSZÁROS, I. Filosofia, ideologia e ciência social. São Paulo: Boitempo, 2008.

———. O poder da ideologia. São Paulo: Boitempo, 2004.

———. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. Campinas: Ed. da UNICAMP; São Paulo: Boitempo, 2002.

NOBRE, M. Lukács e os limites da reificação. um estudo sobre *História e consciência de classe*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

OFICIO DO BOTAFOGO LISTA 30 PROBLEMAS DE ESTRUTURA DO ENGENHÃO. *globo.com*, Rio de Janeiro, 25 mar. 2010. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Botafogo/0,,MUL1543966-9861,00-OFICIO+DO+BOTAFOGO+LISTA+PROBLEMAS+DE+ESTRUTURA+DO+ENGENHÃO+DIZ+JORNAL.html>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

PADILHA, V. Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito. Campinas: Editora Alínea, 2000.

———. Shopping Center: a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006.

PORTAL DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. SERIO – Secretaria Especial Copa 2014 e Rio 2016: Memória Esportiva. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/serio/exibeconteudo?article-id=105878>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

PORTAL TERRA. Crateras no solo assustam moradores da Vila do Pan no Rio. 16 nov. 2009. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4103314-EI8139,00-Crateras+no+solo+assustam+moradores+da+Vila+do+Pan+no+Rio.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

PRAÇA, A. Le Monde África do Sul: legado no bolso da FIFA e seus parceiros. Disponível em: <<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=1041>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

RANIERI, J. A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

RIBEIRO, F. Outra mina de ouro para a publicidade. *Observatório da Imprensa*, Rio de Janeiro, 06 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/outra-mina-de-ouro-para-a-publicidade>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

ROCHE, M. Mega-events and Modernity: Olympics and expos in the growth of global culture. London: Routledge, 2000.

ROIO, M. Os prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única. São Paulo: Xamã, 2005.

ROSDOLSKY, R. Gênese e estrutura de o Capital de Karl Marx. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001.

RUBIN, I. A teoria marxista do valor. São Paulo: brasiliense, 1980.

SAGE, G. The Sporting Goods Industry: From Struggling Entrepreneurs to National Businesses to Transnational Corporations. In: SLACK, T. (Ed.). The Commercialisation of Sport. New York: Routledge, 2004. cap. 2, p. 29-51.

SANDRONI, L.; TRAVASSOS, S. Cauê e o Rio: uma aventura nos Jogos Pan-americanos Rio 2007. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

SIMSON, V.; JENNINGS, A. Os Senhores dos Anéis: Poder, Dinheiro e Drogas nas Olimpíadas Modernas. São Paulo: Best Seller, 1992.

TADINI, R. O voluntariado em eventos esportivos e sua capacitação pelo Comitê Olímpico Brasileiro sob a ótica da hospitalidade. 2006, 96 f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Programa de mestrado em hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2006.

TONET, I. Marx e a política: Prefácio ao Glosas críticas... In: Práxis, n. 5, out.-dez. Belo Horizonte: Projeto Joaquim, 1995. p. 45-68.

TOOHEY, K.; VEAL, A. The Olympic Games: a social science perspective. 2. ed. UK: Biddles Ltd, 2007.

TRAJANO, J.; KFOURI, J. O Pan-Americano não serve pra nada. Revista Caros Amigos. São Paulo, ed. 123, jun. 2007.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. Relatório de acompanhamento das ações e obras relacionadas aos Jogos Pan e Parapan Americanos de 2007. Disponível em:<www.tcu.gov.br>. Acesso em: 20 jul. 2009.

———. Ata nº 22, de 9 de Junho de 2009. Disponível em:<www.tcu.gov.br>. Acesso em: 25 jul. 2010.

TRIBUNAL DE CONTAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. Auditoria sobre o legado dos Jogos Pan-americanos – Rio 2007 – abril e maio de 2009. Disponível em: <http://www.tcm.rj.gov.br/WEB/Site/Noticia_Detalhe.aspx?noticia=4511&detalhada=0&downloads=5>. Acesso em: 7 jul. 2010.

———. O legado do Pan: uma nova fase para o Rio? Set. 2007. Disponível em: <<http://www.tcm.rj.gov.br/Noticias/2951/aR36TCMRJ.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

UCHOAS, L. Foi um Rio que passou em nossas vidas. *Brasil de Fato*, 07 out. 2009. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/1501>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

VAZ, A. Corpo, espetáculo e fetichismo: questões para a compreensão do movimento da indústria cultural hoje. In: DURÃO, F.; ZUIN, A.; VAZ, A. (Orgs.). A indústria cultural hoje. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 199-211.